AGATHA CHRISTIE

TRÊS RATOS CEGOS

E OUTROS CONTOS



GLOBOLIVROS

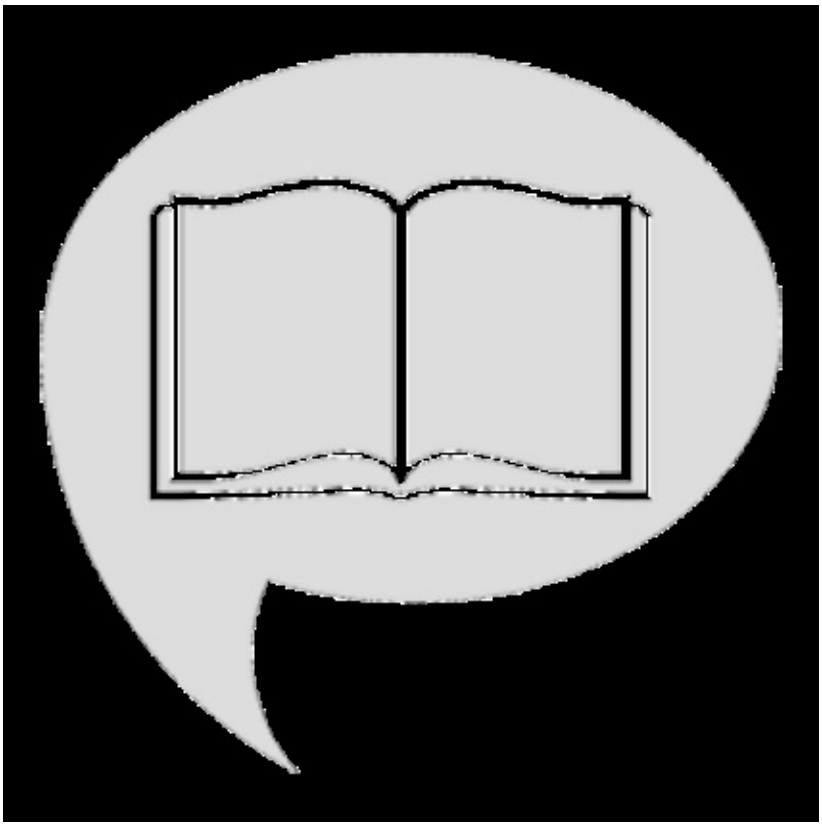
AGATHA CHRISTIE

TRÊS RATOS CEGOS

E OUTROS CONTOS



GLOBOLIVROS



N

os nove contos reunidos neste livro, Agatha Christie dá as pistas de por

q ue ela fascina gerações de leitores ao redor de todo o mundo. Publicado

p

ela primeira vez em 1950, o livro é uma preciosa amostra do estilo da

a utora, com sua precisa caracterização das personagens, indícios sendo

d

isplicentemente deixados para que o leitor se confunda e a presença

m

arcante de seus mais queridos protagonistas: o excêntrico detetive

belga Hercule Poirot e a simpática velhota miss Jane Marple.

N

o conto que dá título ao livro, Agatha usa o mesmo recurso que em E

n

ão sobrou nenhum e Os cinco porquinhos: é uma cantiga popular

i nfantil que dará as pistas e apontará os próximos passos, instaurando o

c lima soturno na trama. Aqui, o ambiente dramático é tão bem

f undamentado que foi a partir desta história que ela escreveu A ratoeira,

a peça que bateu o recorde de mais tempo em cartaz, ainda hoje sendo

encenada em Londres.

O

conjunto das histórias pode ser lido como uma espécie de mostruário

d

as diversas facetas com as quais Agatha consegue trabalhar. Se em

“ Uma estranha charada” a resolução do enigma pode levar a uma

m

isteriosa fortuna, em “Os detetives amorosos” vemos um caso de

paixão arrebatadora.

O

leitor que se embrenhar nestas histórias certamente será envolvido

p

elo delicioso emaranhado que a Rainha do Crime tece. Suas tramas são

f eitas de um verdadeiro catálogo das paixões humanas: coragem,

m

esquinharia, desejo, cobiça, curiosidade, ímpeto. Está tudo ali,

a marrado e desenvolvido com uma saborosíssima mistura de

entretenimento e inteligência.

Três ratos cegos

Três ratos cegos

Veja como eles correm

Veja como eles correm

Correm atrás da mulher do sitiante

Que seus rabinhos cortou com um trinchante

Quem terá tido visão tão chocante

Como três ratos cegos[1]

1

três ratos cegos

O frio era muito intenso. O céu estava escuro e carregado de neve. Um homem trajando uma capa escura, com o cachecol enrolado em volta do

rosto e o chapéu puxado sobre os olhos, chegou pela Culver Street e subiu

os degraus do número 74. Ele apertou a campainha e ouviu seu ruído

estridente no porão abaixo.

Mrs. Casey, com as mãos ocupadas na pia, resmungou — Droga de campainha. Não dá o menor sossego, nunca.

Ofegando um pouco, ela subiu penosamente a escada do porão e abriu a porta.

O homem cuja silhueta se destacava contra o céu baixo do lado de fora perguntou num sussurro:

— Mrs. Lyon?

— Segundo andar — disse mrs. Casey. — Pode subir. Ela está à sua espera? — O homem assentiu lentamente com a cabeça. — Bom, suba até lá e bata na porta.

Ela o seguiu com o olhar enquanto ele subia pelo carpete puído da escada.

Mais tarde ela declarou que ele “me causou uma sensação estranha”.

Mas tudo que ela pensou, na verdade, foi que ele devia estar muito resfriado para apenas conseguir sussurrar daquele jeito — o que não era de admirar com o tempo que estava fazendo.

Quando o homem dobrou a curva da escada, ele começou a assobiar baixinho. A melodia era “Três ratos cegos”.

Molly Davis deu um passo para trás e levantou os olhos para a placa recém-pintada ao lado do portão.

monkswell manor

hospedaria

Ela balançou a cabeça aprovando. Parecia, parecia mesmo, muito, ou talvez se pudesse dizer, *quase* profissional. O H de Hospedaria se aventurava um pouco para cima, e o final de Manor estava ligeiramente grudado, mas no geral Giles havia feito um trabalho maravilhoso. Giles era de fato muito talentoso. Havia muitas coisas que ele sabia fazer. Ela não parava de fazer novas descobertas sobre aquele seu marido. Ele falava tão pouco de si que ela só foi descobrindo por etapas os vários talentos que ele possuía. Um ex-marinheiro era sempre um "pau para toda obra", assim diziam. Bem, Giles precisaria de todos seus talentos em sua nova empreitada. Ninguém poderia ser mais verde no negócio de tocar uma hospedaria do que ela e Giles. Mas seria uma diversão e tanto. E resolveria o problema da moradia.

A ideia fora de Molly. Quando a tia Katherine morrera, e os advogados lhe escreveram informando que a tia havia lhe deixado sua Monkswell Manor, a reação natural do jovem casal fora vendê-la. Giles havia perguntado:

— Como ela é?

E Molly havia replicado:

— Ora, uma casa velha, grande e espaçosa, repleta de móveis vitorianos antiquados e sem graça. Um jardim bem bonito, mas terrivelmente maltratado desde a guerra porque tudo que restou foi o velho jardineiro.

E assim eles decidiram pôr a casa à venda e conservar apenas os móveis necessários para mobiliar uma casinha ou apartamento para eles. Mas duas dificuldades surgiram de imediato. Primeira, não havia casinhas ou apartamentos em oferta, e segunda, todo o mobiliário era enorme.

— Bem — disse Molly —, vamos ter mesmo que vender *tudo*. Me pergunto se venderá?

O advogado lhes garantiu que naquele momento *qualquer coisa* venderia.

— Muito provavelmente — disse ele — alguém a comprará para um hotel ou pensão, e neste caso poderia querer comprar com o mobiliário completo. Felizmente a casa está em bom estado. A falecida miss Emory havia contratado extensos reparos e modernizações pouco antes da guerra, e o imóvel se deteriorara muito pouco. Ah, sim, ele está em bom estado.

E foi aí que Molly teve a sua ideia.

— Giles — disse ela —, por que nós mesmos não podemos tocar uma hospedaria?

De início o marido havia caçoado da ideia, mas Molly persistira.

— Não precisamos receber muitas pessoas... não no começo. É uma casa fácil de administrar: tem água quente e fria nos quartos, e aquecimento central, e um fogão a gás. E podemos ter galinhas e patos, e nossos próprios ovos, e hortaliças.

— Quem vai fazer todo o trabalho... não será muito difícil conseguir criados?

— Ah, *nós* teremos de fazer o trabalho. Mas em qualquer lugar que morássemos teríamos de fazê-lo. Algumas pessoas a mais não significariam, de fato, muito mais para fazer. Nós provavelmente arranjaremos uma mulher para vir nos ajudar depois de um tempo, quando tivermos começado de verdade. Se tivermos apenas cinco pessoas, cada uma pagando sete guinéus por semana — e Molly enveredou pelos reinos de uma aritmética mental um tanto otimista.

— E pense só, Giles — ela concluiu —, seria nossa *própria* casa. Com nossas *próprias* coisas. Do jeito que as coisas estão, me parece que levará anos até encontrarmos algum lugar para viver.

Isso, Giles admitiu, era verdade. Eles haviam passado tão pouco tempo juntos desde seu apressado casamento, que estavam ansiosos para se instalar num lar.

E assim o grande experimento foi posto em marcha. Anúncios foram colocados no jornal local e no *Times*, e chegaram várias respostas.

E agora, naquele dia, o primeiro hóspede estava para chegar. Giles havia saído bem cedo de carro para tentar conseguir um pedaço de tela de arame do Exército que fora anunciada para venda no outro lado do condado.

Molly anunciou a necessidade de caminhar até o povoado para fazer

algumas compras finais.

A única coisa errada era o tempo. Nos dois últimos dias fizera um frio de rachar, e agora estava começando a nevar. Molly acelerou o passo pelo

passeio de entrada com os flocos grossos e emplumados caindo sobre seus

ombros e o cabelo loiro encaracolado. As previsões do tempo haviam sido

tétricas. Uma forte nevasca era esperada.

Molly tinha a fervorosa esperança de que os canos não congelariam.

Seria muito ruim se tudo desse errado justo no princípio. Ela consultou seu

relógio de pulso. Havia passado da hora do chá. Giles já teria voltado?

Estaria ele pensando em onde *ela* estava?

— Tive de ir novamente ao povoado para comprar uma coisa que tinha

esquecido — ela diria.

E ele daria uma risada e diria:

— Mais latas?

Latas era uma brincadeira entre eles. Estavam sempre em busca de

comida enlatada. A despensa estava realmente bem abastecida para o caso

de emergências.

E, pensou Molly com uma careta olhando para o céu, ao que parecia as

emergências se fariam presentes muito em breve.

A casa estava vazia. Giles ainda não tinha voltado. Molly entrou

primeiramente na cozinha, e depois subiu a escada para fazer a ronda dos

quartos recém-arrumados. Mrs. Boyle ficaria no quarto sul em mogno e cama com dossel. O major Metcalf no quarto azul em carvalho. Mr. Wren no quarto leste com a janela de sacada. Todos os quartos pareciam muito bonitos, e que bênção a tia Katherine ter formado um estoque tão esplêndido de roupas de cama. Molly ajeitou uma colcha no lugar e tornou a descer a escada. Estava quase escuro. A casa pareceu subitamente muito silenciosa e vazia. Era uma casa isolada, a duas milhas do povoado, duas milhas, como Molly costumava dizer, de *qualquer lugar*.

Ela já havia ficado muitas vezes sozinha na casa, mas nunca estivera tão consciente de estar sozinha nela.

A neve batia nas vidraças com um farfalhar suave, produzindo um sussurro incômodo. E se Giles não conseguisse voltar? E se a neve ficasse espessa demais para o carro passar? E se ela tivesse de ficar sozinha ali, ficar sozinha por dias, talvez?

Ela passeou o olhar pela cozinha, uma cozinha grande e acolhedora que parecia pedir uma cozinheira grande e acolhedora presidindo da mesa da cozinha, com seu maxilar se movendo compassadamente enquanto comia biscoitos e bebia chá preto — ela deveria estar cercada por uma governanta alta e idosa de um lado e uma arrumadeira do outro, e por uma ajudante de cozinha na outra extremidade da mesa observando suas superiores com os olhos assustados. E, no entanto, ali estava apenas ela, Molly Davis, desempenhando um papel que ainda não parecia muito natural a desempenhar. Sua vida inteira, naquele momento, pareceu irreal;

Giles pareceu irreal. Ela estava interpretando um papel, apenas interpretando um papel.

Uma sombra passou pela janela, e ela saltou — um estranho estava chegando através da neve. Ela ouviu o rangido da porta lateral.

O estranho ficou parado na passagem aberta, sacudindo a neve da roupa. Era um homem estranho, entrando na casa vazia.

E aí, de repente, a ilusão se desfez.

— Oh, Giles — ela gritou. — Estou tão contente que você chegou!

— Olá, querida! Que tempo mais horrível! Deus, estou *congelado*.

Ele bateu os pés e soprou entre as mãos. Automaticamente, Molly pegou o sobretudo que ele havia atirado de uma maneira bem peculiar sobre o baú de carvalho. Ela o pendurou no cabide, retirando dos bolsos estufados um cachecol, um jornal, uma bola de barbante e a correspondência matinal que ele havia enfiado ali de qualquer jeito. Ao entrar na cozinha, ela colocou as peças sobre o guarda-louça e pôs a chaleira no fogo.

— Pegou a tela? — perguntou. — Você demorou uma eternidade.

— Não era do tipo certo. Não serviria de nada para nós. Fui até outra sucata, mas aquela tampouco serviria. O que você andou fazendo? Ainda não apareceu ninguém, imagino?

— Mrs. Boyle só virá amanhã, de todo modo.

— O major Metcalf e mr. Wren deveriam chegar hoje.

— O major Metcalf enviou um cartão para dizer que só vai chegar amanhã. Então isso deixa a nós e mr. Wren para jantar. Como acha que ele é? O típico funcionário público certinho aposentado é a minha ideia.

— Não, acho que é um artista.

— Nesse caso — disse Giles —, é melhor pedir uma semana de aluguel adiantado.

— Ah, não, Giles, eles trazem bagagem. Se não pagarem, nós as retemos.

— E suponha que sua bagagem seja de pedras embrulhadas em jornal? A verdade, Molly, é que não sabemos minimamente no que estamos nos metendo neste negócio. Espero que eles não percebam o quanto somos principiantes.

— Mrs. Boyle vai notar, com certeza — disse Molly. — Ela é desse tipo de mulher.

— Como sabe? Você nunca a viu.

Molly se afastou. Ela abriu um jornal sobre a mesa, pegou um pouco de queijo, e pôs-se a ralá-lo.

— O que é isso? — perguntou o marido.

— Vou fazer torradas com queijo derretido — informou Molly. — Torradas com batata amassada e apenas uma *pitadinha* de queijo para justificar o nome.

— Que cozinheira espertinha você me saiu — disse o marido cheio de admiração.

— Bem que eu gostaria. Só consigo fazer um prato de cada vez. E a montagem deles exige muita prática. O desjejum é o pior.

— Por quê?

— Porque tudo acontece ao mesmo tempo — ovos, bacon, leite quente, café e torradas. O leite ferve e transborda, ou a torrada queima, ou o bacon encrespa, ou os ovos endurecem. É preciso ser ágil como um gato escaldado verificando tudo ao mesmo tempo.

— Vou ter de entrar de fininho amanhã de manhã para assistir a essa personificação de gato escaldado.

— A chaleira está fervendo — disse Molly. — Vamos levar a bandeja para a biblioteca e ouvir o rádio? Está quase na hora do noticiário.

— Como parece que vamos passar quase todo nosso tempo na cozinha, devíamos ter um rádio por aqui também.

— Tudo bem. Cozinhas são tão bonitas. Eu amo esta cozinha. Acho que é, de longe, o cômodo mais bonito da casa. Gosto do guarda-louça e dos pratos, e simplesmente amo a sensação de prodigalidade que um fogão de cozinha absolutamente *enorme* nos dá... embora, é claro, eu seja grata por não ter de cozinhar nele.

— Imagino que a lenha de um ano inteiro acabaria em um dia.

— Com quase toda certeza, eu diria. Mas pense nas grandes peças de carne que foram assadas nele — contrafilés de boi e lombos de carneiro — tachos de cobre colossais cheios de geleia de morango caseira consumindo quilos e mais quilos de açúcar. Como era adorável e reconfortante a Era Vitoriana. Veja o guarda-roupa lá de cima, grande, sólido e todo ornamentado — mas, oh! — que conforto divino o dele, com muito espaço para as roupas que as pessoas tinham, e cada gaveta deslizando para fora e para dentro com toda facilidade. Lembra daquele apartamento moderno e elegante que íamos alugar? Tudo embutido e corrediço — só que nada corria — emperrava sempre. E as portas de correr — só que nunca ficavam fechadas, ou, quando fechavam, não abriam mais.

— Sim, isso é o pior dos dispositivos. Se eles não funcionam bem, você está roubado.

— Bem, venha, vamos ouvir as notícias.

O noticiário consistiu principalmente de previsões sombrias sobre o tempo, o impasse habitual nos assuntos externos, altercações espirituosas no Parlamento, e um assassinato na Culver Street, em Paddington.

— Afe — disse Molly, desligando o aparelho. — Só desgraças. Eu é que não vou ficar ouvindo de novo os apelos para a economia de combustível. O que esperam que a gente faça, fique sentada e congele? Acho que não devíamos ter tentado começar uma hospedaria no inverno. Devíamos ter

esperado a primavera — ela acrescentou num tom de voz diferente. —

Gostaria de saber como era a mulher assassinada.

— Mrs. Lyon?

— Era esse o nome dela? Gostaria de saber quem queria assassiná-la e

por quê.

— Talvez ela tivesse uma fortuna embaixo das tábuas do assoalho.

— Quando dizem que a polícia está ansiosa para interrogar um homem

“avistado na vizinhança” isso significa que ele é o assassino?

— Acho que geralmente sim. É só uma maneira polida de dizer a coisa.

O som estridente de uma campainha fez os dois saltarem.

— É a porta da frente — disse Giles. — Entra... um assassino —

acrescentou gracejando.

— Seria mesmo, numa peça de teatro. Depressa. Deve ser mr. Wren.

Agora vamos ver quem tem razão sobre ele, você ou eu.

Mr. Wren e uma lufada de neve entraram juntos num turbilhão. Tudo

que Molly, parada na porta da biblioteca, pode ver do recém-chegado foi sua silhueta contra o mundo branco de fora.

“Como todos os homens se pareciam”, pensou Molly “em seus

uniformes de civilização. Sobretudo escuro, chapéu cinza, cachecol

enrolado no pescoço”.

No instante seguinte, Giles havia fechado a porta da frente contra o frio.

Mr. Wren estava desenrolando seu cachecol, depositando a maleta no chão e tirando o chapéu: tudo, assim pareceu, ao mesmo tempo e sem parar de falar. Ele tinha uma voz aguda, quase lamurienta, e sob a luz do vestíbulo revelou-se um homem jovem com uma vasta cabeleira castanha e olhos claros irrequietos.

— Muito, muito assustador — ele estava dizendo. — O pior do inverno inglês, uma volta a Dickens, Scrooge e Tiny Tim, e tudo aquilo. É preciso ser muito forte para aguentar tudo isso. Não acham? E eu fiz uma caminhada terrível pelo campo desde Wales. A senhora é mrs. Davis? Mas que encanto!

— a mão de Molly foi apanhada num aperto rápido e anguloso. — Não é nem um pouco como eu a havia imaginado. Sabe, eu a tinha imaginado como a viúva de um general do Exército indiano. Extremamente carrancuda e *memsahíbica*, e *não sei o que* Benares, uma verdadeira *não sei o que* vitoriana. Adorável, simplesmente adorável. Você tem flores-de-cera-de-geraldton? Ou estrelícias? Oh, eu vou simplesmente *amar* este lugar.

Sabe, tive medo de que fosse muito falso antigo — muito, muito, Manor House — na falta de utensílios de latão de Benares, quero dizer. Pelo contrário, é maravilhoso: a básica e autêntica respeitabilidade vitoriana.

Diga-me, você tem um daqueles lindos aparadores em mogno? Mogno purpúreo com grandes frutos entalhados?

— Na verdade — disse Molly, quase sem respirar sob a torrente de palavras —, temos.

— Não! Posso ver? Agora, aqui?

Sua rapidez era quase desconcertante. Ele havia girado a maçaneta da

porta da sala de jantar, e acendido a luz. Molly foi ao seu encalço, consciente do perfil desaprovador de Giles à sua esquerda.

Mr. Wren passou seus dedos longos e angulosos sobre o rico entalhe do aparador maciço dando gritinhos de admiração. Depois virou com um olhar

de censura para a hospedeira.

— Não tem uma mesa de jantar grande de mogno? Em vez disso, essas

mesinhas espalhadas?

— Achamos que as pessoas prefeririam assim — disse Molly.

— Querida, claro que está *muito* certa. Estava me deixando levar por meu anseio por período. Claro, se tivesse a mesa, teria de ter a família certa

ao seu redor. Pai elegante, severo, de barba; mãe prolífica, fanada, onze filhos, uma governanta carrancuda, e alguém chamada “pobre Harriet”: a

parente pobre que age como ajudante geral e é muito, muito grata por ter

recebido um bom lar. Olhe para aquela lareira, pense nas chamas saltando

para a chaminé e empolando as costas da pobre Harriet.

— Vou levar sua mala para cima — disse Giles. — Quarto leste?

— Isso — disse Molly.

Mr. Wren esgueirou-se de novo para o vestíbulo enquanto Giles subia a

escada.

— Ele tem uma cama com dossel com pequenas rosas de chita? —

perguntou.

— Não, não tem — disse Giles e desapareceu na curva da escada.

— Acho que seu marido não vai gostar de mim — disse mr. Wren. —

Ele está no quê? Na Marinha?

— Sim.

— Foi o que eu pensei. Eles são bem menos tolerantes que o Exército

ou a Força Aérea. Há quanto tempo estão casados? Está muito apaixonada

por ele?

— Talvez o senhor devesse subir para ver o seu quarto.

— Sim, claro que isso foi impertinente. Mas eu queria mesmo saber.

Quer dizer, é interessante, não acha, saber tudo sobre as pessoas? O que elas sentem e pensam, quer dizer, não apenas o que elas são e o que fazem.

— Imagino — disse Molly com voz recatada — que seja, mr. Wren.

O jovem parou. De repente, agarrou seus cabelos com ambas as mãos e

os puxou.

— Mas que horror, eu nunca ponho as coisas mais importantes em

primeiro lugar. É verdade, sou Christopher Wren. Não, não ria. Meus pais

eram um casal romântico. Eles queriam que eu fosse arquiteto. Aí acharam que seria uma ideia esplêndida me batizar de Christopher, meio caminho

andado, neste caso.

— E você é arquiteto? — perguntou Molly, sem conseguir conter um

sorriso.

— Sim, eu sou — disse mr. Wren triunfalmente. — Ao menos estou

perto de ser. Ainda não estou plenamente qualificado. Mas é de fato um exemplo

notável de pensamento positivo se confirmando. Mas repare que o

nome será um obstáculo. Eu jamais serei *o* Christopher Wren. Mas os Ninhos Pré-fabricados de Chris Wren poderão se celebrizar.

Giles desceu a escada de novo, e Molly disse:

— Vou lhe mostrar seu quarto agora, mr. Wren.

Quando ela desceu alguns minutos depois, Giles disse:

— E aí, ele gostou dos móveis de carvalho?

— Estava muito ansioso para ter uma cama com dossel, por isso eu lhe

dei o quarto rosa.

Giles resmungou e murmurou alguma coisa terminando com "...

imbecil".

— Olhe aqui, Giles — Molly assumiu uma postura severa. — Isto não é

um grupo de convidados que estamos entretendo. É negócio. Quer você

goste ou não de Christopher Wren...

— Não gosto — interpôs Giles.

— Isso não tem nada a ver. Ele está pagando sete guinéus por semana,

e é isso que importa.

— Se ele pagar, tudo bem.

— Ele concordou em pagar. Temos a sua carta.

— Você transferiu aquela mala dele para o quarto rosa?

— Ele a carregou, é claro.

— Muito galante. Mas isso não teria te esgotado. Está fora de questão

ela conter pedras embrulhadas em jornal. É tão leve que parece que não tem nada dentro.

— *Psss*, aí vem ele — avisou Molly.

Christopher Wren foi conduzido à biblioteca que parecia, no entender

de Molly, muito bonita, de fato, com seus cadeirões e a lareira. O jantar, ela

lhe informou, seria servido em meia hora. Em resposta a uma pergunta, ela

explicou que não havia nenhum outro hóspede naquele momento. Neste caso, disse Christopher, que tal se ele fosse à cozinha para ajudar?

— Posso preparar-lhe uma omelete se quiser — disse ele, prestativo.

Os procedimentos seguintes tiveram lugar na cozinha, e Christopher

ajudou com a louça.

De alguma forma, Molly sentia que aquele não era o começo certo para

uma hospedaria convencional, e Giles não havia gostado nem um pouco

daquilo. “Ora”, pensou Molly, adormecendo, “amanhã, quando os outros

chegarem, será diferente”.

A manhã chegou com o céu encoberto e neve. Giles parecia aborrecido, e o

coração de Molly estava apertado. O tempo ia dificultar as coisas.

Mrs. Boyle chegou no táxi local com correntes nas rodas, e o motorista

trouxe relatos pessimistas sobre a condição da estrada,

— A neve vai se acumular antes do anoitecer — profetizou.

A própria mrs. Boyle não aliviou o pessimismo dominante. Era uma

mulher grande, de aparência ameaçadora, com uma voz trovejante e modos dominadores. Sua agressividade natural havia sido acentuada por uma carreira de guerra de persistente e militante solicitude.

— Se não tivesse acreditado que esta era um empresa *operacional*, jamais teria vindo — disse ela. — Eu naturalmente pensei que era uma hospedaria bem estabelecida, corretamente administrada segundo princípios científicos.

— Não tem nenhuma obrigação de ficar se não estiver satisfeita, mrs. Boyle — disse Giles.

— Não tenho mesmo, e não penso fazê-lo.

— Talvez, mrs. Boyle — disse Giles —, a senhora queira telefonar pedindo um táxi. As estradas ainda não estão bloqueadas. Se houve algum mal-entendido, talvez seja melhor que vá a algum outro lugar — e acrescentou: — Temos recebido tantos pedidos de quartos que conseguiremos preencher seu lugar com grande facilidade; aliás, no futuro, vamos cobrar mais por nossas acomodações.

Mrs. Boyle lançou-lhe um olhar fulminante.

— Eu certamente não vou partir antes de testar este lugar. Talvez possa me arranjar uma toalha de banho bem grande, mrs. Davis. Não estou habituada a me secar com um lenço de bolso.

Giles sorriu para Molly por trás das costas em retirada de mrs. Boyle.

— Querido, você é maravilhoso — disse Molly. — A maneira como a enfrentou.

— As valentonas logo cedem quando provam seu próprio veneno — disse Giles.

— Oh, querido — disse Molly. — Fico só tentando imaginar como ela vai se entender com Christopher Wren.

— Não vai — disse Giles.

E, de fato, naquela mesma tarde, mrs. Boyle observou para Molly:

— É um jovem muito estranho — com nítida reprovação na voz.

O padeiro chegou parecendo um explorador ártico e entregou o pão com a advertência de que sua próxima visita, prevista para dois dias depois, poderia não se concretizar.

— Barreiras por toda parte — anunciou. — Vocês têm provisões suficientes, imagino?

— Oh, claro — disse Molly. — Temos muitas latas. Mas acho melhor pegar um pouco mais de farinha.

Ela lembrou vagamente de uma receita de pão irlandês preparado com bicarbonato de sódio. Se acontecesse o pior, ela provavelmente poderia fazê-lo.

O padeiro havia levado também os jornais, e ela os espalhou sobre a mesa do vestíbulo. Os assuntos estrangeiros haviam diminuído de

importância.

O tempo e o assassinato de mrs. Lyon ocupavam a primeira página.

Ela estava observando a reprodução borrada das feições da morta

quando a voz de Christopher Wren se fez ouvir atrás dela:

— Um assassinato bastante *sórdido*, não acha? Uma mulher de

aparência tão *tétrica* numa rua tão *tétrica*. Dá para sentir que aí tem coisa, não dá?

— Não tenho a menor dúvida — disse mrs. Boyle com um muxoxo —,

que a criatura recebeu o que merecia.

— Oh — mr. Wren virou-se para ela com insinuante ansiedade. —

Então acha que é definitivamente um crime *sexual*, não é?

— Não sugeri nada do gênero, mr. Wren.

— Mas ela *foi* estrangulada, não foi? Gostaria de saber... — ele estendeu as longas mãos brancas — ... qual a sensação de estrangular alguém.

— Por favor, mr. Wren.

Christopher aproximou-se dela, baixando a voz:

— Já considerou, mrs. Boyle, como seria ser estrangulada?

Mrs. Boyle repetiu com ainda maior indignação:

— Faça-me o favor, mr. Wren!

Molly leu apressadamente:

— O homem que a polícia está ansiosa para interrogar estava usando

um sobretudo escuro e um chapéu de feltro claro, era de estatura mediana,

e usava um cachecol de lã.

— A verdade — disse Christopher Wren —, é que ele se parece com qualquer um. — E riu.

— Sim — disse Molly. — Exatamente como qualquer um.

Em sua sala na Scotland Yard, o inspetor Parminter disse ao sargento-detetive Kane:

— Vou ver aqueles dois operários juntos.

— Sim, senhor.

— Como eles são?

— Operários decentes. Reações muito lentas. Confiáveis.

— Certo — o inspetor Parminter assentiu com a cabeça.

Naquele momento, dois homens aparentando embaraço e trajando suas melhores roupas foram introduzidos na sala. Parminter os avaliou com um olhar rápido. Gostava de deixar as pessoas à vontade.

— Então vocês acham que têm alguma informação que pode ser útil para nós no caso Lyon — disse. — Acho bom que tenham vindo. Podem se sentar. Querem fumar?

Ele aguardou enquanto eles aceitavam e acendiam os cigarros.

— Tempo pavoroso lá fora.

— Isso mesmo, senhor.

— Bem, agora... contem.

Os dois homens se entreolharam, embaraçados, agora que chegara o momento das dificuldades da narração.

— Fala, Joe — disse o maior dos dois.

Joe falou:

— Foi assim, sabe. Nós não tinha um fósforo.

— Onde foi isso?

— Jarman Street... Nós estávamos trabalhando ali na rua, na tubulação de gás.

O inspetor Parminter assentiu. Mais tarde ele chegaria aos detalhes precisos de tempo e lugar. A Jarman Street, ele sabia, ficava bem próxima da Culver Street onde ocorrera a tragédia.

— Vocês não tinham fósforo — ele repetiu para encorajar.

— Não. Acabou a minha caixa, e o isqueiro do Bill não quis funcionar, e aí eu falei pra um sujeito que estava passando. “Pode arranjar um fósforo, senhor?” eu digo. Não pensei nada em particular, não pensei, não na hora. Ele só estava passando... como muitos outros... só aconteceu de preguntar pra ele.

De novo Parminter sorriu.

— Bem, ele deu um fósforo pra nós. Ele deu. Não disse nada. “Frio de rachar” o Bill disse pra ele, e ele só respondeu meio que sussurrando, “Está mesmo”. Pegou uma friagem no peito, eu achei. Ele estava todo

embrulhado, de qualquer jeito. “Obrigado senhor”, eu digo e devolvi os fósforos pra ele, e ele se afastou depressa, tão rápido que quando eu vi que ele tinha deixado cair alguma coisa, era quase tarde demais pra chamar ele de volta. Era um caderninho que deve de ter caído do bolso dele quando ele tirou os fósforos. “Ei, senhor”, eu chamo ele, “deixou cair uma coisa”. Mas ele não parece que ouviu, só apressou o passo e virou a esquina. Não foi, Bill?

— Isso mesmo — concordou Bill. — Como um coelho apressado.

— Pela Harrow Road, ele foi, e não pareceu que nós ia alcançar ele lá, não na pressa que ele ia, e, de qualquer jeito, a essa altura era um pouco tarde. Era só um livrinho, não uma carteira de dinheiro ou alguma coisa assim, talvez não fosse importante. “Cara gozado”, eu digo. “O chapéu puxado sobre os olhos, e todo abotoado... como um bandido nos filmes”, eu digo pro Bill, não digo, Bill?

— Foi isso que você disse — concordou Bill.

— Gozado que eu disse isso, não que eu pensei alguma coisa na hora. Estava com pressa de chegar em casa, foi o que eu pensei, e não culpei ele. Não com o frio que tava fazendo!

— Não com o frio — concordou Bill.

— Daí o Bill diz “Vamos dar uma olhada nesse livrinho pra ver se é importante”. Pois bem, senhor, eu dei uma olhada. “Só uns endereços”, eu digo pro Bill. Culver Street setenta e quatro é um casarão.

— Metido — disse Bill com um resmungo de desaprovação.

Joe prosseguiu com sua história com gosto, agora que fora instigado.

— “Culver Street setenta e quatro”, eu digo pro Bill. “É bem ali virando a esquina. Quando a gente largar o serviço, levamos lá”. E aí eu vejo alguma coisa escrita no alto da página. “O que é isso?” eu digo pro Bill. E ele pega e lê em voz alta “‘Três ratos cegos’ — deve ter tirado da sua cachola”, ele diz. E nesse exato momento, sim, foi nesse exato momento, senhor, nós escuta uma mulher gritando, “Assassino!” umas duas ruas de distância!

Joe fez uma pausa neste clímax artístico.

— Ela não meio que gritou? — ele retomou. — “Olha”, eu digo pro Bill, “dá um pulo lá”. E ele volta um pouco depois e diz que tem uma grande multidão e a polícia tá lá, e uma mulher tá com a garganta cortada ou foi estrangulada e que foi a senhoria que encontrou, gritando pra polícia.

“Onde que estava?” eu digo pra ele. “Na Culver Street”, ele diz. “Que número?” eu pergunto, e ele diz que não percebeu direito.

Bill tossiu e arrastou os pés com o ar encabulado de alguém a que não se saíra bem de uma missão.

— Aí eu digo, “Vamos dar um pulo e verificar”, e quando eu descubro que é o número 74 nós discutimos, e “Talvez”, diz o Bill, “o endereço no caderno não tem nada que ver com isso”, e eu digo que talvez *tem*, e, seja como for, depois que nós discutimos e ouvimos que a polícia queria interrogar um homem que tinha saído da casa naquela hora, bem, nós viemos aqui e pedimos pra ver o senhor que está cuidado do caso, e eu espero que não estamos fazendo o senhor perder seu tempo.

— Vocês fizeram muito bem — disse Parminter, solidário. —

Trouxeram o caderno? Obrigado. Agora...

Suas perguntas se tornaram ríspidas e profissionais. Ele obteve lugares, horas, datas; a única coisa que não conseguiu foi uma descrição do homem que deixara cair o caderno. Em vez disso, conseguiu a mesma descrição que já havia obtido de uma senhoria histérica, a descrição de um chapéu baixado sobre os olhos, um sobretudo abotoado, um cachecol enrolado sobre a parte inferior de um rosto, uma voz que era apenas um sussurro, mãos enluvadas.

Depois que os homens se retiraram, ele permaneceu fitando o livrinho que repousava aberto sobre a sua mesa. Ele iria em seguida ao departamento apropriado para ver que evidências de impressões digitais, se houvessem, ele poderia revelar. Mas agora sua atenção era retida pelos dois endereços e pela linha escrita com caligrafia miúda no alto da página.

Ele virou a cabeça quando o inspetor Kane entrou na sala.

— Venha cá, Kane. Dê uma olhada nisto.

Kane parou ao seu lado e deixou escapar um leve assobio enquanto lia:

— Três ratos cegos! Bem, estou confuso!

— Sim — Parminter abriu uma gaveta e tirou uma meia folha de caderno que colocou ao lado do caderno sobre a escrivaninha. Ela fora encontrada cuidadosamente presa com um alfinete na mulher assassinada. Nela estava escrito, “Esta é a primeira”. Embaixo havia um desenho infantil de três ratos e um compasso musical.

Kane assobiou baixinho a melodia “Três ratos cegos, Veja como eles correm”...

— É essa, claro. É a melodia tema.

— É uma maluquice, não é, senhor?

— É — Parminter franziu a testa. — A identificação da mulher é concludente?

— Sim, senhor. Eis um relatório do departamento de impressões digitais. Mrs. Lyon, como ela se chamava, era na verdade Maureen Gregg. Ela foi solta de Holloway dois meses atrás depois de cumprir sua sentença.

Parminter disse pensativo:

— Ela foi ao número 74 da Culver Street dizendo que se chamava Maureen Lyon. Ocasionalmente bebia um bocado e era sabido que levara um homem para casa em sua companhia uma ou duas vezes. Não parecia ter medo de nada, nem de ninguém. Não há por que acreditar que ela se sentisse em perigo. Aquele homem toca a campainha, pergunta por ela, e a senhoria lhe diz para subir ao segundo andar. Ela não consegue descrevê-lo, diz apenas que era de estatura mediana e parecia estar muito resfriado e afônico. Ela voltou ao porão e não ouviu nada de natureza suspeita. Não ouviu o homem sair. Cerca de dez minutos mais tarde, ela levou chá para sua inquilina e encontrou-a estrangulada.

— Este não foi um assassinato casual, Kane. Foi cuidadosamente planejado — ele fez uma pausa e depois acrescentou bruscamente: — Eu

me pergunto quantas casas haverá na Inglaterra que se chamam Monskwell Manor?

— Deve haver apenas uma, senhor.

— Isso provavelmente seria sorte demais. Mas vá em frente. Não há tempo a perder.

O olhar do sargento pousou pensativo nas duas anotações no caderno

— "Culver Street, 74 Monkswell Manor". Ele disse:

— Então acha...

Parminter disse prontamente:

— Acho. Você não?

— Pode ser. Monkswell Manor... deixe ver... sabe, senhor, eu poderia jurar que vi esse nome não faz muito tempo.

— Onde?

— É o que estou tentando me lembrar. Espere um instante. Jornal, *Times*. Última página. Espere um instante... Hotéis e hospedarias... Meio segundo, senhor... é um antigo. Eu estava fazendo as palavras cruzadas.

Ele saiu apressado da sala e retornou triunfante:

— Aqui está, senhor, veja.

O inspetor seguiu o dedo indicador.

— Monkswell Manor, Harpleden, Berks. — Ele puxou o telefone para si.

— Me ligue para a polícia de Berkshire County.

Com a chegada do major Metcalf, Monkswell Manor se acomodou em sua rotina de empresa em plena operação. O major Metcalf não era nem imponente como mrs. Boyle, nem inconstante como Christopher Wren. Era um homem impassível de meia idade com aparência estritamente militar que cumprira a maior parte de seu serviço na Índia. Pareceu satisfeito com seu quarto e o mobiliário, e embora ele e mrs. Boyle não tivessem reconhecido de fato amigos comuns, ele havia conhecido primos de amigos dela — "o ramo de Yorkshire", em Poonah. Mas sua bagagem, duas malas pesadas de couro de javali, satisfez até a natureza desconfiada de Giles.

É preciso que se diga que Molly e Giles não tiveram muito tempo para especular sobre seus hóspedes. O jantar foi preparado, servido, comido e a louça lavada satisfatoriamente por ambos. O major Metcalf elogiou o café e Giles e Molly recolheram-se ao leito exaustos, mas triunfantes, para ser despertados por volta das duas da manhã pelo soar persistente de uma campainha.

— Droga — disse Giles. — É a porta da frente. Que diabos...

— Depressa — disse Molly. — Vá atender.

Lançando um olhar de reprovação para ela, Giles se envolveu no seu robe e desceu a escada. Molly ouviu os ferrolhos serem destravados e um murmúrio de vozes no vestíbulo. Em seguida, movida pela curiosidade, ela se esgueirou para fora da cama e foi espiar do alto da escada. No vestíbulo abaixo, Giles estava ajudando um estranho de barba a tirar o sobretudo coberto

de neve. Fragmentos de conversa flutuaram até ela.

— Brrr — foi um som estrangeiro explosivo. — Meus dedos estão tão gelados que não consigo senti-los. E meus pés... — ouviu-se um som de pés batendo no chão.

— Venha até aqui — Giles abriu a porta da biblioteca. — Está quente. É melhor esperar aqui enquanto preparo um quarto.

— Sou mesmo um sortudo — disse o estranho polidamente.

Molly espiou cheia de curiosidade por entre os balaústres. Ela viu um homem idoso com uma pequena barba preta e sobrancelhas mefistofélicas. Um homem que caminhava com passadas jovens e vigorosas a despeito dos cabelos grisalhos em suas têmporas.

Giles fechou a porta da biblioteca às costas dele e subiu rapidamente a escada. Molly, que estava encurvada, endireitou-se.

— Quem é? — perguntou.

Giles sorriu. — Mais um hóspede para a hospedaria. O carro dele capotou num monte de neve. Ele conseguiu sair e estava andando como podia pela estrada, com a nevasca ainda forte. Foi quando ele viu nossa placa. Ele disse que foi como uma prece atendida.

— Acha que ele é... legal?

— Querida, este não é o tipo de noite para um arrombador estar fazendo as suas incursões.

— Ele é estrangeiro, não é?

— Sim. Seu nome é Paravicini. Vi sua carteira, acho até que ele me

mostrou de propósito, simplesmente estufada de notas. Qual quarto vamos lhe dar?

— O verde. Ele está todo arrumado e pronto. Só é preciso fazer a cama.

— Imagino que vou ter de lhe emprestar um pijama. Todas as suas

coisas ficaram no carro. Ele disse que teve de sair pela janela.

Molly foi buscar lençóis, fronhas e toalhas.

Enquanto eles arrumavam às pressas a cama, Giles disse:

— A neve está muito alta. Vamos ficar bloqueados, Molly,

completamente isolados. É muito emocionante, de certa forma, não é?

— Não sei — disse Molly, em dúvida. — Acha que consigo fazer pão

irlandês, Giles?

— Claro que consegue. Você consegue fazer qualquer coisa — disse o

leal marido.

— Nunca tentei fazer pão. É o tipo de coisa que nunca vão precisar

fazer. Pão é uma coisa que o padeiro simplesmente traz. Mas se ficarmos isolados pela neve, não vai haver padeiro.

— Nem açougueiro, nem carteiro. Sem jornais. E provavelmente sem

telefone.

— Só o rádio para nos dizer o que fazer?

— Pelo menos geramos nossa própria luz elétrica.

— Você precisa ligar o motor de novo amanhã. E precisamos manter o aquecimento central bem abastecido.

— Imagino que nosso próximo lote de coque não vai chegar agora. Nosso estoque está muito baixo.

— Que chato, Giles, sinto que vamos enfrentar tempos simplesmente terríveis. Vamos, vá buscar o Para... seja lá qual for o nome dele. Vou voltar para a cama.

A manhã confirmou os vaticínios de Giles. A neve havia se acumulado até uma altura de um metro e meio, bloqueando portas e janelas.

Do lado de fora, a neve continuava caindo. O mundo estava branco, silencioso e, de alguma maneira sutil, ameaçador.

Mrs. Boyle estava tomando seu desjejum. Não havia mais ninguém na sala de jantar. Na mesa adjacente, o lugar do major Metcalf havia sido limpo. A mesa de mr. Wren estava posta para o café da manhã. Uma madrugadora, presumivelmente, e um retardatário. Mrs. Boyle estava certa de que só havia um horário apropriado para o desjejum, nove horas.

Mrs. Boyle terminara sua excelente omelete e estava triturando uma torrada com os fortes dentes brancos. Estava se sentindo rancorosa e indecisa. Monkswell Manor não era tudo que ela havia imaginado que seria. Ela havia esperado jogar bridge, solteironas fanadas que poderiam se impressionar com sua posição social e suas conexões e a quem poderia

insinuar a importância e confidencialidade de seu serviço na guerra.

O fim da guerra deixara mrs. Boyle abandonada, por assim dizer, numa praia deserta. Ela sempre fora uma mulher atarefada, falando fluentemente sobre eficiência e organização. Seu vigor e sua impetuosidade haviam impedido as pessoas de perguntarem se ela era, de fato, uma organizadora boa e eficiente. As atividades de guerra lhe caíam como uma luva. Ela havia comandado e intimidado pessoas, aborrecido chefes de departamentos e, para lhe fazer justiça, em nenhum momento se poupou. Mulheres subservientes haviam corrido de um lado para outro, aterrorizadas pela sua mais leve carranca.

Agora, porém, toda aquela vida agitada e excitante se fora. Ela estava de volta à vida privada, e sua antiga vida privada havia desaparecido. Sua casa, que fora requisitada pelo Exército, precisava de reparos completos e redecoração para ela poder reocupá-la, e as dificuldades de conseguir ajuda doméstica tornavam impraticável um retorno a ela, de qualquer sorte. Seus amigos estavam em grande parte dispersos e desaparecidos. Ela seguramente encontraria seu nicho, mas no momento o caso era de ganhar tempo. Um hotel ou hospedaria pareceu ser a resposta. E mrs. Boyle havia escolhido Monkswell Manor.

Ela percorreu a sala com um olhar de desaprovação.

“ Muito desonesto” disse para si mesma “não terem me contado que estavam apenas começando”.

Ela empurrou seu prato para longe. O fato de seu desjejum ter sido muito bem preparado e servido, com café bom e geleia caseira, curiosamente, a aborreceu ainda mais. Havia privado mrs. Boyle de um motivo legítimo para se queixar. Sua cama também era confortável, com lençóis bordados e um travesseiro macio.

Mrs. Boyle apreciava o conforto, mas também gostava de encontrar defeitos. Das duas, a última era, talvez, a paixão mais forte.

Levantando-se majestosamente, mrs. Boyle saiu da sala de jantar, cruzando na porta com aquele jovem muito estranho de cabelos ruivos. Naquela manhã ele estava usando uma gravata quadriculada de um verde berrante, uma gravata de lã.

"Ridículo", disse mrs. Boyle para si. "Muito ridículo". O modo como ele a olhou, de soslaio, com aqueles seus olhos claros, ela não gostou. Havia algo de incômodo, incomum, naquele olhar levemente zombeteiro.

"Mentalmente desequilibrado, eu devia imaginar", disse mrs. Boyle para si.

Ela correspondeu à mesura exuberante dele com uma leve inclinação de cabeça e marchou para a grande sala de estar. Cadeiras confortáveis aqui, particularmente a grande de cor rosa. Era bom ela deixar claro que aquela seria a *sua* cadeira. Depositou seu tricô sobre ela como precaução e foi encostar a mão no aquecedor. Como havia suspeitado, ele estava apenas morno, não quente. Os olhos de mrs. Boyle brilharam militantemente. Ela teria algo a dizer sobre *aquilo*.

Olhou pela janela. Tempo horrível, muito horrível. Bem, ela não ficaria

muito tempo ali, não a menos que viessem mais pessoas e tornassem o lugar divertido.

Um pouco de neve deslizou do telhado com um assobio suave.

Mrs. Boyle se sobressaltou.

— Não — disse ela em voz alta. — Não vou ficar por aqui muito tempo.

Alguém riu, uma risadinha aguda e fraca. Ela virou a cabeça bruscamente. O jovem Wren estava parado na porta, olhando para ela com aquela sua expressão curiosa.

— Não — disse ele —, imagino que não.

O major Metcalf estava ajudando Giles a limpar a neve da porta dos fundos. Era um bom trabalhador, e Giles era muito estrondoso em suas expressões de gratidão.

— Bom exercício — disse o major Metcalf. — Preciso me exercitar todo dia. Tenho que manter a forma, sabe.

O major era do tipo atlético. Giles já esperava que fosse, pois fez seu pedido de desjejum para as sete e meia.

Como se estivesse lendo os pensamentos de Giles, o major disse:

— Foi bondade de sua senhora preparar meu café da manhã cedo. Bom ter um ovo mexido na hora também.

O próprio Giles havia despertado antes das sete por conta das exigências da hospedaria. Ele e Molly haviam comido ovos cozidos e chá, e em seguida foram cuidar das salas de estar. Estava tudo arrumado e limpo.

Giles não pôde deixar de pensar que se fosse um hóspede em seu próprio estabelecimento, nada o teria tirado da cama numa manhã como aquela até o último momento possível.

O major, contudo, estava de pé e de desjejum tomado, e perambulava pela casa, aparentemente cheio de energia querendo extravasar.

“Bem”, pensou Giles, “há um bocado de neve para cavar.” Ele olhou de lado para seu companheiro. Não era um homem fácil de classificar, de fato. Voluntarioso, bem acima da meia idade, com algo de curiosamente vigilante no olhar. Um homem que não se traía. Giles se perguntou por que ele teria ido a Monkswell Manor. Desmobilizado, talvez, e sem emprego.

Mr. Paravicini desceu mais tarde. Ele tomou café e comeu uma fatia de torrada — um desjejum continental frugal.

Ele deixou Molly um tanto desconcertada quando ela lhe levou a comida, levantando-se, fazendo uma mesura exagerada, e exclamando:

— Minha encantadora hospedeira? Estou certo, não estou?

Molly admitiu laconicamente que sim. Não estava com ânimo para cumprimentos naquela hora.

— E por que — disse ela enquanto empilhava louça na pia — todo mundo precisa fazer seu desjejum numa hora diferente... É duro.

Ela colocou os pratos no escorredor e subiu a escada às pressas para arrumar as camas. Não poderia esperar nenhuma ajuda de Giles naquela

manhã. Ele teria de limpar o caminho para a casa da caldeira e o galinheiro.

Molly arrumou as camas a toda pressa e, reconhecidamente, da

maneira mais desleixada, alisando lençóis e colocando-os no lugar o mais depressa que podia.

Estava lidando nos banheiros quando o telefone tocou.

Molly primeiramente praguejou ao ser interrompida, e depois sentiu

uma leve sensação de alívio pelo fato de ao menos o telefone ainda estar funcionando, enquanto descia a escada correndo para atendê-lo.

Ela chegou um pouco sem fôlego à biblioteca e levantou o receptor.

— Alô?

Uma voz enérgica com um leve, mas agradável, sotaque campestre: —

Aí é Monkswell Manor?

— Hospedaria Monkswell Manor.

— Posso falar com o comandante David, por favor?

— Temo que ele não possa vir ao telefone neste momento — disse

Molly. — Aqui é mrs. Davis. Quem está falando, por favor?

— Superintendente Hogben, polícia de Berkshire.

Molly teve um pequeno sobressalto. Ela disse: — Oh, sim... er... sim?

— Mrs. Davis, surgiu um assunto muito urgente. Não quero dizer muito

pelo telefone, mas enviei o sargento - detetive Trotter até aí, ele já deve estar chegando.

— Mas ele não conseguirá chegar aqui. Estamos ilhados pela neve...

completamente ilhados. As estradas estão intransitáveis.

A voz na outra ponta permaneceu imperturbável.

— Trotter vai chegar aí, pode crer — ele disse. — E, por favor, informe seu marido, mrs. Davis, para ouvir atentamente o que Trotter tem para lhe dizer, e seguir suas instruções corretamente. Isso é tudo.

— Mas, superintendente Hodgen, o que...

Mas houve um clique decisivo. Hodgen havia dito claramente tudo que tinha para dizer e desligara. Molly acionou o gancho uma ou duas vezes, e depois desistiu. Ela se virou quando a porta se abria.

— Ah, Giles querido, que bom que você chegou.

Giles tinha neve no cabelo e um bocado de fuligem de carvão na face.

Ele parecia quente.

— O que foi, querida? Enchi os baldes de carvão e trouxe a lenha. Vou cuidar das galinhas em seguida e depois dar uma olhada na caldeira. Está tudo bem? Qual é o problema, Molly? Você parece assustada.

— Giles, era a *polícia*.

— A polícia? — Giles pareceu intrigado.

— Sim, eles estão mandando um inspetor ou um sargento, algo assim.

— Mas por quê? O que foi que nós fizemos?

— Não sei. Acha que pode ser aquelas duas libras de manteiga que compramos da Irlanda?

Giles franziu a testa.

— Eu me lembro de ter obtido a licença do rádio, não foi?

— Sim, está na escrivaninha. Giles, a velha mrs. Bidlock me deu cinco dos seus cupons por aquele meu velho casaco de tweed. Imagino que isso seja errado... mas *acho* que é perfeitamente justo. Se eu fiquei sem o casaco, por que não deveria ter os cupons? Ah, querido, o que mais podemos ter feito?

— Eu quase bati o carro outro dia desses. Mas foi culpa do outro sujeito. Definitivamente.

— Devemos ter feito *alguma* coisa — choramingou Molly.

— O problema é que praticamente tudo que se faz hoje em dia é ilegal — disse Giles, sombrio. — É por isso que temos um sentimento permanente de culpa. Na verdade, acho que tem a ver com a administração deste lugar. Tocar uma hospedaria provavelmente está cheio de exigências de que nunca ouvimos falar.

— Pensei que bebida era a única coisa que importava. Não demos nada de beber a ninguém. Fora isso, por que não poderíamos governar nossa casa do nosso jeito?

— Eu sei. Parece que está certo. Mas como eu digo, hoje em dia tudo é mais ou menos proibido.

— Oh, querido — suspirou Molly. — Queria que a gente não tivesse começado. Vamos ficar ilhados pela neve durante dias, e todos vão ficar irritados, e eles vão acabar com nossas reservas de latas...

— Anime-se, querida — disse Giles. — Estamos passando por um mau pedaço no momento, mas tudo vai dar certo.

Ele a beijou distraidamente no alto da cabeça e, soltando-a, disse numa voz diferente:

— Sabe, Molly, eu estive pensando, deve ser alguma coisa muito séria para enviarem um sargento-detetive até aqui com tudo isso — ele fez um gesto com a mão indicando a neve do lado de fora. Ele disse: — Deve ser alguma coisa realmente *urgente*...

Enquanto se entreolhavam, a porta se abriu, e mrs. Boyle entrou.

— Ah, aí está, mr. Davis — disse mrs. Boyle. — Sabe que o aquecimento central na sala de estar está praticamente gelado?

— Desculpe, mrs. Boyle. Estamos com pouquíssimo carvão e...

Mrs. Boyle o cortou, implacável:

— Estou pagando sete guinéus por semana aqui — *sete* guinéus. E *não* pretendo congelar.

Giles enrubesceu e disse de estalo:

— Vou subir e alimentá-lo.

Ele saiu da sala, e mrs. Boyle virou-se para Molly.

— Se não se importa que eu lhe diga, mrs. Davis, tem um jovem muito estranho hospedado aqui. Seus modos... e suas gravatas... E nunca penteia o cabelo?

— Ele é um jovem arquiteto extremamente brilhante — disse Molly.

— O que quer dizer?

— Christopher Wren é um arquiteto e...

— Minha cara mocinha — rosnou mrs. Boyle. — Eu naturalmente ouvi falar de sir Christopher Wren. Evidente que ele foi um arquiteto. Ele construiu a catedral de St. Paul. Vocês jovens parecem pensar que a educação começou com a Lei da Educação.

— Quis dizer este Wren. Seu nome é Christopher. Seus pais o batizaram assim porque esperavam que ele se tornasse arquiteto. E ele é... ou quase... um, de modo que deu tudo certo.

— *Hunf* — rosnou mrs. Boyle. — Parece-me uma história muito suspeita. Eu faria algumas inquirições sobre ele, se fosse você. O que sabe sobre ele?

— Quase o mesmo tanto que sei sobre a senhora, mrs. Boyle: que ambos, a senhora e ele, estão pagando sete guinéus por semana. Isso é realmente tudo que eu preciso saber, não é? E tudo que me diz respeito.

Para mim, não importa se eu gosto de meus hóspedes, ou se... — Molly olhou fixamente para mrs. Boyle — ou se não gosto.

Mrs. Boyle avermelhou de raiva:

— Você é jovem e inexperiente, e devia aceitar conselhos de alguém mais experiente do que você. E aquele estrangeiro estranho? Quando foi que *ele* chegou?

— No meio da noite.

— Mesmo? Muito peculiar. Não é uma hora muito convencional.

— É contra a lei rejeitar viajantes de boa fé, mrs. Boyle — acrescentou Molly suavemente. — A senhora talvez não esteja ciente disso.

— Tudo que eu posso dizer é que esse Paravicini, ou sabe-se lá como ele se chama, me parece...

— Cuidado, cuidado, cara senhora. Basta falar no diabo que ele...

Mrs. Boyle deu um salto como se o próprio diabo houvesse falado com ela. Mr. Paravicini, que havia entrado de mansinho sem que nenhuma das duas mulheres o notassem, deu uma risada e esfregou as mãos numa espécie de regozijo satânico.

— O senhor me assustou — disse mrs. Boyle. — Não o ouvi entrar.

— Eu entro na ponta dos pés — disse mr. Paravicini —, e assim ninguém me escuta entrar e sair. Acho divertido. Às vezes entreouço coisas. Isso também me diverte — e acrescentou suavemente: — Mas nunca esqueço o que ouço.

Mrs. Boyle disse bem baixinho:

— Mesmo? Preciso pegar meu tricô... eu o deixei na sala de estar.

E saiu apressada. Molly ficou olhando para mr. Paravicini com uma expressão intrigada. Ele se aproximou dela saltitando.

— Minha adorável hospedeira parece aborrecida — e antes que ela

pudesse evitar, pegou sua mão e beijou. — O que houve cara senhora?

Molly se retraiu. Não estava certa se gostava de mr. Paravicini. Ele a fitava lubricamente como um velho sátiro.

— As coisas estão muito difíceis esta manhã — disse ela gentilmente.

— Por causa da neve.

— Sim — mr. Paravicini girou a cabeça para olhar pela janela. — A neve torna tudo muito difícil, não é? Ou torna as coisas muito fáceis.

— Não entendo o que quer dizer.

— Não — disse ele, pensativo. — Há muita coisa que não sabe. Em primeiro lugar, acho que não sabe administrar muito bem uma hospedaria.

Molly levantou o queixo com altivez.

— Admito que nós não sabemos. Mas pretendemos ser bem-sucedidos nisso.

— Bravo, bravo.

— Afinal — a voz de Molly trazia uma leve ansiedade —, não sou uma péssima cozinheira...

— Você é, sem dúvida, uma cozinheira encantadora — disse mr. Paravicini.

“Como os estrangeiros eram chatos”, pensou Molly.

Mr. Paravicini talvez tenha lido seus pensamentos. De um jeito ou de outro, seus modos mudaram. Ele falou calmamente e muito sério:

— Me permite lhe dar um pequeno conselho, mrs. Davis? Você e seu marido não deviam ser tão crédulos, sabe? Vocês têm referências sobre estes seus hóspedes?

— Isso é habitual? — Molly parecia confusa. — Achei que as pessoas simplesmente... viessem.

— É sempre aconselhável saber um pouco sobre as pessoas que dormem embaixo do seu teto — ele se inclinou para frente e deu-lhe um tapinha ameaçador no ombro. — Veja o meu caso, por exemplo. Eu cheguei no meio da noite. Meu carro capotou num monte de neve. O que você sabe de mim? Absolutamente nada. Talvez não saiba nada, tampouco, de seus outros hóspedes.

— Mrs. Boyle... — começou Molly, mas silenciou quando a própria dama voltava ao recinto com o tricô na mão.

— A sala de estar estava demasiado fria. Vou me sentar aqui — ela marchou para a lareira.

Mr. Paravicini saltitou rapidamente na frente dela:

— Me permita atiçar o fogo para a senhora.

Molly ficou perplexa, como havia ficado na noite anterior, com a agilidade jovial de seu passo. Ela notou que ele parecia estar sempre cuidando de ficar de costas para a luz, e agora, vendo-o de joelhos atiçando o fogo, pensou que havia entendido por quê. O rosto de mr. Paravicini estava cuidadosa, mas nitidamente maquiado.

Então o velho idiota tentava parecer mais jovem do que era, não é?

Bem, ele não conseguira. Parecia ter toda sua idade e mais. Somente o andar jovial parecia destoar. Talvez este também fosse cuidadosamente

falsificado.

Ela foi trazida de sua especulação para as realidades desagradáveis

pela entrada brusca do major Metcalf.

— Mrs. Davis. Temo que os canos do... er... — ele baixou a voz,

encabulado — lavatório do térreo estejam congelados.

— Ai, ai — gemeu Molly. — Que dia horrível. Primeiro a polícia e agora

os canos.

Mr. Paravicini deixou cair o atiçador na lareira com estrépito.

Mrs. Boyle parou de tricotar. Molly, olhando para o major Metcalf, ficou intrigada com sua súbita imobilidade rígida e a expressão indescritível em seu rosto. Era uma expressão que ela não conseguia decifrar. Era como se toda a emoção tivesse sido drenada dele, deixando para trás um entalhe de madeira. Ele disse com a voz entrecortada:

— *Polícia*, você disse?

Molly sentiu que havia por trás da impassibilidade de sua conduta

alguma emoção violenta em ação. Podia ser medo, ou vigilância, ou

excitação... mas havia *algo*. “Este homem”, disse para si, “poderia ser perigoso”.

Ele tornou a dizer, desta vez com apenas uma leve curiosidade na voz:

— Que história é essa de polícia?

— Eles telefonaram — disse Molly. — Agora há pouco. Para dizer que estão enviando um sargento até aqui — ela olhou para a janela. — Mas duvido que ele consiga chegar — concluiu, esperançosa.

— Por que estão enviando a polícia aqui? — Ele deu um passo na direção dela, mas antes que ela pudesse responder a porta se abriu, e Giles entrou.

— Esse maldito carvão, mais da metade é pedra — disse ele, irritado.

Depois acrescentou vivamente: — O que está havendo?

O major Metcalf virou-se para ele.

— Ouvi dizer que a polícia está vindo para cá — disse. — Por quê?

— Ah, tudo bem — disse Giles. — Ninguém vai conseguir passar nisto. Caramba, a neve está com cinco pés de espessura. A estrada está completamente obstruída. Ninguém vai conseguir chegar aqui hoje.

Nesse exato instante soaram distintamente três batidas fortes na janela.

Todos se sobressaltaram. Por alguns instantes, eles não localizaram o som que chegava com a ênfase e a ameaça de uma advertência espectral.

E aí, com um grito, Molly apontou para a porta-balcão. Um homem estava ali parado batendo na vidraça, e o mistério de sua chegada foi explicado pelo fato de estar usando esquis.

Com um protesto, Giles cruzou a sala, acionou a tranca, e abriu a porta-

balcão.

— Obrigado, senhor — disse o recém-chegado. Ele tinha uma voz jovial, um tanto comum, e o rosto muito bronzeado. — Sargento-detetive

Trotter — ele anunciou.

Mrs. Boyle o examinou por cima de seu tricô com desaprovação.

— Não pode ser sargento — ela disse em tom depreciativo. — É jovem

demais.

O jovem, que de fato era muito jovem, pareceu ofendido por essa crítica

e disse num tom levemente aborrecido:

— Não sou tão jovem quanto pareço, senhora.

Seus olhos percorreram o grupo e escolheram Giles.

— É mr. Davis? Posso tirar estes esquis e guardá-los em algum lugar?

— Claro, venha comigo.

Mrs. Boyle disse acidamente para a porta do vestíbulo fechada atrás

deles:

— Imagino que seja para isso que pagamos nossa força policial, hoje

em dia. Para sair por aí praticando esportes de inverno.

Mr. Paravicini havia se aproximado de Molly. Havia um cicio em sua

voz quando ele sussurrou, rapidamente:

— Por que chamou a polícia, mrs. Davis?

Molly se retraiu um pouco diante da dura malignidade do seu olhar.

Era um novo mr. Paravicini. Por um momento, ela sentiu medo, e disse desamparada:

— Mas eu não chamei, não chamei.

Nesse momento, Christopher Wren entrou excitado pela porta, dizendo num sussurro perfeitamente audível:

— Quem é esse homem no vestíbulo? De onde ele veio? Tão animado e todo coberto de neve.

A voz de mrs. Boyle trovejou sobre o estalido de suas agulhas de tricô:

— Acreditem ou não, mas esse homem é um policial. Um policial... esquiando!

A irrupção final das classes inferiores havia chegado, seus modos pareciam dizer.

O major Metcalf murmurou para Molly:

— Por favor, mrs. Davis, posso usar seu telefone?

— Claro, major Metcalf.

Ele foi até o aparelho no momento em que Christopher Wren dizia com voz estridente:

— Ele é muito bonito, não acham? Sempre achei policiais extremamente atraentes.

— Alô, alô... — o major Metcalf estava chacoalhando o telefone com irritação. Ele se virou para Molly. — mrs. Davis, este telefone está mudo, absolutamente mudo.

— Ele estava funcionando agora há pouco. Eu...

Ela foi interrompida. Christopher Wren ria, uma risada alta, estridente, quase histérica.

— Então estamos bem isolados agora. Bem isolados. É engraçado, não é?

— Não vejo nenhum motivo para rir nisso — disse o major Metcalf rigidamente.

— Não mesmo — disse mrs. Boyle.

Christopher continuava tendo acessos de riso.

— É uma piada particular minha — disse. — *Psss* — ele pôs o dedo sobre os lábios. — O detetive está vindo.

Giles entrou com o sargento Trotter. Este havia se livrado de seus esquis e limpado a neve, e segurava na mão um grande caderno e um lápis. Trazia consigo uma atmosfera de procedimento judicial sem pressa.

— Molly — disse Giles —, o detetive Trotter quer ter uma conversa a sós conosco.

Molly os acompanhou para fora da sala.

— Vamos ao estúdio — disse Giles.

Eles entraram na saleta nos fundos do vestíbulo que era dignificada por esse nome. O sargento Trotter fechou a porta cuidadosamente atrás de si.

— O que foi que fizemos, sargento? — perguntou Molly com voz queixosa.

— Fizemos? — o sargento Trotter a fitou. Depois, abriu um largo sorriso. — Oh, não é nada disso, senhora. Lamento se houve algum mal entendido desse tipo. Não, mrs. Davis, é algo muito diferente. É mais uma questão de proteção policial, se me entende.

Sem compreender nada do que ele dizia, os dois o fitaram inquisitivamente.

O sargento Trotter prosseguiu com fluência:

— Relaciona-se à morte de mrs. Lyon, mrs. Maureen Lyon, que foi assassinada em Londres há dois dias. Vocês devem ter lido sobre o caso.

— Sim — disse Molly.

— A primeira coisa que eu quero saber é se conheciam essa mrs. Lyon?

— Nunca ouvi falar dela — disse Giles, e Molly murmurou sua anuência.

— Bem, isso é bem o que nós esperávamos. Mas a verdade é que Lyon não era o nome real da mulher assassinada. Ela tinha ficha policial, e suas impressões digitais estavam arquivadas, por isso conseguimos identificá-la sem a menor dificuldade. Seu nome verdadeiro era Gregg, Maureen Gregg. Seu falecido marido, John Gregg, era um fazendeiro que residia em Longridge Farm não muito longe daqui. Vocês devem ter ouvido falar do

caso de Longridge Farm.

A sala ficou muito silenciosa. Apenas um som quebrou o silêncio, um

suave e inesperado *plop* quando um floco de neve se soltou do telhado e caiu no chão do lado de fora. Foi um som misterioso, quase sinistro.

Trotter prosseguiu:

— Três crianças refugiadas foram alojadas com os Gregg em Longridge

Farm em 1940. Uma dessas crianças posteriormente morreu em razão de

negligência criminosa e maus-tratos. O caso causou muita sensação, e os Gregg foram sentenciados a penas de reclusão. Gregg fugiu a caminho da prisão, roubou um carro e sofreu um acidente quando tentava fugir da

polícia. Ele morreu na hora. Mrs. Gregg cumpriu sua pena e foi solta há dois

meses.

— E agora ela foi assassinada — disse Giles. — Quem eles acham que

fez isso?

Mas o sargento Trotter não gostava de ser pressionado.

— Lembra-se do caso, senhor? — ele perguntou.

Giles abanou a cabeça.

— Em 1940 eu era um cadete servindo no Mediterrâneo.

— Eu... eu me lembro de ter ouvido, eu acho — disse Molly quase sem

fôlego. — Mas por que veio nos ver? O que nós temos a ver com isso?

— É uma questão de vocês estarem em perigo, mrs. Davis!

— Perigo? — falou Giles incrédulo.

— O caso é o seguinte, senhor. Foi recolhido um caderno perto da cena do crime. Nele estavam escritos dois endereços. O primeiro era Culver Street 74.

— Onde a mulher foi assassinada? — interpôs Molly.

— Sim, mrs. Davis. O outro endereço era Monkswell Manor.

— O quê? — o tom de Molly era incrédulo. — Mas que coisa estranha.

— Sim. É por isso que o superintendente Hogben considerou imperativo descobrir se vocês sabiam de alguma ligação entre vocês, ou entre esta casa e o caso de Longridge Farm.

— Não há nada... absolutamente nada — disse Giles. — Deve ser alguma coincidência.

O sargento Trotter disse cordialmente:

— O Superintendente Hogben não considera isso uma coincidência. Ele teria vindo pessoalmente se fosse possível. Com as condições do tempo, e como eu sou um esquiador experiente, ele me enviou com instruções para obter circunstâncias particulares completas de todos nesta casa, para reportar a ele por telefone, e tomar todas as medidas que eu considerar necessárias para a segurança da família.

Giles disse agressivamente:

— Segurança? Pelo amor de Deus, acha que alguém vai ser morto *aqui*?

Trotter disse em tom de desculpa:

— Não queria preocupar a senhora, mas sim, é exatamente o que o superintendente Hogben pensa.

— Mas que possível razão poderia haver...?

Giles se calou, e Trotter disse:

— É precisamente isso que estou aqui para descobrir.

— Mas a coisa toda é uma *maluquice*.

— Sim, senhor, mas é porque é uma maluquice que é perigosa.

— Tem mais alguma coisa que não nos disse, não é, sargento? — disse Molly.

— Sim, senhora. No alto da página do caderno estava escrito “Três ratos cegos”. Havia um papel preso ao corpo da mulher morta com a inscrição “Este é o primeiro”. E embaixo dela um desenho de *três ratos* e uma pauta musical. A música era a melodia da cantiga de ninar *Três ratos cegos*.

Molly cantarolou baixinho:

Três ratos cegos

Veja como eles correm

Correm atrás da mulher do sitiante

Que. .

Ela parou de repente.

— Oh, foi horrível... *horrível*. Eram três filhos, não eram?

— Sim, mrs. Davis. Um rapaz de quinze, uma garota de quatorze e o menino de doze que morreu.

— O que aconteceu com os outros?

— Creio que a garota foi adotada. Ainda não conseguimos rastreá-la. O rapaz estaria com vinte e três agora. Perdemos a pista dele. Disseram que sempre foi um pouco... estranho. Ele ingressou no Exército aos dezoito. Depois desertou. Desde então, está desaparecido. O psiquiatra do Exército afirma categoricamente que ele não é normal.

— Acha que foi ele que matou mrs. Lyon? — perguntou Giles. — E que ele é um maníaco homicida e pode aparecer aqui por alguma razão desconhecida?

— Nós pensamos que deve haver uma conexão entre alguém aqui e o caso de Longridge Farm. Se pudermos estabelecer qual é essa conexão, estaremos preparados. Agora você afirma, senhor, que não tem nenhuma conexão com esse caso. O mesmo vale para a senhora, mrs. Davis?

— Eu... oh, sim... sim.

— Talvez possa me dizer exatamente quem mais está na casa?

Eles lhe deram os nomes. Mrs. Boyle. Major Metcalf. Mr. Christopher Wren. Mr. Paravicini. Ele os anotou no seu caderno.

— Empregados?

— Não temos empregados — disse Molly. — E isso me faz lembrar que

eu preciso pôr as batatas no fogo.

Ela saiu bruscamente do estúdio.

Trotter voltou-se para Giles:

— O que sabe dessas pessoas, senhor?

— Eu... Nós... — Giles parou. Depois disse calmamente: — Na verdade,

não sabemos nada delas, sargento Trotter. Mrs. Boyle escreveu de um hotel em Bournemouth. O major Metcalf de Leamington. Mr. Wren de um hotel

privado em South Kensington. Mr. Paravicini chegou de surpresa — seu

carro capotou num monte de neve perto daqui. De qualquer modo, imagino

que eles tenham carteiras de identidade, carnês de racionamento, [2] essas coisas.

— Vou verificar tudo isso, claro.

— De certo modo, é sorte que o tempo esteja tão horrível — disse

Giles. — O assassino pode perfeitamente não ter conseguido chegar nesta

situação, não é?

— Talvez ele não precise, mr. Davis.

— O que quer dizer?

O sargento Trotter hesitou por um instante e depois disse:

— Deve considerar, senhor, que *ele pode já estar aqui*.

Giles o fitou.

— Como assim?

— Mrs. Gregg foi morta há dois dias. *Todos seus visitantes aqui*

chegaram depois disso, mr. Davis.

— Sim, mas eles tinham feito suas reservas antes... algum tempo antes... exceto Paravicini.

O sargento Trotter suspirou. Sua voz parecia cansada.

— Estes crimes foram planejados com antecedência.

— Crimes? Mas só houve um crime até agora. Por que está tão seguro de que haverá outro?

— Que isso ocorrerá... não. Espero impedi-lo. Que haverá uma tentativa, sim.

— Mas... se estiver certo — falou Giles excitadamente —, só poderia ser uma pessoa. Só há uma pessoa com a idade certa. *Christopher Wren*!

O sargento Trotter havia se reunido a Molly na cozinha.

— Eu gostaria, mrs. Davis, que viesse comigo até a biblioteca. Quero fazer uma declaração geral a todos. Mr. Davis foi gentilmente preparar o terreno...

— Claro, só me deixe terminar estas batatas. Às vezes gostaria que sir Walter Raleigh jamais tivesse descoberto estas coisas cruéis.

O sargento Trotter manteve um silêncio repreensivo. Molly disse apologeticamente:

— Ainda não consigo acreditar, sabe... É tão irreal...

— Não é irreal, mrs. Davis. São *fatos* concretos.

— O senhor tem uma descrição do homem? — perguntou Molly,

movida pela curiosidade.

— Estatura mediana, magro, vestia um sobretudo escuro e um chapéu claro, falava num sussurro, tinha o rosto escondido por um cachecol. Como vê, poderia ser qualquer um — ele fez uma pausa e acrescentou: — Há três sobretudos escuros e chapéus claros pendurados em seu vestíbulo, mrs. Davis.

— Não creio que alguma destas pessoas tenha vindo de Londres.

— Não vieram, mrs. Davis? — Com um movimento ágil o sargento Trotter foi até o guarda-louça e pegou um jornal. — O *Evening Standard* de 19 de fevereiro. Dois dias atrás. *Alguém* trouxe este jornal para cá, mrs. Davis.

— Mas que coisa estranha — Molly olhava fixamente, algum tênue fio de memória vibrando. — De onde pode ter vindo esse jornal?

— Não deve avaliar as pessoas pela sua aparência, mrs. Davis. Não sabe realmente nada sobre estas pessoas que admitiu em sua casa — e acrescentou: — Devo acreditar que a senhora e mr. Davis são novos no negócio de hospedagem?

— Sim, nós somos — admitiu Molly. Ela se sentiu repentinamente jovem, tola e infantil.

— Vocês não estão casados faz tempo, talvez?

— Apenas um ano — ela corou levemente. — Foi tudo muito repentino.

— Amor à primeira vista — disse o sargento Trotter com simpatia.

Molly se sentiu absolutamente incapaz de refutá-lo.

— Sim — disse. — Só nos conhecíamos havia uma quinzena — acrescentou num acesso de confidência.

Seus pensamentos retornaram àqueles catorze dias de namoro vertiginoso. Não houvera nenhuma dúvida; ambos tiveram certeza. Num mundo confuso, angustiante, haviam encontrado o milagre do outro. Um leve sorriso aflorou em seus lábios.

Ela voltou ao presente para se deparar com o olhar indulgente do sargento Trotter.

— Seu marido não é destes lados, é?

— Não — disse Molly, absorta. — É de Lincolnshire.

Ela sabia muito pouco sobre a infância e a criação de Giles. Seus pais haviam morrido, e ele evitava falar de seus primeiros anos. Na sua imaginação, ele tivera uma infância infeliz.

— Os dois são muito jovens, se me permite dizer, para administrar um lugar como este — disse o sargento Trotter.

— Oh, não sei. Tenho vinte e dois...

Ela se interrompeu no momento em que a porta se abria e Giles entrava.

— Está tudo preparado. Eu lhes dei uma ideia geral — disse Giles. —

Tudo bem, sargento?

— Poupou tempo — disse Trotter. — Está pronta, mrs. Davis?

Quatro vozes falaram ao mesmo tempo quando o sargento Trotter

entrou na biblioteca. A mais alta e mais estridente foi a de Christopher Wren declarando que aquilo era muito, muito excitante, e que ele não

pregara o olho naquela noite, e "por favor, *por favor* poderíamos ter todos os detalhes sangrentos?"

Uma espécie de murmúrio de mrs. Boyle pontuava a conversa.

— Ultraje absoluto... pura incompetência... a polícia não devia deixar

assassinos perambulando pelo campo.

Mr. Paravicini foi particularmente eloquente com as mãos. Suas

gesticulações foram mais eloquentes do que suas palavras, que eram

abafadas pelos murmúrios de mrs. Boyle. O major Metcalf podia ser ouvido

em ocasionais ponteios em *staccato*. Ele pedia fatos.

Trotter aguardou alguns instantes, e em seguida ergueu uma mão

autoritária e, surpreendentemente, todos silenciaram.

— Obrigado — disse. — Agora, mr. Davis lhes deu um resumo de por

que estou aqui. Quero saber uma coisa, e uma coisa somente, e quero sabê-

la rapidamente. *Qual de vocês tem alguma conexão com o caso de Longridge Farm?*

Silêncio total. Quatro faces impassíveis fitaram o sargento Trotter. As

emoções de alguns momentos atrás — excitação, indignação, histeria,

inquisição — foram apagadas como uma esponja apaga as marcas de giz numa lousa.

O sargento Trotter tornou a falar, com maior insistência: — Por favor, me entendam. Um de vocês, temos razões para acreditar, está em perigo... perigo de morte. Preciso saber qual de vocês!

De novo ninguém falou ou se moveu.

— Pois bem... perguntarei um por um, mr. Paravicini? — tinha algo de raiva na voz de Trotter.

Um sorriso muito tênue bruxuleou na face de mr. Paravicini. Ele levantou as mãos num gesto de protesto estrangeiro.

— Mas eu sou um estranho nestas paragens, sargento. Não sei nada, mas nada mesmo, dos casos locais do passado.

Trotter não perdeu tempo, e emendou:

— Mrs. Boyle?

— Não vejo mesmo por que... quero dizer... por que eu deveria ter algo a ver com um assunto tão ingrato?

— Mr. Wren?

Christopher disse com voz esganiçada:

— Eu era uma criança na época. Não me lembro nem sequer de *ter ouvido* sobre isso.

— Major Metcalf?

O major disse bruscamente:

— Li sobre o caso nos jornais. Estava a serviço em Edimburgo na

época.

— Isso é tudo que têm para dizer... todos vocês?

Silêncio de novo.

Trotter emitiu um suspiro exasperado.

— Se um de vocês for assassinado — disse —, a culpa será somente

sua. — Ele virou-se bruscamente e saiu da sala.

— Meus caros — disse Christopher. — Que *melodramático!* —

acrescentou. — Ele é muito bonito, não é? Eu admiro os policiais. Tão rígidos e durões. Pura emoção, este assunto todo. “Três ratos cegos”. Como

é mesmo que continua a cantiga?

Ele assobiou a melodia baixinho, e Molly gritou involuntariamente:

— *Pare!*

Christopher girou para ficar de frente para ela e riu:

— Mas, querida — disse —, é minha melodia *tema*. Nunca antes fui tomado por um assassino e isso está me deixando tremendamente

empolgado!

— Besteira melodramática — disse mrs. Boyle. — Não acredito em

uma palavra disso.

Os olhos claros de Christopher dançaram com travessa maldade.

— Mas espere só, mrs. Boyle — ele baixou a voz —, até eu me esgueirar

por trás de você e você sentir minhas mãos em volta da sua garganta.

Molly se encolheu.

Giles disse irritado:

— Está aborrecendo minha esposa, Wren. É uma piada muito fraca, além disso.

— O assunto não é para brincadeiras — disse Metcalf.

— Oh, mas é sim — disse Christopher. — É exatamente o que ele é... uma piada de louco. É isso que o torna tão deliciosamente *macabro*.

Ele olhou para as pessoas ao seu redor e tornou a rir.

— Se pudessem ver as suas caras — disse.

E saiu em passos rápidos da sala.

Mrs. Boyle foi a primeira a se recuperar:

— Um jovem particularmente mal comportado e neurótico — disse. — Provavelmente um objetor de consciência.

— Ele me disse que ficou enterrado durante um reide aéreo por quarenta e oito horas até ser desenterrado — disse o major Metcalf. — Isso explica muita coisa, imagino.

— As pessoas têm muitas desculpas para ceder a nervosismos — disse mrs. Boyle acidamente. — Estou certa de que passei o mesmo tanto que qualquer um na guerra, e *meus* nervos estão muito bem.

— Talvez fosse assim para você, mrs. Boyle — disse Metcalf.

— O que quer dizer?

O major Metcalf disse calmamente:

— Creio que era a agente de alojamento para este distrito em 1940, mrs. Boyle — ele olhou para Molly que assentiu com um aceno de cabeça.

— É isso, não é?

O rosto de mrs. Boyle avermelhou de raiva.

— Isso o quê? — perguntou.

— Você foi responsável pelo envio das três crianças a Longridge Farm.

— Metcalf disse com severidade

— Ora, major Metcalf, não vejo como eu poderia ser responsabilizada pelo que ocorreu. O pessoal da Farm parecia muito decente e estava muito ansioso para receber as crianças. Não vejo por que deveria ser culpada de alguma maneira... ou ser responsabilizada... — sua voz foi sumindo.

— Por que não contou isto ao sargento Trotter? — Giles disse asperamente.

— Não quero nada com a polícia — disparou mrs. Boyle. — Posso cuidar de mim.

O major Metcalf disse calmamente: — É melhor se cuidar mesmo.

E em seguida ele também saiu da sala.

Molly murmurou: — Claro, você *era* a agente de alojamento. Eu me lembro.

— Molly, você sabia? — Giles a fitou.

— Você tinha a casa grande na praça não é?

— Confiscada — disse mrs. Boyle. — Uma ruína só — acrescentou amargamente. — *Devastada*. Iníqua.

Então, muito suavemente, mr. Paravicini começou a rir. Ele atirou a cabeça para trás e ria às gargalhadas.

— Me perdoem — ele disse ofegante —, mas estou achando tudo isso muito engraçado. Estou me divertindo... sim, estou me divertindo pra valer.

O sargento Trotter entrou na sala nesse momento, e lançou um olhar de desaprovação a mr. Paravicini.

— Fico contente — ele disse acidamente — que todos achem isto tão engraçado.

— Peço desculpa, meu caro comissário, peço desculpa. Estou estragando o efeito de sua solene advertência.

O sargento Trotter encolheu os ombros.

— Fiz o melhor que pude para deixar clara a situação — disse. — E não sou um comissário. Sou apenas um sargento-detetive. Gostaria de usar o telefone, se possível, mrs. Davis.

— Eu me humilho — disse mr. Paravicini. — Rastejarei para fora.

Longe de rastejar, ele saiu do recinto com aquele passo enérgico e jovial que Molly havia notado anteriormente.

— É um tipo estranho — disse Giles.

— Tipo criminoso — disse Trotter. — Eu não confiaria nele.

— Oh — disse Molly. — Acha que *ele*... mas é velho demais... Ou será mesmo velho? Ele usa maquiagem... carregada. E seu andar é de um jovem.

Talvez ele esteja maquiado para *parecer* velho, sargento Trotter, acha...

O sargento Trotter a admoestou com severidade:

— Não vamos a lugar algum com especulações inúteis, mrs. Davis —

disse ele. — Preciso reportar ao superintendente Hogben.

Ele cruzou a sala até o telefone.

— Mas não pode — disse Molly. — O telefone está mudo.

— O quê? — Trotter se virou.

O tom de alarme agudo de sua voz impressionou a todos.

— Mudo? Desde quando?

— O major Metcalf o testou pouco antes de você chegar.

— Mas ele estava funcionando antes disso. Não recebeu a mensagem

do superintendente Hogben?

— Sim, imagino que sim... desde as dez... a linha caiu... com a neve.

Mas o rosto de Trotter permaneceu sério.

— Fico pensando — ele disse — se ela não foi... cortada.

Molly o fitou.

— Acha que foi?

— Vou me certificar.

Ele saiu apressado da sala. Giles hesitou, mas saiu no seu encalço.

— Bom Deus! — Molly exclamou. — Quase hora do almoço. Preciso me

mexer, senão não teremos nada para comer.

Quando ela saía à toda pressa da sala, mrs. Boyle murmurou:

— Fedelha incompetente! Que lugar. *Não* vou pagar sete guinéus por *esse* tipo de coisa.

O sargento Trotter se curvou, acompanhando os fios. Ele perguntou a Giles:

— Tem alguma extensão?

— Sim, em nosso quarto no andar de cima. Devo ir até lá para ver?

— Por favor.

Trotter abriu a janela e se inclinou para fora, roçando a neve do peitoril.

Giles tratou de subir a escada correndo.

Mr. Paravicini estava na grande sala de estar. Ele atravessou o recinto até o piano de cauda e o abriu. Sentando-se na banqueta, tirou uma melodia

suavemente com um dedo.

Três ratos cegos,

Veja como eles correm. .

Christopher Wren estava em seu quarto, andando de um lado para outro e

assobiando vividamente. De repente, o assobio vacilou e parou. Ele sentou-

se na beirada da cama, enterrou o rosto nas mãos e começou a soluçar, murmurando puerilmente:

— Não posso continuar.

Mas, logo em seguida, seu ânimo mudou. Ele se levantou e endireitou os ombros.

— Tenho de continuar — disse. — Tenho de ir até o fim nisto.

Giles estava ao lado do telefone no quarto que partilhava com Molly.

Ele se curvou até o rodapé. Havia uma luva de Molly ali. Ele a apanhou. Um bilhete de ônibus rosa caiu de dentro da luva. Giles ficou observando o bilhete cair esvoaçando até o chão. Enquanto o observava, seu rosto mudou. Parecia ser outro homem quando caminhou devagar, como se num sonho, até a porta, abriu-a, e parou por um instante examinando o corredor até o topo da escada.

Molly terminou as batatas, atirou-as numa panela e levou-a ao fogo. Ela examinou o interior do forno. Estava tudo em ordem, conforme o planejado.

Sobre a mesa da cozinha estava o exemplar de dois dias atrás do *Evening Standard*. Ela franziu o cenho ao vê-lo. Se ao menos conseguisse *se lembrar*...

De repente, levou a mão aos olhos:

— Oh, não — disse Molly. — Oh, *não*!

Lentamente ela afastou as mãos e correu o olhar pela cozinha como alguém que examinasse um lugar estranho. Tão cálida, confortável, e espaçosa, com seu tênue cheiro apetitoso de comida.

— Oh, não — ela disse mais uma vez por entre os dentes.

Molly caminhou devagar, como uma sonâmbula, até a porta que dava acesso ao vestíbulo e a abriu. A casa estava em silêncio, exceto por alguém assobiando.

Aquela melodia...

Molly estremeceu e se encolheu. Ela aguardou alguns instantes, examinando uma vez mais a cozinha familiar. Sim, estava tudo em ordem e progredindo. E foi novamente até a porta da cozinha.

O major Metcalf desceu a escada em silêncio. Ele esperou alguns instantes no vestíbulo, depois abriu a grande despensa embaixo da escada e espiou seu interior. Tudo parecia calmo. Ninguém por perto. Um bom momento como outro qualquer para fazer o que ele pretendia...

Mrs. Boyle, na biblioteca, girava os botões do rádio com alguma irritação.

Sua primeira tentativa a havia conduzido ao meio de uma conversa sobre a origem e significado das cantigas de ninar. A última coisa que ela gostaria de ouvir. Girando o dial com impaciência, ela foi informada por uma voz culta: “A psicologia do medo deve ser totalmente compreendida. Suponhamos que você esteja sozinho numa sala. Uma porta se abre suavemente às suas costas...”

Uma porta efetivamente se abriu.

Mrs. Boyle sobressaltou-se e virou bruscamente.

— Oh, é você — ela disse aliviada. — Programas idiotas eles têm nesta

coisa. Não consigo achar nada que valha a pena ouvir!

— Eu não me preocuparia em ouvir, mrs. Boyle.

Mrs. Boyle rosnou:

— O que mais há para fazer aqui? — perguntou. — Ficar quieta numa casa com um possível assassino... não que eu acredite por um instante *nessa* história melodramática...

— Não acredita, mrs. Boyle.

— Ora... o que quer dizer...

O cinto da capa de chuva deslizou em volta do seu pescoço tão rapidamente que ela mal percebeu o que aquilo significava. O botão de volume do rádio foi girado até o máximo. O palestrante sobre a psicologia do medo gritava suas observações eruditas na sala e abafava possíveis ruídos incidentais que pudessem acompanhar a morte de mrs. Boyle.

Mas não houve muito ruído.

O assassino era experiente demais para isso.

Estavam todos aglomerados na cozinha. Sobre o fogão a gás, as batatas borbulhavam. O cheiro apetitoso da torta de rim e carne no forno estava mais forte do que nunca.

Quatro pessoas abaladas se entreolhavam, a quinta, Molly, branca e tremendo, sorvia do copo o uísque que a sexta, o sargento Trotter, a obrigara beber.

O próprio sargento Trotter, com rosto sério e zangado, corria os olhos

pelo grupo. Apenas cinco minutos haviam decorrido desde que os gritos aterrorizados de Molly o atraíram e aos demais a toda pressa para a biblioteca.

— Ela acabara de ser morta quando a encontrou, mrs. Davis — ele disse. — Está segura de que não viu nem ouviu alguém enquanto cruzava o vestíbulo?

— Assobio — disse Molly quase sem voz. — Mas isso foi antes. Acho... Não estou certa... acho que ouvi uma porta se fechar... suavemente, em algum lugar... assim que eu... assim que eu... entrei na biblioteca.

— Qual porta?

— Não sei.

— Pense, mrs. Davis... faça um esforço e pense... primeiro andar... térreo... direita, esquerda?

— Eu *não* sei; já lhe disse — gritou Molly. — Nem tenho certeza de ter ouvido alguma coisa.

— Não pode parar de atormentá-la? — disse Giles, irritado. — Não vê que ela está arrasada?

— Estou investigando um assassinato, mr. Davis... perdão... comandante Davis.

— Não uso minha patente da guerra, sargento.

— Precisamente, senhor. — Trotter fez uma pausa, como se tivesse

feito uma consideração sutil. — Como eu digo, estou investigando um assassinato. Até agora, ninguém levou esta coisa a sério. Mrs. Boyle não levou. Ela ocultou informações de mim. Vocês todos ocultaram coisas de mim. Bem, mrs. Boyle está morta. A menos que cheguemos ao fim disto... e rapidamente, reparem, pode haver outra morte.

— Outra? Bobagem. Por quê?

— Porque — disse o sargento Trotter gravemente — eram três ratos cegos.

Giles disse incrédulo:

— Uma morte por cada um deles? Mas teria de haver uma conexão... quer dizer, outra conexão com o caso.

— Sim, teria de haver.

— Mas por que outra morte *aqui*?

— Porque havia somente dois endereços no caderno. Havia somente uma possível vítima no número 74 da Culver Street. Ela está morta. Mas em Monkswell Manor há um campo mais vasto.

— Bobagem, Trotter. Seria uma coincidência das mais improváveis que houvesse *duas* pessoas trazidas para cá por acaso, ambas com uma participação no caso de Longridge Farm.

— Dadas certas circunstâncias, não seria nenhuma coincidência. Pense nisso, mr. Davis. — Ele se virou para os outros. — Eu recebi seus informes sobre onde estavam quando mrs. Boyle foi morta. Vou repassá-los. Você

estava em seu quarto, mr. Wren, quando ouviu mrs. Davis gritar?

— Estava, sargento.

— Mr. Davis, você estava no seu quarto no andar de cima examinando a extensão do telefone de lá?

— Estava — disse Giles.

— Mr. Paravicini estava na sala de estar tocando melodias no piano. Alguém o ouviu, aliás, mr. Paravicini?

— Eu estava tocando muito, muito baixo, sargento, apenas com um dedo.

— Que melodia era?

— “Três ratos cegos”, sargento — ele sorriu. — A mesma melodia que mr. Wren estava assobiando lá em cima. A melodia que está consumindo a cabeça de todos.

— Uma melodia horrorosa — disse Molly.

— E sobre o fio do telefone? — perguntou Metcalf. — Ele foi cortado deliberadamente?

— Foi, major Metcalf. Um pedaço foi cortado do lado de fora da janela da sala de estar. Eu tinha acabado de localizar a quebra quando mrs. Davis gritou.

— Mas é uma loucura. Como ele espera se safar dessa? — perguntou Christopher com voz estridente.

O sargento o mediu com os olhos.

— Talvez não se preocupe muito com isso — disse. — Ou então, ele pode achar que é esperto demais para nós. Assassinos ficam assim — e acrescentou: — Fazemos um curso de psicologia, como sabe, em nosso treinamento. Uma mentalidade esquizofrênica é muito interessante.

— Não daria para evitar os palavrões? — disse Giles.

— Decerto, mr. Davis. Palavras de seis letras são tudo que nos preocupam no momento. Uma é “crimes” e a outra “perigo”. É nisto que precisamos nos concentrar. Agora, major Metcalf, me esclareça sobre os seus movimentos. Você estava no *porão*... Por quê?

— Dando uma olhada — disse o major. — Espiei aquele canto da despensa embaixo da escada e notei uma porta ali e a abri e vi um lance de degraus, e assim desci até lá. Belo porão vocês têm — disse ele a Giles. — Como a cripta de um antigo mosteiro, eu diria.

— Não estamos interessados em pesquisa para antiquários, major Metcalf. Estamos investigando um assassinato. Pode me ouvir um momento, mrs. Davis? Deixarei a porta da cozinha aberta.

Ele saiu; uma porta se fechou com um leve estalido.

— Foi isso que ouviu, mrs. Davis — ele perguntou ao ressurgir na passagem aberta.

— Parece... que sim.

— Era a despensa embaixo da escada. Pode ser, me entende, que após matar mrs. Boyle, o assassino, retrocedendo pelo vestíbulo, a ouviu chegando da cozinha, e se enfiou na despensa, puxando a porta atrás de si.

— Neste caso suas impressões digitais estarão no interior da despensa — gritou Christopher.

— As minhas já estão lá — disse o major Metcalf.

— Estão mesmo — disse o sargento Trotter. — Mas temos uma explicação satisfatória para elas, não temos? — acrescentou suavemente.

— Olhe aqui, sargento — disse Giles —, você está supostamente encarregado deste caso. Mas esta é a minha casa, e até certo ponto eu me sinto responsável pelas pessoas que estão hospedadas aqui. Não deveríamos tomar medidas de precaução?

— Como o quê, mr. Davis?

— Bem, para ser franco, detendo a pessoa que parece muito claramente indicada como principal suspeito.

Ele olhou diretamente para Christopher Wren.

Christopher Wren deu um salto para frente, sua voz cresceu, esganiçada e histérica:

— Não é verdade! Não é *verdade*! Estão todos contra mim. Todos sempre contra mim. Vocês vão me incriminar por isso. É perseguição... perseguição...

— Calma, rapaz — disse o major Metcalf.

— Está tudo bem, Chris — Molly se adiantou e pôs a mão sobre o braço dele. — Ninguém está contra você. Diga-lhe que está tudo bem — disse ela ao sargento Trotter.

— Nós não incriminamos pessoas — disse o sargento Trotter.

— Diga-lhe que não vai prendê-lo.

— Não vou prender ninguém. Para isso, preciso de evidências. Não há nenhuma evidência... até agora.

Giles se exaltou:

— Acho que você endoidou, Molly. E você também, sargento Trotter. Só há uma pessoa que se encaixa, e...

— Espere, Giles, espere... — cortou Molly. — Oh, fique quieto. Sargento Trotter, será que eu posso... falar com o senhor um minuto?

— Eu fico — disse Giles.

— Não, Giles, você também, por favor.

O rosto de Giles ensombreceu.

— Não sei o que deu em você, Molly — disse.

Ele seguiu os outros para fora da sala, batendo a porta atrás de si.

— Então, mrs. Davis, do que se trata?

— Sargento Trotter, quando você nos contou sobre o caso de Longridge Farm, parecia achar que devia ser o rapaz mais velho... o

responsável por tudo isso. Mas você não sabe isso?

— Isso é perfeitamente correto, mrs. Davis. Mas as probabilidades apontam para isso... instabilidade mental, deserção do Exército, relatório de psiquiatra.

— Oh, percebo, e, portanto, tudo parece apontar para Christopher. Mas eu não acredito que seja Christopher. Deve haver outras... possibilidades. Aquelas três crianças não tinham outros conhecidos... parentes, por exemplo?

— Sim. A mãe estava morta. Mas o pai estava servindo no exterior.

— Bem, e sobre ele? Onde *ele* está agora?

— Não temos nenhuma informação. Obteve seus papéis de desmobilização[3] no ano passado.

— E se o filho era mentalmente instável, o pai pode ter sido também...

— Perfeitamente.

— Sendo assim, o assassino pode ser de meia idade ou velho. O major Metcalf, está lembrado, ficou terrivelmente perturbado quando eu lhe contei que a polícia havia telefonado. Ele realmente *ficou*.

O sargento Trotter disse calmamente:

— Acredite, mrs. Davis, considerei todas as possibilidades desde o começo. O rapaz, Jim, o pai e até a irmã. Poderia ter sido uma mulher, sabe? Não subestimei nada. Posso estar muito seguro em minha convicção... mas não sei... ainda. É muito difícil de fato ter certeza sobre alguma coisa ou

alguém... especialmente hoje em dia. Você ficaria surpresa com o que

vemos na força policial. Com casamentos, principalmente. Casamentos

apressados... casamentos de guerra. Não há nenhum antecedente, percebe.

Nem famílias, nem relações para conhecer. As pessoas aceitam as palavras

umas das outras. O sujeito diz que é um piloto de caça ou um major do Exército... e a moça acredita nele cegamente. Às vezes, ela não descobre por

um ano ou dois que ele é um bancário fujão com esposa e família, ou um desertor.

Ele fez uma pausa, e continuou.

— Sei perfeitamente o que tem em mente, mrs. Davis. Só há uma coisa

que eu gostaria de lhe dizer. *O assassino está se divertindo*. Essa é uma coisa de que eu tenho absoluta certeza.

Ele foi para a porta.

Molly permaneceu muito rígida e quieta, com a face ruborizada. Após

permanecer imóvel por alguns instantes, ela caminhou devagar até o fogão,

ajoelhou-se, e abriu a porta do forno. Um cheiro familiar e apetitoso a envolveu. Seu coração desanuviou. Foi como se, de repente, ela tivesse sido

soprada de volta para o mundo caro e familiar das coisas de todo dia. A cozinha, os afazeres domésticos, a arrumação da casa, a ordinária vida

prosaica.

Desde tempos imemoriais as mulheres haviam cozinhado para seus

homens. O mundo de perigo, de loucura, desaparecera. A mulher, em sua

cozinha, estava segura, eternamente segura.

A porta da cozinha se abriu. Ela virou a cabeça quando Christopher Wren entrou. Ele estava um pouco ofegante.

— Minha cara — disse. — *Quanto* barulho! Alguém roubou os esquis do inspetor!

— Os esquis do inspetor? Mas por que alguém ia querer fazer uma coisa dessas?

— Eu realmente não consigo imaginar. Isto é, se o inspetor decidiu ir embora e nos deixar, imagino que o assassino deveria ficar muito satisfeito. Ou seja, realmente não faz sentido, faz?

— Giles os colocou na despensa embaixo da escada.

— Bem, eles não estão lá agora. Intrigante, não é? — ele riu alegremente. — O inspetor está furibundo. Pressionando o pobre major Metcalf. O velhote insiste em dizer que não notou se eles estavam lá ou não quando olhou o interior da despensa pouco antes de mrs. Boyle ser assassinada. Trotter diz que ele *deve* ter notado. Se quiser minha opinião — Christopher baixou a voz e se inclinou para frente —, este assunto está começando a deprimir o Trotter.

— Está deprimindo todos nós — disse Molly.

— Eu não. Eu o considero estimulante. É tão deliciosamente irreal.

Molly disse agressivamente:

— Não diria isto se... se tivesse sido quem a encontrou. Mrs. Boyle, quero dizer. Continuo pensando nisso... não consigo esquecer. Seu rosto...

todo entumecido e purpúreo...

Ela estremeceu. Christopher aproximou-se dela e pousou uma mão no seu ombro.

— Eu sei. Sou um idiota. Desculpe-me. Não pensei.

Um soluço seco cresceu na garganta de Molly:

— Parecia tudo tão bem agora há pouco... cozinhando... a cozinha — ela falou de maneira confusa, incoerente. — E aí, de repente... ficou tudo escuro de novo... como um pesadelo.

Uma expressão curiosa se formou na face de Christopher Wren enquanto ele estava ali olhando para ela com a cabeça abaixada.

— Entendo — ele falou. — Entendo — ele se afastou. — Bem, acho melhor eu sair daqui e... não a pertubar.

— Não vá! — Molly gritou no momento em que a mão dele segurava o trinco da porta.

Ele se virou, olhando-a inquisitivamente. Depois voltou devagar.

— Foi isso mesmo que você quis dizer?

— Dizer o quê?

— Você decididamente não quer... que eu vá?

— Não, mesmo. Não quero ficar sozinha. Tenho medo de ficar sozinha.

Christopher sentou à mesa, Molly se inclinou para o forno, colocou a torta numa prateleira mais alta, fechou a porta e foi se juntar a ele.

— Isso é muito interessante — disse Christopher numa voz uniforme.

— O quê?

— Você não estar com medo de ficar... sozinha comigo. Você não está, está?

Ela negou com a cabeça.

— Não, não estou.

— Por que não está com medo, Molly?

— Não sei... não estou.

— E, contudo, eu sou a única pessoa que... se encaixa. Um assassino como que programado.

— Não — disse Molly. — Há outras possibilidades. Estive falando com o sargento Trotter sobre elas.

— Ele concordou com você?

— Não discordou — disse Molly lentamente.

Algumas palavras soavam sem parar na sua cabeça. Especialmente aquela última frase: “Sei perfeitamente o que tem em mente, mrs. Davis.” Mas saberia? Poderia ele possivelmente saber? Ela também havia dito que o assassino estava se divertindo. Seria verdade?

— Você não está se divertindo, está? — ela disse a Christopher. — Apesar do que disse agora há pouco.

— Bom Deus, não — disse Christopher, encarando-a. — Que coisa mais

estranha de dizer.

— Oh, não fui eu quem disse. Foi o sargento Trotter. Odeio esse

homem! Ele... ele põe coisas na cabeça da gente, coisas que não são verdade... que não podem ser verdade.

Ela pôs as mãos na cabeça, cobrindo os olhos com elas.

Com muita delicadeza, Christopher afastou aquelas mãos.

— Olhe aqui, Molly — ele disse —, o que quer dizer tudo isso?

Ela deixou que ele a fizesse sentar delicadamente numa cadeira à mesa

da cozinha. Seus modos já não eram histéricos ou pueris.

— Qual é o problema Molly? — ele perguntou.

Molly olhou para ele. Um demorado olhar de avaliação. Ela perguntou

casualmente:

— Há quanto tempo eu o conheço, Christopher? Dois dias?

— Quase isso. Você está pensando, não é, que embora seja um tempo

demasiado curto, nós parecemos nos conhecer muito bem.

— Sim... é estranho, não?

— Oh, não sei. Há uma espécie de simpatia entre nós. Possivelmente

porque estamos... no mesmo barco.

Não era uma pergunta. Era uma afirmação. Molly deixou passar. Ela

disse muito calmamente, mais como uma declaração do que como

pergunta:

— Seu nome não é realmente Christopher Wren, não é?

— Não.

— Por que você...

— Escolhi este? Oh, me pareceu um capricho divertido. Na escola, costumavam debochar de mim e me chamar de Christopher Robin. Robin, Wren,[4] associação de ideias, imagino.

— Qual é o seu verdadeiro nome?

— Acho melhor não entrar nisso — Christopher disse calmamente. — Ele não significaria nada para você. Não sou arquiteto. Na verdade, sou um desertor do Exército.

Por um breve instante uma expressão de alarme saltou para os olhos de Molly. Christopher a notou.

— Sim — disse ele. — Como nosso assassino desconhecido. Eu lhe disse que era o único que se encaixava na especificação.

— Não seja tolo — disse Molly. — Eu lhe disse que não acreditava que você fosse o assassino. Vamos... conte-me sobre você. O que o fez desertar... nervos?

— Estar com medo, você quer dizer? Não, curiosamente, não fiquei com medo... não mais do que qualquer outro, por assim dizer. Na verdade, ganhei a reputação de ser bastante frio debaixo de fogo. Não, foi uma coisa muito diferente. Foi... minha mãe.

— Sua mãe?

— Sim... sabe, ela foi morta... num ataque aéreo. Enterrada. Eles... eles

tiveram que desenterrá-la. Não sei o que houve comigo quando escutei

isso; imagino que fiquei meio enlouquecido. Pensei, sabe, por que aquilo acontecera *comigo*. Senti que precisava chegar em casa rapidamente... e me desenterrar... não consigo explicar... foi tudo confuso — ele abaixou a cabeça até as mãos e continuou com uma voz abafada. — Eu perambulei

por um longo tempo, procurando por ela... ou por mim... não sei quem. E aí,

quando minhas ideias clarearam, tive medo de voltar... ou me apresentar...

sabia que jamais poderia explicar. Desde então, tenho sido simplesmente...

nada.

Ele a fitou, seu rosto jovem deprimido pelo desespero.

— Não deve se sentir assim — disse Molly gentilmente. — Você pode

recomeçar.

— Será que alguém consegue?

— Claro... você é muito jovem.

— Sim, mas como vê... cheguei ao fim.

— Não — disse Molly. — Você não chegou ao fim, só pensa que chegou.

Eu acredito que todos têm essa sensação uma vez ao menos na vida... de que é o fim, de que não podem continuar.

— Você a teve, não teve, Molly? Deve ter tido... para poder falar assim.

— Tive.

— Qual foi a sua?

— A minha foi o que acontece com uma porção de pessoas. Eu estava noiva de um jovem piloto de caça... e ele foi morto.

— Não houve mais nada, além disso?

— Houve. Sofri um choque horrível quando era mais nova. Enfrentei uma coisa muito cruel e bestial. Isso me predispôs a pensar que a vida era sempre... horrível. Quando Jack foi morto isso só confirmou minha crença de que a vida toda era cruel e traiçoeira.

— Eu sei. E aí, imagino — disse Christopher, observando-a —, apareceu Giles.

— Sim — ele viu o sorriso, terno, quase tímido, que estremeceu em sua boca. — Giles veio... tudo parecia certo, seguro e feliz... Giles!

O sorriso sumiu de seus lábios. Seu rosto de repente endureceu. Ela estremeceu como se estivesse com frio.

— O que foi, Molly? O que a assustou? Você está assustada, não está?

Ela assentiu.

— E tem algo a ver com Giles? Algo que ele tenha dito ou feito?

— Não com Giles, de fato. É aquele homem horrível!

— Que homem horrível? — Christopher estava surpreso. — Paravicini?

— Não, *não*. O sargento Trotter.

— O sargento Trotter?

— Sugerindo coisas... insinuando coisas... pondo pensamentos horríveis em minha mente sobre Giles... pensamentos que eu não sabia que

estavam lá. Ah, eu o odeio... o odeio.

As sobrancelhas de Christopher se ergueram em lenta surpresa.

— Giles? *Giles!* Sim, claro, ele e eu temos a mesma idade. Ele me parece

muito mais velho do que eu... mas imagino que não é, de fato. Sim, Giles poderia se encaixar perfeitamente também. Mas olhe aqui, Molly, isso tudo

é bobagem. Giles estava aqui com você no dia em que aquela mulher foi morta em Londres.

Molly não respondeu.

Christopher olhou incisivamente para ela.

— Não estava aqui?

Molly falou quase sem respirar, as palavras saíam num jorro

incoerente.

— Ele esteve fora o dia todo... no carro... foi ao outro lado do condado

para tratar de uma tela de arame à venda por lá... ao menos foi o que ele disse... era o que eu pensava, até... até...

— Até o quê?

Lentamente, a mão de Molly se estendeu e sublinhou a data do *Evening*

Standard que estava sobre a mesa da cozinha. Christopher olhou para ela e disse:

— Edição de Londres, dois dias atrás.

— Estava no bolso de Giles quando ele voltou. Ele... ele deve ter estado em Londres.

Christopher olhava fixamente. Ele olhava o jornal e olhava Molly. Ele

apertou os lábios e começou a assobiar, mas se conteve abruptamente. Não

seria bom assobiar aquela melodia naquele momento.

Escolhendo cuidadosamente as palavras, e evitando os olhos de Molly, ele disse:

— Quanto você realmente... sabe sobre Giles?

— Não diga isso — gritou Molly. — Não diga! Foi justamente o que aquele animal Trotter disse... ou insinuou. Que as mulheres com frequência não sabiam nada sobre os homens com quem se casavam... especialmente em tempos de guerra. Elas... elas simplesmente aceitavam o que o homem dizia de si mesmo.

— Isso é uma verdade, imagino.

— Não diga isso *você*, também! Não consigo suportar. Só porque estamos todas nesse estado, tão excitadas. Nós acreditaríamos... em *qualquer* sugestão fantástica... não é verdade!

Ela parou. A porta da cozinha se abrira. Giles entrou. Havia uma expressão sinistra em seu rosto.

— Estou interrompendo alguma coisa? — perguntou.

Christopher escorregou para fora da mesa.

— Só estou tomando umas lições de culinária — disse.

— Mesmo? Bem, olhe aqui, Wren, têtе-à-têtes não são coisas muito saudáveis neste momento. Fique fora da cozinha, está me ouvindo?

— Oh, mas com certeza...

— Fique longe da minha mulher, Wren. Ela não vai ser a próxima vítima.

— Isso — disse Christopher — é justamente o que está me preocupando.

Se havia segundas intenções nas palavras, Giles aparentemente não as notou. Ele apenas adquiriu uma tonalidade mais escura de tijolo vermelho.

— Deixe que eu me preocupe — disse. — Posso cuidar da minha mulher. Caia fora daqui.

— Por favor, vá, Christopher — disse Molly com voz clara. — Sim... de verdade.

Christopher se encaminhou lentamente para a porta.

— Não vou estar muito longe — ele disse, e as palavras eram dirigidas a Molly e continham um significado muito preciso.

— *Quer* dar o fora daqui?

Christopher soltou uma risadinha infantil esganiçada.

— Claro, claro, comandante — disse.

A porta se fechou às suas costas. Giles virou-se para Molly.

— Pelo amor de Deus, Molly, você não tem *nenhum* juízo? Trancada aqui sozinha com um maníaco homicida perigoso!

— Ele não é o... — ela mudou a frase rapidamente — ele não é perigoso. De toda sorte, estou de sobreaviso. Eu posso... cuidar de mim.

Giles riu de maneira desagradável. — mrs. Boyle também podia.

— Oh, Giles, *não*.

— Desculpe-me, querida. Mas estou zangado. Esse rapaz desprezível.

Não consigo entender o que você vê nele.

— Tenho pena dele — Molly disse vagarosamente.

— Pena de um lunático homicida?

Molly dirigiu-lhe um olhar curioso.

— Eu poderia ter pena de um lunático homicida — disse ela.

— E chamando-o de Christopher, aliás. Desde quando vocês são tão

íntimos?

— Oh Giles, não seja ridículo. Todos usam nomes de batismo hoje em

dia. Você sabe que usam.

— Mesmo depois de alguns dias? Mas talvez seja mais do que isso.

Talvez você conhecesse mr. Christopher Wren, o falso arquiteto, antes de ele vir aqui. Talvez você tenha lhe sugerido que ele devesse vir aqui. Talvez

vocês tivessem armado tudo entre vocês.

Molly olhou fixamente para ele.

— Giles, você perdeu a cabeça? Que diabos está sugerindo?

— Estou sugerindo que Christopher Wren é um velho amigo, que você

é mais íntimo dele do que gostaria que eu soubesse.

— Giles, você deve estar louco!

— Imagino que você vai bater o pé que nunca o viu até ele chegar aqui. É muito estranho que ele tenha vindo se hospedar num lugar fora de mão como este, não é?

— É mais estranho que o major Metcalf e... e mrs. Boyle?

— É... acho que é. Eu sempre li que esses lunáticos sussurrantes causavam um peculiar fascínio nas mulheres. Parece que isso se confirma. Como foi que o conheceu? Há quanto tempo isto vem ocorrendo?

— Você está sendo completamente absurdo, Giles. Nunca vi Christopher Wren até ele chegar aqui.

— Você não foi a Londres para se encontrar com ele há dois dias e combinar de se encontrarem aqui como estranhos?

— Você sabe perfeitamente, Giles, que faz semanas que não vou a Londres.

— Não vai? Interessante — ele pescou uma luva forrada de pele de seu bolso e a estendeu. — Esta era uma das luvas que você estava usando anteontem, não é? O dia em que eu estive em Sailham para comprar a tela.

— O dia em que *você* estava em Sailham comprando a tela — disse Molly, olhando-o fixamente. — Sim, eu usei essas luvas quando saí.

— Você foi ao povoado, foi o que disse. Se só foi ao povoado, o que é isto dentro desta luva?

Acusadoramente, ele estendeu um bilhete de ônibus cor-de-rosa.

Houve um momento de silêncio.

— Você foi a Londres — disse Giles.

— Tudo bem — disse Molly. Ela ergueu o queixo: — Fui a Londres.

— Para se encontrar com esse tal Christopher Wren.

— Não, não para encontrar Christopher.

— Então, foi por quê?

— Neste momento, Giles — disse Molly —, não vou te dizer.

— Quer mais tempo para pensar numa boa história?

— Acho — disse Molly — que eu te odeio.

— Eu não te odeio — disse Giles lentamente. — Mas quase desejei te odiar. Simplesmente senti que... não te conheço mais... não sei nada sobre você.

— Eu sinto a mesma coisa — disse Molly. — Você... você é apenas um estranho. Um homem que mente para mim...

— Quando foi que menti para você?

Molly riu.

— Acha que acreditei naquela sua história sobre a tela de arame? *Você* também estava em Londres naquele dia.

— Imagino que me viu lá — disse Giles. — E não confiou em mim o suficiente...

— Confiar em você? Jamais confiarei em alguém novamente... jamais.

Nenhum dos dois notou a abertura suave da porta da cozinha. Mr. Paravicini deu uma tossidela.

— Tão constrangedor — murmurou. — Espero que vocês jovens não estejam dizendo um pouco mais do que querem dizer. Fica-se tão suscetível nesses arrufos de namorados.

— Arrufos de namorados — disse Giles desdenhosamente. — Essa é boa.

— Bem isso, bem isso — disse mr. Paravicini. — Sei como vocês se sentem. Passei por tudo isso quando era jovem. Mas o que eu vim dizer é que o tal inspetor está simplesmente insistindo para todos nós irmos à sala de estar. Parece que ele teve uma ideia — mr. Paravicini soltou uma risadinha marota. — A polícia tem uma pista... sim, ouve-se isso com frequência. Mas uma *ideia?* Duvido muito. Um funcionário zeloso e atento, sem dúvida, nosso sargento Trotter é, mas não muito bem dotado de cérebro.

— Vai lá, Giles — disse Molly. — Tenho que cuidar da comida. O sargento Trotter pode se arranjar sem mim.

— Por falar em comida — disse mr. Paravicini, saltitando agilmente pela cozinha até o lado de Molly —, já experimentou fígado de galinha servido em torradas besuntadas com uma grossa camada de *foie gras* e uma tira muito fina de bacon besuntada com mostarda francesa?

— Não se encontra muito *foie gras* hoje em dia — disse Giles. —

Vamos, Paravicini.

— Devo ficar e ajudá-la, cara senhora?

— Você vem para a sala de estar, Paravicini — disse Giles.

Mr. Paravicini riu discretamente.

— Seu marido teme por você. Muito natural. Ele não gosta da ideia de

deixá-la sozinha *comigo*. São minhas tendências sádicas que ele teme... não as minhas desonrosas. Eu me dobro à força — ele fez uma mesura graciosa

e beijou a ponta dos próprios dedos.

— Oh, mr. Paravicini, tenho certeza... — Molly disse, incomodada.

Mr. Paravicini abanou a cabeça e disse a Giles:

— Você é sábio, jovem. *Não se arrisque*. Posso provar a você, ou ao inspetor, aliás, que não sou um maníaco homicida? Não, não posso.

Negativas são coisas difíceis de provar.

Ele cantarolou alegremente.

Molly se encolheu.

— Por favor, mr. Paravicini... esta melodia horrível não.

— “Três ratos cegos”... era essa! A melodia entrou na minha cabeça.

Pensando bem, é uma cantiga sinistra. Não é absolutamente uma linda

cantiga. Mas as crianças gostam de coisas sinistras. Você deve ter notado.

Essa cantiga é bem inglesa... a bucólica, cruel zona rural inglesa. “Que seus

ratinhos cortou com um trinchante”. Claro, uma criança adoraria isso...

poderia lhes contar coisas sobre crianças...

— Por favor, não — disse Molly com voz fraca —, acho que o senhor também é cruel — sua voz subiu de tom histericamente. — O senhor ri e sorri... é como um gato brincando com um rato... brincando...

Ela começou a rir.

— Controle-se, Molly — disse Giles. — Venha, vamos juntos para a sala de estar. Trotter deve estar ficando impaciente. Esqueça a comida. O assassinato é mais importante do que a comida.

— Não sei se concordo com você — disse mr. Paravicini enquanto os seguia com passinhos saltitantes. — O condenado fez um desjejum reforçado... é o que sempre dizem.

Christopher Wren juntou-se a eles no vestíbulo e recebeu um olhar carrancudo de Giles. Ele deu uma olhadela rápida e ansiosa para Molly, mas esta, de cabeça bem erguida, avançava sem olhar para os lados. Eles marcharam quase como numa procissão para a porta da sala de estar.

Mr. Paravicini cerrava a fileira com seus passinhos saltitantes.

O sargento Trotter e o major Metcalf estavam de pé na sala de estar. O major parecia emburrado. O sargento Trotter parecia corado e enérgico.

— Esta noite — disse, quando eles entraram —, queria vê-los todos juntos. Quero fazer um experimento... e para isso precisarei da cooperação de vocês.

— Vai demorar muito? — perguntou Molly. — Estou muito atarefada

na cozinha. Afinal, nós teremos de comer em algum momento.

— Sim — disse Trotter. — Entendo, mrs. Davis. Mas se me permite, há coisas mais importantes do que refeições. Mrs. Boyle, por exemplo, não precisará de outra refeição.

— Vamos, sargento — disse o major Metcalf —, essa é uma maneira extraordinariamente insensível de pôr as coisas.

— Perdão, major Metcalf, mas preciso que todos cooperem nisso.

— Encontrou seus esquis, sargento Trotter? — perguntou Molly.

O homem enrubesceu.

— Não, não encontrei, mrs. Davis. Mas devo dizer que tenho uma suspeita muito forte de quem os pegou. E por que foram pegos. Não direi mais nada por enquanto.

— Por favor, não diga — implorou mr. Paravicini. — Eu sempre acho que as explicações devem ser deixadas para o fim... aquele excitante capítulo final, vocês sabem.

— Isto não é um jogo, senhor.

— Não é? Acho que nisso você se engana. Acho que *é* um jogo... para alguém.

— O *assassino* está se divertindo — murmurou Molly.

Os outros a fitaram com espanto. Ela corou.

— Só estou mencionando o que o sargento Trotter me disse.

O sargento Trotter não pareceu muito satisfeito.

— Está tudo muito bem, mr. Paravicini, mencionar últimos capítulos e falar como se isto fosse uma história de detetives — ele disse. — Isto é real. Isto está acontecendo.

— Contanto — disse Christopher Wren, apontando para o seu pescoço cautelosamente — que não aconteça comigo.

— Calma lá — disse o major Metcalf. — Nada disso, jovem. O inspetor aqui vai nos dizer exatamente o que quer que façamos.

O sargento Trotter clareou a garganta. Sua voz se tornou oficial.

— Tomei certas declarações de vocês há pouco — disse. — Essas declarações se relacionavam a suas posições no momento em que o assassinato de mrs. Boyle ocorreu. Mr. Wren e mr. Davis estavam em seus quartos separados. Mrs. Davis estava na cozinha. O major Metcalf estava no porão. Mr. Paravicini estava aqui nesta sala...

Ele fez uma pausa e depois continuou.

— Foram essas as declarações que fizeram. Não tenho meios para verificar as declarações. Elas podem ser verdadeiras... ou não. Em poucas palavras... quatro dessas declarações são verdadeiras... mas *uma delas é falsa*. Qual?

Ele olhou de face em face. Ninguém falou.

— Quatro de vocês estão falando a verdade, um está mentindo. Tenho um plano que pode me ajudar a descobrir o mentiroso. E se descobrir qual de vocês mentiu para mim, saberei então quem é o assassino.

— Não necessariamente — Giles disse de pronto. — Alguém pode ter

mentido por alguma outra razão.

— Duvido muito, mr. Davis.

— Mas qual é a ideia, homem? Você não acabou de dizer que não tem meios de verificar essas declarações?

— Não, mas supondo que alguém executasse esses movimentos uma segunda vez...

— Bah — exclamou o major Metcalf depreciativamente. — Reconstituição do crime. Ideia estrangeira.

— Não uma reconstituição do *crime,* major Metcalf. Uma reconstituição dos movimentos de pessoas aparentemente inocentes.

— E o que espera descobrir com isso?

— Vai me desculpar se não esclareço isso por enquanto.

— Deseja — perguntou Molly — uma reprise de performance?

— Mais ou menos, mrs. Davis.

Houve um silêncio. Foi, de certo modo, um silêncio incômodo. “É uma armadilha”, pensou Molly. “É uma armadilha... mas não vejo como...”

Parecia haver cinco pessoas culpadas na sala, em vez de uma culpada e quatro inocentes. Todos lançavam olhares de soslaio suspeitosos para o jovem seguro de si e sorridente que propusera aquela manobra aparentemente inocente.

Christopher exclamou com a voz esganiçada:

— Mas não vejo... eu simplesmente não consigo ver... o que espera descobrir... se as pessoas fizerem as mesmas coisas que fizeram antes. Isso me parece pura bobagem!

— Parece, mr. Wren?

— Claro — disse Giles lentamente —, o que diz procede, sargento. Nós cooperaremos. Devemos fazer exatamente o que fizemos antes?

— As mesmas ações serão realizadas, sim.

Uma leve ambiguidade na frase fez o major Metcalf levantar os olhos bruscamente. O sargento Trotter prosseguiu.

— Mr. Paravicini nos disse que se sentou ao piano e tocou certa melodia. Talvez, mr. Paravicini pudesse fazer a gentileza de nos mostrar exatamente o que fez.

— Mas com certeza, meu caro sargento.

Mr. Paravicini saltitou agilmente pela sala até o piano de cauda e se acomodou na banqueta.

— O maestro ao piano tocará sua melodia tema para um assassinato — disse ele com um floreio.

Ele sorriu, e com elaborados maneirismos tirou com um dedo a melodia de “Três ratos cegos”.

“Ele está se divertindo”, pensou Molly. “Ele está se divertindo.”

Na grande sala as notas suaves, abafadas, causavam um efeito quase sinistro.

— Obrigado, mr. Paravicini — disse o sargento Trotter. — Essa, devo acreditar, é exatamente a maneira como tocou a melodia na ocasião anterior?

— Sim, sargento, é essa... Eu a repeti três vezes.

O sargento Trotter virou-se para Molly.

— Sabe tocar piano, mrs. Davis?

— Sei, sargento Trotter.

— Poderia tirar a melodia, como mr. Paravicini fez, tocando exatamente da mesma maneira?

— Com certeza.

— Então poderia ir se sentar ao piano e ficar pronta para fazê-lo quando eu der o sinal?

Molly parecia perplexa, mas em seguida caminhou lentamente até o piano.

Mr. Paravicini levantou-se da banqueta com um protesto estridente.

— Mas, sargento, entendi que cada um de nós ia repetir nossos papéis anteriores. *Eu* estava aqui no piano.

— As mesmas ações serão realizadas como na ocasião anterior... mas *não serão realizadas necessariamente pela mesma pessoa*.

— Não vejo a razão disso — disse Giles.

— *Há* uma razão, mr. Davis. É um meio de verificar as declarações originais... e,

posso dizer, *uma* declaração em particular. Agora, por favor, eu atribuirei a vocês seus vários postos. Mrs. Davis estará aqui, ao piano.

Mr. Wren, poderia, por favor, ir para a cozinha? Apenas fique de olho no jantar de mrs. Davis. Mr. Paravicini, poderia ir ao quarto de mr. Wren? Lá

poderá exercitar seus talentos musicais assobiando “Três ratos cegos”

como ele fez. Major Metcalf, poderia subir até o quarto de mr. Davis e lá examinar o telefone. E você, mr. Davis, poderia examinar o interior da despensa no vestíbulo e depois descer para o porão?

Houve um momento de silêncio. Em seguida, quatro pessoas se

moveram lentamente para a porta. Trotter as seguiu, olhando por cima do

ombro.

— Conte até cinquenta e comece a tocar, mrs. Davis — disse.

E saiu no encalço dos outros. Antes de a porta se fechar, Molly ouviu a

voz estridente de mr. Paravicini dizer:

— Não sabia que a polícia gostava de jogos de salão.

— Quarenta e oito, quarenta e nove, cinquenta.

Obedientemente, terminada a contagem, Molly começou a tocar. De

novo, a suave e cruel melodia se insinuou pela grande e ressonante sala:

Três ratos cegos

Veja como eles correm. .

Molly sentiu o coração disparar. Como Paravicini havia dito, era uma

cantiga estranhamente assustadora e repulsiva. Possuía aquela

incompreensão infantil de piedade que é tão aterradora quando

encontrada num adulto.

Muito tenuemente, vinda do alto da escada, ela podia ouvir a mesma melodia sendo assobiada no quarto acima — Paravicini fazendo o papel de Christopher Wren.

De repente, além da porta, o rádio funcionou na biblioteca. O sargento Trotter devia tê-lo ligado. Ele próprio estaria então fazendo o papel de mrs. Boyle.

Mas por quê? Qual seria a razão de tudo aquilo? Onde estava a armadilha? Pois havia uma armadilha, disso ela tinha certeza.

Uma lufada de ar frio soprou na sua nuca. Ela virou a cabeça bruscamente. A porta havia sido aberta, com certeza. Alguém havia entrado na sala. Não, a sala estava vazia. Mas, de repente, ela se sentiu nervosa, com medo. E se alguém *entrasse*. Supondo que mr. Paravicini desse um salto pela porta e fosse aos saltos para o piano, seus dedos longos se contraíam e retorciam...

"'Então está tocando sua própria marcha fúnebre, cara senhora. Uma feliz ideia...' Bobagem — não seja estúpida — não imagine coisas, Molly. Além do mais, você pode ouvi-lo assobiando acima de sua cabeça, da mesma forma como ele pode ouvi-la."

Ela quase tirou os dedos do piano com a ideia que lhe ocorreu!

Ninguém *tinha ouvido* mr. Paravicini tocar. Seria essa a armadilha? Seria, talvez, possível que mr. Paravicini não tivesse tocado nada? Que ele

estivera, não na sala de estar, mas na biblioteca. Na biblioteca,

estrangulando mrs. Boyle?

Ele tinha ficado aborrecido, muito aborrecido, quando Trotter pediu

para ela tocar. Tinha posto tensão na suavidade com que havia dedilhado a

cantiga. Claro, ele tinha reforçado a suavidade na esperança de que fosse suave demais para ser escutada fora da sala. Porque se alguém a escutar desta vez sem tê-la escutado da última vez, aí então, Trotter teria

conseguido o que queria: *a pessoa que havia mentido*.

A porta da sala de estar se abriu. Molly, predisposta a esperar

Paravicini, quase gritou. Mas foi apenas o sargento Trotter que entrou no momento em que ela terminava a terceira repetição da cantiga.

— Obrigado, mrs. Davis — ele disse.

Estava parecendo muito senhor de si e seus modos eram enérgicos e

confiantes.

Molly tirou as mãos do teclado.

— Conseguiu o que queria? — ela perguntou.

— Consegui, se consegui — sua voz estava exultante. — Consegui

exatamente o que queria.

— Qual? Quem?

— Você não sabe, mrs. Davis. Vamos... não é tão difícil. Aliás, você tem

sido, se me permite dizer, extraordinariamente tola. Você me deixou

caçando a terceira vítima. Por isso, tem estado em sério risco.

— Eu? Não sei o que quer dizer.

— Quero dizer que não foi honesta comigo, mrs. Davis. Você resistiu a mim... exatamente como mrs. Boyle resistiu a mim.

— Não compreendo.

— Oh sim, compreende. Porque, quando mencionei pela primeira vez o caso de Longridge Farm, *você sabia tudo sobre ele*. Oh, sim, sabia. Você ficou incomodada. E foi você que confirmou que mrs. Boyle era a agente de alojamento desta parte do país. Tanto você como ela são dessa banda. Assim, quando comecei a especular quem provavelmente seria a terceira vítima, votei prontamente em você. Você mostrava conhecimento em primeira mão do assunto de Longridge Farm. Nós policiais não somos tão estúpidos como parecemos, sabe.

— Você não entende — Molly disse em voz baixa. — Eu não queria me lembrar.

— Não posso entender isso — sua voz mudou um pouco. — Seu nome de solteira era Wainwright, não era?

— Era.

— E você é um pouco mais velha do que finge ser. Em 1940, quando o caso aconteceu, era professora na escola de Abbeyvale.

— Não!

— Oh, sim, você era, mrs. Davis.

— Não era, estou lhe dizendo.

— A criança que morreu conseguiu que uma carta fosse postada para

você. Ela roubou um selo. A carta implorava por ajuda... ajuda de sua bondosa professora. É obrigação de uma professora descobrir por que uma

criança não vai à escola. Você não descobriu. Você ignorou a carta do pobre

coitado.

— Pare — as maçãs do rosto de Molly estavam ardendo. — É de minha

irmã que você está falando. Ela era a professora. E ela não ignorou a carta.

Estava doente, com pneumonia. Ela não viu a carta antes de a criança ter morrido. Isso a perturbou terrivelmente... terrivelmente... ela era uma

pessoa extremamente sensível. Mas não foi falha sua. É porque eu levo as

coisas tão a fundo que eu jamais suportei ser lembrada disso. Isso tem sido

um pesadelo para mim, sempre.

As mãos de Molly se ergueram até os olhos, cobrindo-os. Quando as afastou, Trotter a fitava.

Ele disse suavemente:

— Então era sua irmã. Bem, afinal... — ele subitamente exibiu um

sorriso curioso. — Não importa muito, não é? Sua irmã... *meu* irmão... — ele tirou alguma coisa de seu bolso. Estava sorrindo agora, jubilosamente.

Molly olhou para o objeto que ele segurava. — Sempre achei que a

polícia não carregava revólveres — disse.

— *A polícia não carrega* — disse o jovem. E prosseguiu: — Mas como

vê, mrs. Davis, *não sou um policial*. Sou Jim. Sou o irmão de Georgie. Você

pensou que eu fosse um policial porque telefonei da cabine telefônica do povoado e disse que o sargento Trotter estava a caminho. Depois eu cortei os cabos telefônicos do lado de fora da casa quando cheguei aqui para que vocês não pudessem ligar de volta ao posto policial.

Molly olhava fixamente para ele. O revólver estava apontando para ela agora.

— Não se mova, mrs. Davis, e não grite, ou puxo o gatilho imediatamente.

Ele ainda estava sorrindo. Era, percebeu Molly com horror, um sorriso infantil. E sua voz, quando ele falou, estava se tornando uma voz infantil.

— Sim — disse ele —, sou o irmão de Georgie. Georgie morreu em Longridge Farm. Aquela mulher odiosa nos mandou para lá, e a mulher do fazendeiro era cruel conosco, e você não quis nos ajudar... três ratinhos cegos. Eu disse que mataria todos vocês quando crescesse. Era para valer.

Pensava nisso o tempo todo — ele franziu a testa subitamente. — Eles me perturbaram muito no Exército... aquele médico vivia me fazendo perguntas... eu tinha que sair. Temia que me impedissem de fazer o que pretendia. Mas sou um adulto agora. Adultos podem fazer o que bem entendem.

Molly se recompôs. “Fale com ele”, disse para si mesma. “Distraia sua mente.”

— Mas Jim, escute — ela disse. — Você não poderá se safar para

sempre.

O semblante dele se fechou:

— Alguém escondeu meus esquis. Não consigo achá-los — ele riu. —

Mas imagino que vai dar tudo certo. É o revólver do seu marido. Eu o peguei na gaveta dele. Imagino que eles vão pensar que *ele* atirou em você.

Seja como for... não me importo muito. Foi tão divertido... tudo isso. Fingir!

Aquela mulher em Londres, o rosto dela quando me reconheceu. Aquela

estúpida mulher esta manhã!

Ele abanou a cabeça.

Claramente, com um efeito fantasmagórico, ouviu-se um assobio.

Alguém estava assobiando a melodia “Três ratos cegos”.

Trotter teve um sobressalto, o revolver oscilou. Uma voz gritou:

— Abaixe-se, mrs. Davis.

Molly desabou no chão no momento em que o major Metcalf,

erguendo-se de trás do esconderijo do sofá ao lado da porta se atirava sobre Trotter. O revólver disparou e a bala se alojou em um dos quadros a

óleo um tanto medíocres, tão caros à falecida miss Emory.

No instante seguinte, tudo virou um pandemônio. Giles entrou

correndo, seguido por Christopher e mr. Paravicini. O major Metcalf, ainda

agarrado a Trotter, falava em frases curtas, atabalhoadas.

— Entrei quando você estava tocando, me esgueirei para trás do sofá.

Desconfiei dele desde o início. Isto é, sabia que ele não era um policial. *Eu sou*

um policial: detetive Tanner. Arranjamos com Metcalf para eu tomar o seu lugar. A Scotland Yard achou aconselhável ter alguém no local. Agora, meu rapaz... — ele falou muito gentilmente com o agora dócil Trotter — você vem comigo. Ninguém vai te machucar. Você ficará bem. Nós cuidaremos de você.

Numa deplorável voz de criança o jovem bronzeado perguntou:

— Georgie não ficará zangado comigo?

— Não. Georgie não ficará zangado — Metcalf respondeu.

Ele murmurou para Giles quando passou por ele:

— Louco de pedra, coitado.

Eles saíram juntos. Mr. Paravicini tocou no braço de Christopher Wren.

— Você também, meu amigo — disse —, venha comigo.

Giles e Molly, deixados a sós, se entreolharam. Um momento depois estavam abraçados.

— Querida — disse Giles —, tem certeza de que ele não te feriu?

— Não, não, estou perfeitamente bem. Giles, tenho estado tão terrivelmente dividida. Quase pensei que você... por que foi a Londres naquele dia?

— Querida, queria comprar um presente de aniversário para você, para amanhã. Não queria que você soubesse.

— Que coisa mais extraordinária! Eu fui a Londres para comprar um

presente para *você* e não queria que você soubesse.

— Estava loucamente enciumado daquele asno neurótico. Eu devia estar louco. Perdoe-me, querida.

A porta se abriu, e mr. Paravicini entrou saltitando como um cabrito ao seu estilo. Estava radiante.

— Interrompendo a reconciliação... Que cena mais encantadora... Mas, que pena, devo dizer adeus. Um jipe da polícia conseguiu passar. Vou persuadi-los a me levar com eles — ele se curvou e sussurrou misteriosamente na orelha de Molly: — Posso ter alguns embaraços no futuro próximo... mas estou confiante de que posso arranjar as coisas, e se receber uma caixa... com um ganso, melhor, um peru, algumas latas de *foie gras*, um presunto... algumas meias de nylon, por que não? Bem você compreende, serão meus cumprimentos a uma dama muito charmosa. Mr. Davis, meu cheque está sobre a mesa do vestíbulo.

Ele beijou a mão de Molly e saltitou para a porta.

— Meias de nylon? — murmurou Molly — *foie gras*? Quem é mr. Paravicini? Papai Noel?

— Estilo mercado negro, imagino — disse Giles.

Christopher Wren espetou uma cabeça envergonhada para dentro:

— Meus caros — disse —, espero não estar me intrometendo, mas tem um forte cheiro de queimado vindo da cozinha. Devo *fazer* alguma coisa sobre isso?

Com um grito angustiado de *“Minha torta!”* Molly saiu correndo da sala.

2

uma estranha charada

— E esta — disse Jane Helier, completando suas apresentações — é miss Marple!

Como atriz, ela conseguiu atingir seu intento. Era claramente o clímax,

o *gran finale* triunfal! Seu tom era uma mistura de admiração reverente e triunfo.

O estranho é que o objeto tão orgulhosamente proclamado era apenas

uma velhota solteirona, afável, detalhista. Os olhos dos dois jovens que haviam sido recém-apresentados a ela pelos bons ofícios de Jane,

mostraram incredulidade e um traço de desalento.

Eram pessoas de boa aparência; a moça, Charmian Stroud, esbelta e

morena; o homem, Edward Rossiter, um jovem gigante, amável e de

cabelos loiros.

— Oh! Estamos muito felizes de conhecê-la! — Charmian disse de um

fôlego.

Mas havia dúvida em seus olhos. Ela lançou um olhar rápido e

inquiridor a Jane Helier.

— Querida — disse Jane respondendo ao olhar —, ela é absolutamente

maravilhosa. Deixe tudo com ela. Eu lhe disse que a traria aqui e trouxe — e acrescentou para miss Marple: — *Você vai* resolver para eles, eu sei. Vai ser fácil para *você*.

Miss Marple virou seus plácidos olhos azul-turquesa para mr. Rossiter.

— Poderia me dizer — ela perguntou — do que se trata tudo isso?

— Jane é uma amiga nossa — interrompeu Charmian ardendo de impaciência. — Edward e eu estamos numa encrenca. A Jane disse que se pudéssemos vir à sua festa, ela nos apresentaria a alguém que ia... que iria... que poderia...

Edward veio em seu socorro:

— A Jane nos contou que a senhora é a fina flor dos detetives, miss Marple!

Os olhos da velha senhora reluziram, mas ela protestou modestamente:

— Oh, não, não! Nada disso. Ocorre que vivendo numa cidadezinha como a que eu vivo, a gente acaba conhecendo bem a natureza humana. Mas vocês me deixaram realmente curiosa. Contem-me qual é o problema de vocês.

— Temo que seja terrivelmente banal... apenas um tesouro enterrado

— disse Edward.

— Mesmo? Mas isso parece muito excitante!

— Eu sei. Como *A Ilha do Tesouro*. Mas nosso problema não tem os toques românticos usuais. Nenhum ponto num mapa indicado por uma caveira e ossos cruzados, nenhuma orientação como “quatro passos para a esquerda, oeste por norte”. É terrivelmente prosaico... indica apenas onde nós devemos cavar.

— Vocês já tentaram?

— Posso dizer que cavamos cerca de oito quilômetros quadrados! O local está pronto para virar uma horta comercial. Só estamos discutindo se vamos plantar abobrinhas ou batatas.

Charmian o cortou bruscamente:

— Que acha de lhe contar logo tudo sobre o caso?

— Mas, claro, minha querida.

— Então vamos encontrar um lugar calmo. Venha, Edward.

Ela abriu caminho pela sala apinhada de gente e repleta de fumaça, e eles subiram a escada até uma saleta de estar no segundo andar.

Mal eles se sentaram, Charmian começou intempestivamente:

— Bem, aí vai! A história começa com o tio Mathew, tio, ou melhor, tio-avô de nós dois. Ele era muito velho. Edward e eu éramos seus únicos parentes. Ele gostava de nós e sempre declarou que quando morresse deixaria seu dinheiro para nós dois. Bem, ele morreu em março passado e deixou tudo que tinha para ser dividido igualmente entre Edward e eu. O que acabei de dizer parece rude... não quis dizer que foi bom que ele tenha morrido... na verdade, nós éramos muito afeiçoados a ele, mas já fazia algum tempo que ele estava doente.

— A questão é que o “tudo” que ele deixou se revelou, na prática, absolutamente nada. E isso, francamente, foi um pequeno golpe para nós dois, não foi, Edward?

O amável Edward concordou.

— Sabe — ele disse —, nós contávamos um bocado com isso. Isto é, quando a gente sabe que vai receber uma bolada de dinheiro, a gente... bem... não se empenha para ganhar a vida por conta própria. Eu estou no Exército e não recebo nada além do meu soldo, a Charmian não tem um tostão. Trabalha como contrarregra num teatro de repertório. Muito interessante, e ela gosta, mas dinheiro que é bom, nada. Nós contávamos em nos casar, mas não estávamos preocupados com o lado pecuniário porque sabíamos que ficaríamos muito bem de vida algum dia.

— E agora, como vê, não ficamos! — disse Charmian. — Além disso, Ansteys é a propriedade da família, e Edward e eu a amamos, e provavelmente teremos que vendê-la. E Edward e eu sentimos que não conseguiremos suportar isso! Mas se não acharmos o dinheiro do tio Mathew, teremos de vender.

— Sabe, Charmian, ainda não chegamos ao ponto vital — disse Edward.

— Bem, fale você, então.

Edward virou-se para miss Marple.

— É o seguinte. À medida que envelhecia, o tio Mathew foi ficando cada vez mais cismado. Ele não confiava em ninguém.

— Muito sábio da parte dele — disse miss Marple. — A depravação da natureza humana é inacreditável.

— Bem, a senhora pode ter razão. Seja como for, o tio Mathew pensava assim. Ele tinha um amigo que perdeu todo seu dinheiro em um banco, e outro que foi arruinado por um advogado fujão, e ele próprio perdeu algum dinheiro numa companhia fraudulenta. Ele chegou ao ponto de sustentar, durante muito tempo, que a única coisa segura a fazer era converter seu dinheiro em lingotes sólidos e enterrá-lo.

— Ah — exclamou miss Marple —, começo a entender.

— Sim. Amigos discutiram com ele, apontaram que ele não receberia nenhum juro dessa maneira, mas ele sustentava que isso realmente não tinha importância. O grosso do seu dinheiro, ele dizia, deveria ser “mantido numa caixa debaixo da cama ou enterrado no jardim”. Essas foram suas palavras.

— E quando ele morreu — Charmian prosseguiu —, não deixou quase nada em ações, embora fosse muito rico. De modo que nós pensamos que foi isso que ele deve ter feito.

— Descobrimos que ele tinha vendido ações e sacado grandes somas de dinheiro de tempos em tempos, e ninguém sabe o que fez com elas. Mas parece provável que ele tenha vivido de acordo com seus princípios, comprado ouro e o enterrado — Edward explicou.

— Ele não disse nada antes de morrer? Deixou algum papel? Alguma carta?

— Essa é a parte desesperadora da coisa. Não deixou. Ficou

inconsciente por alguns dias, mas se reanimou antes de morrer. Ele olhou

para nós e deu uma risadinha... uma risadinha fraca, apagada. Ele disse

“*Vocês* ficarão bem, meu lindo casal de pombinhos”. E aí ele deu um tapinha no olho, seu olho direito, e piscou para nós. E logo em seguida... morreu.

Pobre tio Mathew.

— Ele deu um tapinha no olho — disse miss Marple pensativa.

Edward disse ansiosamente:

— Isso faz algum sentido para a senhora? Me fez lembrar uma história

de Arsène Lupin em que havia alguma coisa oculta no olho de vidro de um

homem. Mas o tio Mathew não tinha um olho de vidro.

Miss Marple abanou a cabeça.

— Não... não consigo pensar em nada por enquanto.

— A Jane nos disse que a senhora indicaria *na hora* onde cavar! —

Charmian disse, decepcionada.

Miss Marple sorriu.

— Não sou tão feiticeira, sabe. Não conheci o seu tio, ou que tipo de homem ele era, e não conheço a casa ou o terreno.

— E se os conhecesse? — Charmian disse.

— Bem, deve ser bem simples, de fato, não deve? — disse miss Marple.

— Simples! — disse Charmian. — Venha até Ansteys e veja se é

simples!

É possível que ela não tenha feito o convite a sério, mas miss Marple disse

prontamente:

— Bem, minha querida, é muita gentileza sua. Eu sempre quis ter a chance de procurar um tesouro escondido. E — acrescentou, olhando para

eles com um sorriso pudico radiante — com um interesse amoroso,

também!

— Viu só! — disse Charmian, gesticulando dramaticamente.

Eles haviam terminado um grande giro por Ansteys. Haviam

contornado a horta, totalmente revirada. Haviam atravessado os pequenos

bosques, onde o entorno de cada árvore importante fora escavado, e

observado entristecidos a superfície esburacada do antes liso gramado.

Haviam subido até o sótão, onde velhos baús e arcas haviam sido pilhados

de seus conteúdos. Haviam descido aos porões, onde ladrilhos do piso

haviam sido arrancados deliberadamente de seus encaixes. Haviam feito

medições e dado pancadinhas em paredes, e haviam mostrado a miss

Marple cada peça de mobília antiga que continha ou poderia ser suspeita de

conter uma gaveta secreta.

Sobre uma mesa na sala de desjejum havia uma pilha de papéis, todos

os papéis que o falecido Mathew Stroud havia deixado. Nenhum fora

destruído, e Charmian e Edward criaram o hábito de voltar a eles a todo momento, vasculhando atentamente contas, convites e correspondência

comercial na esperança de topar com uma pista que passara despercebida.

— Consegue pensar em algum lugar que não olhamos? — perguntou

Charmian, esperançosa.

Miss Marple abanou a cabeça.

— Parece que vocês foram muito meticulosos, minha querida. Talvez,

se posso dizer, um tantinho meticulosos *demais*. Sabem, eu sempre penso que é preciso ter um plano. É como minha amiga, mrs. Eldritch, ela tinha uma ótima criadinha que lustrava lindamente o linóleo, mas ela era tão meticulosa que lustrava demais o piso do banheiro, e, um dia, quando mrs.

Eldritch estava saindo do banho o capacho de cortiça escorregou sob seus

pés, e ela teve uma queda muito feia, aliás, quebrou a perna! Muito

embaraçoso, porque a porta do banheiro estava trancada, é claro, e o

jardineiro teve de pegar uma escada e entrar pela janela... terrivelmente angustiante para mrs. Eldritch, que sempre foi uma mulher muito recatada.

Edward se remexia sem parar.

— Por favor, me perdoe — miss Marple disse rapidamente. — Tenho a mania, eu sei, de sair pela tangente. Mas uma coisa puxa outra. E às vezes

isto é útil. O que eu estava tentando dizer é que talvez se nós tentássemos

aguçar nossa sagacidade e pensar num lugar provável...

Edward cortou sua fala:

— Pense em um, miss Marple. Os cérebros da Charmian e o meu agora

são lindos vazios!

— Querido, querida. É claro... é estafante para vocês. Se não se

importam, vou dar uma espiada em tudo isso — ela apontou para os papéis

sobre a mesa. — Isto é, se não houver nada privado... não quero parecer uma bisbilhoteira.

— Oh, tudo bem. Mas temo que não encontrará nada.

Ela sentou-se à mesa e examinou metodicamente o maço de documentos. Ao recolocar cada um no lugar, ela os separava automaticamente em montículos. Quando terminou, ficou sentada olhando para frente por alguns minutos.

Edward perguntou, não sem um traço de malícia:

— E então, miss Marple?

Miss Marple voltou a si com um pequeno sobressalto.

— Desculpe-me. Muito proveitoso.

— Descobriu alguma coisa relevante?

— Oh, não, nada disso, mas acredito que sei que tipo de homem era seu tio Mathew. Muito parecido com meu próprio tio Henry, eu creio. Gosta de piadas bem óbvias. Um solteiro, evidentemente... me pergunto por quê... talvez uma decepção antiga? Metódico até certo ponto, mas não muito afeito a se amarrar... poucos solteiros são assim!

Pelas costas de miss Marple, Charmian fez um sinal para Edward. O sinal dizia: *Ela está gagá*.

Miss Marple continuara a falar alegremente de seu falecido tio Henry.

— Gostava muito de trocadilhos, e como. E, para algumas pessoas, trocadilhos são uma chatice. Um mero jogo de palavras pode ser muito irritante. Era um homem desconfiado, também. Estava sempre convencido

de que a criadagem o estava roubando. E, às vezes, é claro, ela estava, mas não sempre. A coisa se apoderou dele, pobre homem. Perto do fim, ele suspeitava que estivessem adulterando a sua comida, e finalmente se recusou a comer qualquer coisa exceto ovos cozidos! Querido tio Henry, ele foi uma alma tão alegre numa época. Gostava muito de seu café após o jantar. Ele sempre dizia “Este café é bem mourisco”, querendo dizer, entendem, que gostaria de um pouco mais.

Edward sentiu que se ouvisse mais alguma coisa sobre o tio Henry ficaria louco.

— Gostava de pessoas jovens também — prosseguiu miss Marple —, mas tendia a arreliá-las um pouco, se entendem o que eu digo. Costumava pôr sacos de doces onde uma criança simplesmente não conseguiria alcançá-los.

Deixando a polidez de lado, Charmian disse:

— Ele me parece horrível!

— Oh, não, querida, apenas um velho solteirão, sabe, e pouco acostumado com crianças. E ele não era nada estúpido, aliás. Costumava guardar uma boa quantia de dinheiro na casa, e tinha um cofre para colocá-lo. Fazia um estardalhaço sobre ele... sobre como ele era seguro. De tanto ele falar, ladrões entraram uma noite e abriram um buraco no cofre com um dispositivo químico.

— Bem feito para ele — disse Edward.

— Oh, mas não havia nada no cofre — disse miss Marple. — Percebem,

ele na verdade guardava o dinheiro em alguma outra parte... atrás de alguns volumes de sermões na biblioteca, aliás. Dizia que as pessoas jamais tiravam um livro daquele tipo da estante!

Edward a interrompeu excitadamente:

— Eu digo, é uma ideia e tanto. Que tal a biblioteca?

Mas Charmian abanou a cabeça com desdém.

— Acha que não pensei nisso? Verifiquei todos os livros na terça-feira da semana passada, quando você foi a Portsmouth. Tirei-os para fora, sacudi cada um. Nada ali.

Edward suspirou. Depois, levantando-se, ele tratou de se livrar diplomaticamente de sua decepcionante convidada.

— Foi extrema bondade sua ter vindo como veio e tentado nos ajudar. Pena que tenha sido tudo um fracasso. Sinto termos tomado tanto tempo seu. Mas... vou tirar o carro, e a senhora poderá pegar o trem das três e meia...

— Oh — disse miss Marple —, mas nós precisamos encontrar o dinheiro, não é? Não deve desistir, mr. Rossiter. “Se de inicio não consegues, tenta, tenta, tenta de novo.”

— Quer dizer que vai... continuar tentando?

— Estritamente falando — disse miss Marple —, ainda não comecei. “Primeiro pegue sua lebre...”, como diz mrs. Beaton em seu livro de culinária... um livro maravilhoso, mas extremamente caro; a maioria das

receitas começa com “Pegue um quarto de creme de leite e uma dúzia de ovos”. Deixe-me ver, onde é que eu estava? Oh, sim. Bem, por assim dizer,

nós pegamos nossa lebre, sendo a lebre, é claro, seu tio Mathew, só nos restando decidir agora onde ele teria escondido o dinheiro. Deve ser bem

simples.

— Simples? — perguntou Charmian.

— Oh, sim, querida. Estou certa de que ele teria feito a coisa óbvia. Uma

gaveta secreta, esta é a minha solução.

Edward disse secamente:

— Não se podem pôr barras de ouro numa gaveta secreta.

— Não, não, claro que não. Mas não há razão para acreditar que o

dinheiro esteja em barras de ouro.

— Ele sempre costumava dizer...

— O mesmo fazia meu tio Henry sobre o seu cofre! De modo que eu

deveria suspeitar fortemente de que isso era apenas um subterfúgio.

Diamantes... estes sim poderiam estar facilmente numa gaveta secreta.

— Mas nós olhamos em todas as gavetas secretas. Chamamos um

carpinteiro para examinar os móveis.

— Chamaram, querida? Foi muito inteligente da sua parte. Eu sugeriria

que a escrivaninha pessoal de seu tio seria o mais provável. Seria aquela alta encostada lá na parede?

— Sim. E vou lhe mostrar — Charmian foi até o móvel e abriu o tampo.

Dentro havia escaninhos e pequenas gavetas. Ela abriu então uma portinhola no centro e tocou numa mola dentro da gaveta da esquerda. O fundo do recesso central deu um estalo e deslizou para frente. Charmian o puxou para fora, revelando um pequeno espaço oco embaixo.

Ele estava vazio.

— Mas não é uma coincidência? — exclamou miss Marple. — O tio Henry tinha uma escrivaninha igualzinha a essa, só que a dele era de nogueira e esta é de mogno.

— Seja como for — disse Charmian —, não há nada ali, como pode ver.

— Imagino — disse miss Marple — que seu carpinteiro era um jovem.

Ele não sabia tudo. As pessoas eram muito habilidosas quando faziam esconderijos naqueles tempos. Havia como que um segredo dentro de um segredo.

Ela tirou um grampo de seu coque bem arrumado de cabelos grisalhos. Endireitando-o, ela enfiou a ponta no que parecia um minúsculo buraco de cupim em um lado do recesso secreto. Com alguma dificuldade, ela puxou uma gavetinha. Nela havia um maço de cartas desbotadas e um papel dobrado.

Edward e Charmian saltaram juntos sobre o achado. Com os dedos tremendo, Edward desdobrou o papel. Ele o deixou cair com uma exclamação de desgosto.

— Uma droga de receita de culinária. Presunto assado!

Charmian estava desatando uma fita que amarrava o maço de cartas.

Ela tirou uma e deu uma olhada. — Cartas de amor!

Miss Marple reagiu com entusiasmo vitoriano:

— Que coisa interessante! Talvez a razão porque seu tio nunca se

casou.

Charmian leu em voz alta:

Meu sempre querido Mathew, devo confessar que parece que faz muito tempo que recebi sua última carta. Tento me ocupar com as várias tarefas que me foram conferidas, e amiúde digo a mim que sou mesmo uma afortunada de ver tanta coisa do globo, embora tivesse pouca ideia de que quando fosse para a América viajaria para estas ilhas distantes!

Charmian fez uma pausa:

— De onde ela veio? Oh! Havaí! — e prosseguiu:

Estes nativos, coitados, ainda estão longe de ver a luz. Ainda vivem num estado selvagem e despidos, e passam a maior parte do tempo nadando e dançando, adornando-se com guirlandas de flores. Mr. Gray fez algumas conversões, mas é um trabalho árduo, e ele e mrs. Gray ficam tristemente desencorajados. Tento fazer tudo que posso para animá-lo e encorajá-lo, mas eu também fico com frequência triste por uma razão que você pode imaginar, querido Mathew. A ausência é uma provação severa para um coração que ama. Seus renovados votos e protestos de afeição me alegraram enormemente. Agora e sempre você tem meu fiel e devotado coração, querido Mathew, e eu continuo sendo o seu sincero amor, Betty Martin.

PS — Endereço minha carta protegida para nossa amiga mútua, Matilda Graves, como sempre. Espero que Deus me perdoe esse pequeno subterfúgio.

Edward assobiou:

— Uma missionária! Então era esse o romance do tio Mathew. Fico tentando imaginar por que eles nunca se casaram.

— Ela parece ter viajado pelo mundo todo — disse Charmian, examinando as cartas. — Ilha Maurício... toda sorte de lugares. Provavelmente morreu de febre amarela ou algo assim.

Uma risadinha suave os sobressaltou. Miss Marple estava aparentemente se divertindo muito.

— Bem, bem — disse ela. — Quem diria!

Ela estava lendo a receita de presunto assado. Ao notar seus olhares curiosos, ela leu em voz alta:

— Presunto assado com espinafre. Pegue uma bonita peça de presunto, recheie-a com cravos, e cubra com açúcar mascavo. Asse em forno baixo. Sirva rodeado por purê de espinafre. O que acham disso, agora?

— Penso que parece horrível — disse Edward.

— Não, não, na verdade seria muito bom... mas o que pensam *da coisa toda*?

Um súbito raio de luz iluminou a face de Edward.

— Acha que é um código... algum tipo de criptograma? — ele comprou a ideia. — Sabe, Charmian, poderia ser, não é? Se não, por que colocar uma receita de culinária numa gaveta secreta?

— Exatamente — disse miss Marple. — Muito, muito significativo.

— Eu sei o que pode ser — disse Charmian. — Tinta invisível! Vamos aquecê-lo. Ligue o fogão elétrico.

Edward assim fez, mas não surgiram sinais de escrita com o tratamento.

Miss Marple tossiu.

— O que eu realmente penso, sabem, é que vocês estão complicando *demais* a coisa. A receita é apenas um indício, por assim dizer. Creio que as cartas é que são mais significativas.

— As cartas?

— Em especial — disse miss Marple —, a assinatura.

Mas Edward mal a ouviu e chamou cheio de excitação:

— Charmian! Venha aqui! Ela está certa. Veja... os envelopes são velhos, isso é fato, mas as cartas foram escritas muito depois.

— Exatamente — disse miss Marple.

— Elas são falsamente velhas apenas. Aposto qualquer coisa que o velho tio Mat as falsificou pessoalmente...

— Exatamente — disse miss Marple.

— A coisa toda é um embuste. Nunca existiu uma missionária. Deve ser um código.

— Minhas caras, caras crianças... não há mesmo nenhuma necessidade de tornar tudo tão difícil. Seu tio era de fato um homem muito simples. Ele teve de fazer sua piadinha, apenas isso.

Pela primeira vez eles lhe prestaram inteira atenção.

— O que exatamente quer dizer, miss Marple? — perguntou Charmian.

— Quero dizer, querida, que você está segurando o dinheiro em sua

mão neste minuto.

Charmian olhou para baixo.

— A assinatura, querida. Isso revela tudo. A receita é apenas um

indício. Retire todos os cravos, o açúcar mascavo e o resto todo. O que ela é

de fato? Ora, presunto e espinafre, é claro! *Presunto e espinafre!*

Significando... bobagem! Então está claro que as cartas é que são

importantes. E aí se você levar em consideração o que seu tio fez pouco antes de morrer. Ele deu uma batidinha no olho, você disse. Bem, aí está...

isso lhe dá a pista, percebe.

— Nós estamos loucos, ou a senhora está? — Charmian disse.

— Seguramente, minha querida, você deve ter ouvido a expressão “por

fora bela viola, por dentro pão bolorente”, ou ela já terá caído em desuso?

Que incrível!

Edward arquejou, seus olhos fitavam a carta em sua mão:

— Betty Martin...

— Claro, mr. Rossiter. Como disse agora há pouco... não havia tal

pessoa. As cartas foram escritas por seu tio, e eu imagino que ele se divertiu

um bocado ao escrevê-las! Como diz, a escrita nos envelopes é muito mais

antiga... aliás, o envelope não poderia pertencer às cartas, de todo modo, porque o carimbo postal da que você está segurando é de 1851 — ela fez

uma pausa. E prosseguiu enfaticamente: — Mil oitocentos e cinquenta e

um. E isso explica tudo, não é?

— Não para mim — disse Edward.

— Bem, é claro — disse miss Marple. — Ouso dizer que não significaria

para mim não fosse meu sobrinho-neto Lionel. Um garotinho tão querido e

um apaixonado colecionador de selos. Sabe tudo sobre selos. Foi ele que me

contou sobre os selos raros e caros e que uma maravilhosa nova descoberta

fora colocada em leilão. E eu me lembro de ele mencionar um selo — um

azul de dois cents de mil oitocentos e cinquenta e um. Ele saiu por algo em torno de vinte e cinco mil dólares, creio. Caramba! Eu devia imaginar que

os outros selos são também raros e valiosos. Seu tio seguramente os

comprou por meio de intermediários e cuidadosamente “encobriu suas

pegadas” como dizem em histórias policiais.

Edward gemeu e enterrou o rosto nas mãos.

— O que foi? — perguntou Charmian.

— Nada. Foi só o pensamento horrível de que, não fosse por miss

Marple, nós poderíamos ter queimado estas cartas por decente

cavalheirismo.

— Ah — disse miss Marple —, é precisamente isso que esses velhos

cavalheiros piadistas não percebem. O tio Henry, lembram, enviou a sua

sobrinha favorita uma nota de cinco libras de presente de Natal. Ele a colocou num cartão de Natal, selou o cartão com goma, e escreveu nele

“Amor e boas festas. Lamento que isso seja tudo que posso lhe dar este ano”. Ela, pobre menina, ficou aborrecida com o que achou que fosse

sovinice da parte dele e o atirou direto no fogo; aí, é claro, ele teve de dar-

lhe outra.

Os sentimentos de Edward para com o tio Henry haviam sofrido uma

brusca e completa mudança.

— Miss Marple — disse. — Vou buscar uma garrafa de champanhe.

Beberemos à saúde do seu tio Henry.

3

o crime da fita métrica

Miss Politt segurou a aldrava e bateu educadamente na porta da casa de campo. Após um intervalo discreto, tornou a bater. O pacote debaixo do seu

braço esquerdo se deslocou um pouco quando ela o fez, e ela o recolocou

no lugar. Dentro do pacote estava o novo vestido de inverno verde de mrs.

Spenlow, pronto para a prova. Da mão esquerda de miss Politt pendia uma

sacola de seda preta, contendo uma fita métrica, uma almofada de alfinetes,

e uma grande e prática tesoura.

Miss Politt era alta e magra, tinha um nariz afilado, lábios franzidos e

cabelo ralo grisalho. Ela hesitou antes de usar a aldrava pela terceira vez.

Espiando a rua, avistou uma figura que se aproximava apressadamente.

Miss Hartnell, alegre, bronzeada, com cinquenta e cinco anos, gritou com sua voz usual:

— Boa tarde, miss Politt!

A costureira respondeu:

— Boa tarde, miss Hartnell — sua voz era excessivamente fina com

toques de gentileza. Ela começara a vida como criada. — Desculpe-me —

prosseguiu —, mas por acaso sabe se mrs. Spenlow está em casa?

— Não tenho a menor ideia — disse miss Hartnell.

— É muito estranho, sabe. Eu devia fazer a prova do vestido novo de

mrs. Spenlow esta tarde. Três e meia, ela disse.

Miss Hartnell consultou seu relógio de pulso.

— Passou um pouco da meia hora.

— Sim, bati três vezes, mas não me pareceu ouvir nenhuma resposta,

por isso estava pensando que talvez mrs. Spenlow possa ter saído ou se esquecido. Ela em geral não se esquece de compromissos, e quer o vestido

para usar depois de amanhã.

Miss Hartnell cruzou o portão e atravessou o passeio para se juntar a

miss Politt do lado de fora da porta do Laburnum Cottage.

— Por que Gladys não atende à porta? — ela perguntou. — Oh, não,

claro, é quinta-feira, dia de folga da Gladys. Imagino que mrs. Spenlow deva

ter caído no sono. Acho que você não fez barulho suficiente com essa coisa.

Segurando a aldrava, ela executou um *rá-tá-tá* ensurdecedor e, para completar,

bateu com força nos painéis da porta. Ela também chamou com

voz estrondosa:

— Ó de casa, tem alguém aí!

Não houve resposta.

Miss Politt murmurou:

— Oh, acho que mrs. Spenlow deva ter-se esquecido e saído. Vou

passar por aqui outra hora — e começou a se afastar pelo passeio.

— Bobagem — disse miss Hartnell com firmeza. — Ela não pode ter

saído. Eu a teria encontrado. Vou dar uma olhada pelas janelas e ver se consigo encontrar sinais de vida.

Ela riu de sua maneira calorosa habitual para indicar que era uma

piada, e deu uma olhada rápida pela vidraça mais próxima, rápida porque

sabia perfeitamente que a sala da frente raramente era usada, já que mr. e

mrs. Spenlow preferiam a saleta de estar nos fundos.

Apesar de rápida, ela foi bem-sucedida em seu objetivo. Miss Hartnell,

é verdade, não viu sinais de vida. Ao contrário, ela viu, através da janela, mrs. Spenlow deitada sobre o tapete diante da lareira, morta.

— É claro — disse miss Hartnell, contando a história mais tarde —, eu

consegui manter a cabeça fria. Aquela criatura, a Politt, não teria a menor

ideia do que fazer. “Temos que manter a cabeça fria”, eu disse a ela. “*Você*

fica aqui, e eu vou buscar o policial Palk”. Ela falou alguma coisa sobre não

querer ser deixada, mas eu nem liguei. É preciso ser firme com esse tipo de

gente. Eu sempre achei que elas gostam de criar caso. De modo que eu estava saindo quando, naquele exato momento, mr. Spenlow dobrou o

canto da casa.

Nesse ponto, miss Hartnell fez uma pausa significativa. Isso permitiu

que sua plateia perguntasse de um fôlego:

— Diga-me, qual era sua *aparência*?

— Francamente — miss Hartnell então prosseguiria. — *Eu* suspeitei de algo naquela mesma hora. Ele estava calmo *demais*. Não pareceu

minimamente surpreso. E podem dizer o que quiserem, mas não é natural

um homem ouvir que sua mulher está morta e não mostrar a menor

emoção.

Todos concordaram com essa declaração.

A polícia concordou com ela também, considerando o desapego de mr.

Spenlow tão suspeito, que não perdeu tempo em averiguar como aquele

cavalheiro ficaria em consequência da morte da esposa.

Quando descobriu que mrs. Spenlow era o cônjuge endinheirado, e que

seu dinheiro iria para o marido em razão de um testamento feito pouco depois de seu casamento, ela ficou mais desconfiada do que nunca.

Miss Marple, a velha solteirona de rosto doce — e, segundo alguns, língua

ferina — que vivia na casa ao lado da casa paroquial, foi entrevistada prontamente, menos de meia hora após a descoberta do crime. Ela foi

contatada pelo agente policial Palk, folheando com ares de importância um

caderno:

— Se não se importa, senhora, tenho algumas perguntas para lhe fazer.

— Em relação ao assassinato de mrs. Spenlow? — miss Marple disse.

Palk se sobressaltou.

— Posso lhe perguntar, senhora, como chegou a essa conclusão?

— O peixe — disse miss Marple.

A resposta foi absolutamente ininteligível para o policial Palk. Ele imaginou corretamente que o entregador da peixaria levara a informação junto da refeição noturna de miss Marple.

— Deitada no chão da sala de estar, estrangulada, possivelmente com um cinto muito estreito — miss Marple continuou suavemente. — Mas seja lá o que fosse, foi levado embora.

O rosto de Palk aparentava ira.

— Como é que aquele fedelho do Fred consegue saber tudo...

Miss Marple o interrompeu habilmente, dizendo:

— Tem um alfinete na sua farda.

O agente Palk olhou para baixo, espantado. Ele disse:

— Tem um ditado que diz “se vir um alfinete, retire-o, e terá sorte o dia inteiro”.

— Espero que isso se realize. Então, o que queria saber?

O agente Palk clareou a garganta, fez um ar importante, e consultou seu caderno.

— A declaração me foi feita por mr. Arthur Spenlow, marido da

falecida. Mr. Spenlow diz que às duas e meia, até onde ele se lembra, recebeu um telefonema de miss Marple, e foi consultado se poderia vir às

três e quinze porque ela estava ansiosa para consultá-lo sobre alguma

coisa. Agora, senhora, é verdade?

— Certamente que não — disse miss Marple.

— A senhora não telefonou para mr. Spenlow às duas e meia?

— Nem às duas e meia nem em outra hora.

— Ah — disse o agente Palk, e cofiou seu bigode com grande satisfação.

— O que mais mr. Spenlow disse?

— A declaração de mr. Spenlow foi que ele veio aqui a pedido, tendo

saído de sua casa às três e dez; que ao chegar aqui, foi informado pela criada de que miss Marple “num tava em casa”.

— Esta parte é verdade — disse miss Marple. — Ele veio aqui, mas eu

estava numa reunião do Instituto das Mulheres.

— Ah — fez o agente Palk de novo.

— Não me diga, agente, que suspeita de mr. Spenlow? — miss Marple

indagou.

— Não me cabe dizer neste estágio, mas me parece que alguém, sem

citar nomes, vem tentando ser esperto.

Miss Marple disse, pensativamente:

— Mr. Spenlow?

Ela gostava de mr. Spenlow. Ele era um homem baixo, reservado, convencional e cerimonioso na maneira de falar, o ápice da respeitabilidade. Era estranho que tivesse vindo morar no campo, ele que vivera em cidades durante toda a sua vida. Para miss Marple, ele havia confidenciado a razão.

Ele disse:

— Eu sempre pretendi, desde que era um garotinho, viver no campo algum dia e ter meu próprio jardim. Sempre fui muito ligado a flores. Minha esposa, como sabe, possuía uma floricultura. Foi lá que eu a conheci.

Uma declaração seca, mas abria um panorama de romance. Uma mrs. Spenlow mais jovem e mais bonita, vista contra um pano de fundo de flores.

Mr. Spenlow, porém, não entendia nada de flores. Ele não tinha a menor ideia de sementes, podas, transplante de mudas anuais ou perenes. Ele só tivera uma visão: a visão de um jardim numa casa de campo espessamente plantado com florzinhas vivamente coloridas de aroma suave. Ele havia pedido, quase pateticamente, instruções, e havia anotado num livrinho as respostas de miss Marple às perguntas.

Mr. Spenlow era um homem de atitudes calmas. Fora por essa característica, talvez, que a polícia se interessara por ele quando encontraram sua mulher assassinada. Com perseverança e paciência, eles averiguaram um bocado de coisas sobre a falecida mrs. Spenlow, e não demorou para toda St. Mary Mead ficar sabendo de tudo também.

A falecida mrs. Spenlow havia começado a vida como ajudante de cozinha numa casa grande. Havia deixado esse posto para se casar com o segundo jardineiro, que havia começado uma floricultura em Londres. A loja havia prosperado. O jardineiro nem tanto, porque pouco tempo depois adoecera e morrera.

Sua viúva continuou tocando a loja e a ampliou de maneira ambiciosa. A prosperidade continuara. Depois ela vendeu o negócio por um belo preço e embarcou no matrimônio pela segunda vez, com mr. Spenlow, um joalheiro de meia idade que havia herdado um pequeno e problemático negócio. Algum tempo depois, eles venderam o negócio e foram para St. Mary Mead.

Mrs. Spenlow era uma mulher bem de vida. Os lucros de sua floricultura ela havia investido “por orientação espiritual”, como explicava a quem quisesse ouvir. Os espíritos a aconselharam com insuspeita argúcia. Todos os seus investimentos haviam prosperado, alguns de maneira sensacional. Entretanto, em vez de sua crescente fé no espiritualismo, mrs. Spenlow desertou ignobilmente de médiuns e sessões, e fez um mergulho breve, mas intenso, numa religião obscura com afinidades indianas que se baseava em várias formas de respiração profunda.

Quando chegou a St. Mary Mead, contudo, ela tivera uma recaída num período de crenças na Igreja Anglicana ortodoxa. Ela passava muito tempo

no vicariato, e frequentava assiduamente os serviços religiosos. Ela patrocinava as lojas do povoado, tinha interesse nos acontecimentos locais, e jogava bridge.

Um cotidiano rotineiro. E, de repente, assassinato.

O coronel Melchett, chefe de polícia, havia encarregado o inspetor Slack. Slack era o tipo de homem positivo. Quando decidia alguma coisa, é porque tinha certeza. Ele tinha toda certeza agora.

— Foi o marido, senhor — ele disse.

— Você acha?

— Com certeza. Basta olhar para ele. Culpado até os ossos. Nunca mostrou nenhum sinal de pesar ou emoção. Ele voltou para casa sabendo que ela estava morta.

— Ele não teria ao menos tentado se passar pelo marido distraído?

— Não ele, senhor. Muito senhor de si. Alguns cavalheiros não conseguem atuar. São duros demais.

— Alguma mulher na vida dele? — perguntou o coronel Melchett.

— Não consegui encontrar o menor traço de uma. Claro, ele é do tipo astucioso. Encobre suas pegadas. Do jeito que eu entendo, ele estava simplesmente farto da esposa. Ela tinha o dinheiro, e eu diria que era uma mulher dura de conviver... sempre falando de coisas incompreensíveis. Ele decidiu friamente acabar com ela e viver confortavelmente sozinho.

— Sim, pode ter sido isso, imagino.

— Pode acreditar, foi assim. Preparou seus planos com todo cuidado.

Simulou ter recebido um telefonema...

Melchett o interrompeu:

— Nenhum telefonema foi rastreado?

— Não, senhor. Isso significa que ou ele mentiu, ou o telefonema foi feito de uma cabine telefônica pública. Os dois únicos telefones públicos do povoado estão na estação e na agência postal. Na agência certamente não foi. Mrs. Blade vê todos que entram. Na estação poderia ser. O trem chega às duas e vinte e sete e há um pouco de agitação. Mas o principal é que ele diz que foi miss Marple quem ligou para ele, e isso certamente não é verdade. O telefonema não veio da casa dela, e ela própria estava longe, no Instituto.

— Você não estará subestimando a possibilidade de que o marido foi deliberadamente afastado do caminho por alguém que queria assassinar mrs. Spenlow?

— Está pensando no jovem Ted Gerard, não é, senhor? Estive trabalhando nele. O problema é que falta um motivo. Ele não vai ganhar nada.

— Mas é um caráter indesejável. E tem uma linda manchinha em seu currículo.

— Não estou dizendo que ele não seja um pilantra. Mas ele procurou

seu patrão e admitiu o desfalque. E seus empregadores não estavam informados daquilo.

— Um membro do Oxford Group — disse Melchett.

— Isso, senhor. Ele se converteu e saiu para fazer a coisa certa e admitir que havia surrupiado o dinheiro. Não estou dizendo, repare, que não pode ter sido malandragem. Ele pode ter pensado que era suspeito e resolveu apostar num arrependimento honesto.

— Você tem uma mentalidade cética, Slack — disse o coronel Melchett.

— Por falar nisso, conversou com miss Marple?

— O que *ela* tem a ver com isso, senhor?

— Oh, nada. Mas ela ouve coisas, sabe. Por que não vai ter uma conversinha com ela? Ela é uma velhota muito arguta.

Slack mudou de tema:

— Uma coisa que eu queria lhe perguntar, senhor. Aquele emprego de serviço doméstico onde a falecida iniciou sua carreira, a casa de sir Robert Abercrombie. Foi lá aquele roubo de joias, esmeraldas, valendo um dinheirão. Os culpados nunca foram apanhados. Estive examinando, deve ter acontecido quando mrs. Spenlow estava lá, embora ela fosse bem menina na época. Não acha que ela estava metida naquilo, acha, senhor? Mr. Spenlow, como sabe, era um daqueles pequenos joalheiros chinfrins, o cara certo para uma receptação.

Melchett balançou a cabeça.

— Não acho que tenha alguma coisa aí. Ela nem conhecia Spenlow na época. Eu me lembro do caso. A opinião nos círculos policiais foi que um filho da casa estava metido, Jim Abercrombie, um jovem perdulário atroz.

Tinha uma montanha de dívidas e pouco depois do roubo elas foram pagas, alguma mulher rica, assim disseram, mas não sei. O velho Abercrombie tergiversou um bocado sobre o caso, tentou afastar a polícia dele.

— Foi só uma ideia, senhor — disse Slack.

• • •

Miss Marple recebeu o inspetor Slack com prazer, especialmente quando soube que ele havia sido enviado pelo coronel Melchett.

— Mas que grande gentileza do coronel Melchett. Eu nem sabia que ele se lembrava de mim.

— Ele lembra muito bem da senhora. Contou-me que o que a senhora não sabe do que se passa em St. Mary Mead não vale a pena saber.

— Bondade dele, mas eu na verdade não sei absolutamente nada.

Sobre este crime, quero dizer.

— Sabe o que dizem as conversas.

— Oh, claro... mas não serviria, seria simplesmente ficar repetindo conversas fiadas.

Slack disse, com uma tentativa de genialidade:

— Esta não é uma conversa oficial, entende. É confidencial, por assim

dizer.

— Quer dizer que realmente deseja saber o que as pessoas estão dizendo? Se há alguma verdade nisso ou não?

— A ideia é essa.

— Bem, é claro, tem havido muitas conversas e especulações. E há de fato dois campos distintos, se me entende. Para começar, tem as pessoas que pensam que o marido o fez. Um marido ou uma esposa é, de certa maneira, a pessoa natural para se suspeitar, não acha?

— Talvez — disse o inspetor cautelosamente.

— O espaço tão confinado, sabe. Ademais, também há o ângulo pecuniário. Ouvi dizer que era mrs. Spenlow que tinha o dinheiro, e, portanto, mr. Spenlow se beneficiaria com a morte dela. Neste mundo perverso temo que as suposições mais insensíveis são, amiúde, justificadas.

— Ele receberia uma quantia apreciável, de fato.

— Precisamente. Pareceria bem plausível, não é, ele estrangulá-la, sair da casa pelos fundos, vir pelo campo até a minha casa, perguntar por mim e fingir que recebeu um telefonema meu, e em seguida voltar e encontrar a esposa assassinada na sua ausência... na esperança, é claro, de que o crime fosse imputado a algum vagabundo ou ladrão.

O inspetor assentiu:

— Isso quanto ao ângulo pecuniário, e se eles não estivessem se dando

bem ultimamente...

Miss Marple o interrompeu:

— Oh, mas estavam.

— Sabe disso com certeza?

— Todos ficariam sabendo se eles brigassem! A empregada, Gladys Brent, logo teria espalhado por todo o povoado.

O inspetor disse sem convicção:

— Ela pode não ter sabido... — e recebeu um sorriso piedoso como resposta.

— E depois há outra linha de pensamento — miss Marple prosseguiu.

— Ted Gerard. Um jovem bem apessoado. Temo que boas aparências são propensas a influenciar mais do que deveriam. Nosso penúltimo cura, por exemplo, que efeito mágico! Todas as moças vinham à igreja, tanto no serviço noturno como no matinal. E muitas mulheres mais velhas se tornaram ativas no trabalho paroquial, até chinelos e cachecóis foram feitos para ele! Muito embaraçoso para o pobre homem. — Mas deixe-me ver, onde é mesmo que eu estava? Ah, sim, este jovem, Ted Gerard. Claro, pessoas têm falado nele. Ele veio visitá-la tantas vezes. Embora a própria mrs. Spenlow tenha me dito que ele era um membro do que eu penso que chamam de Oxford Group. Um movimento religioso. Eles são muito sinceros e muito sérios, acredito, e mrs. Spenlow ficou impressionada com

tudo aquilo.

Miss Marple recobrou o fôlego e continuou:

— E estou certa de que não houve nenhuma razão para acreditar que houve algo mais do que isso, mas você sabe como são as pessoas. Muita gente está convencida de que mrs. Spenlow estava apaixonada pelo jovem, e que havia lhe emprestado uma soma muito grande de dinheiro. E é inquestionável que ele foi visto na estação naquele dia. No trem, o trem das duas e vinte e sete. Mas evidentemente seria muito fácil, não seria, esgueirar-se para fora pelo outro lado do trem, seguir pelo leito, pular a cerca, contornar a sebe sem sair em nenhum momento pela porta de entrada da estação. Assim ele não teria sido visto andando para a casa. E, claro, as pessoas acham que o que mrs. Spenlow estava usando era muito peculiar.

— Peculiar?

— Um quimono. Não um vestido — miss Marple corou. — Aquela coisa curta, sabe, é muito sugestiva para algumas pessoas.

— Acredita que era sugestiva?

— Oh, não. Eu não penso assim, acho que era perfeitamente natural.

— Acha que era natural?

— Nas circunstâncias, sim — o olhar de miss Marple era frio e reflexivo.

O inspetor Slack disse:

— Isso poderia nos dar outro motivo para o marido. Ciúme.

— Oh, não, mr. Spenlow nunca foi ciumento. Ele não é o tipo de homem

que nota coisas. Se a sua esposa tivesse fugido e deixado uma nota na almofada de alfinetes, seria a primeira vez que ele conheceria algo do gênero.

O inspetor Slack estava intrigado com a maneira intensa com que ela o

fitava. Ele tinha a sensação de que toda sua conversa pretendia sugerir alguma coisa que ele não compreendia. Ela disse então, com certa ênfase:

— Encontrou algumas pistas, inspetor... no local?

— As pessoas não deixam impressões digitais e bitucas de cigarros

hoje em dia, miss Marple.

— Mas este, acredito — ela sugeriu —, foi um crime à moda antiga...

— O que quer dizer com isso? — Slack disse num ímpeto.

Miss Marple observou vagarosamente:

— Creio que o agente Palk poderia ajudá-lo. Ele foi a primeira pessoa

na... na “cena do crime” como dizem.

Mr. Spenlow estava sentado numa espreguiçadeira. Parecia desnorteado.

Ele disse com sua voz fina, mas precisa:

— Posso estar imaginando, é claro, o que ocorreu. Minha audição já

não é tão boa como costumava ser. Mas eu ouvi distintamente um

garotinho gritar às minhas costas. “Olha, lá vai um Crippen[5].” Me... me deu a impressão de que ele era da opinião de que eu tinha... tinha matado minha

querida esposa.

Miss Marple, podando delicadamente um botão de rosa morto, disse:

— Era a impressão que ele queria transmitir, sem dúvida.

— Mas o que poderia ter posto essa ideia na cabeça de uma criança?

Miss Marple tossiu.

— Ouvindo, decerto, a opinião de seus pais.

— Acha... acha realmente que outras pessoas pensam assim, também?

— Bem, a metade das pessoas em St. Mary Mead.

— Mas... minha cara senhora... o que pode ter suscitado semelhante

ideia? Eu era muito ligado a minha esposa. Infelizmente, ela acabou não gostando de viver no campo tanto quanto eu esperava, mas a concordância

perfeita sobre qualquer assunto é uma ideia impossível. Eu lhe asseguro que sinto imensamente a sua perda.

— Não duvido. Mas se me permite dizer, você não passa essa

impressão.

Mr. Spenlow levantou sua ossatura magra até sua altura máxima.

— Minha cara senhora, muitos anos atrás eu li sobre um filósofo chinês

que, quando sua esposa muito amada lhe foi tirada, continuou calmamente

a soar um gongo na rua, um passatempo habitual chinês, imagino...

exatamente como de costume. As pessoas da cidade ficaram muito

impressionadas com a sua fortaleza.

— Mas — disse miss Marple —, as pessoas de St. Mary Mead reagem de

maneira muito diferente. A filosofia chinesa não as seduz.

— Mas a senhora compreende?

Miss Marple assentiu.

— Meu tio Henry — explicou — era um homem de um autocontrole invulgar. Seu lema era “Jamais exiba emoção”. Ele também gostava muito de flores.

— Estive pensando — disse mr. Spenlow com certa impaciência —, que talvez eu pudesse ter uma pérgola no lado oeste da casa. Rosas cor-de-rosa e, talvez, glicínias. E tem uma flor estrelada branca, cujo nome me escapa no momento...

No tom em que falava com seu sobrinho-neto de três anos, miss Marple disse:

— Tenho um ótimo catálogo aqui, com fotos. Talvez gostasse de examiná-lo... eu tenho de ir ao povoado.

Deixando mr. Spenlow sentado e contente no jardim com seu catálogo, miss Marple foi até o seu quarto, enrolou às pressas um vestido num pedaço de papel pardo, e, saiu da casa, caminhando vigorosamente até a agência postal. Miss Politt, a costureira, vivia nos cômodos em cima da agência.

Porém, miss Marple não cruzou a porta de imediato e subiu a escada.

Eram apenas duas e meia e, um minuto mais tarde, o ônibus de Much Benham se aproximou da porta da agência. Era um acontecimento cotidiano em St. Mary Mead. A gerente da agência saía às pressas com pacotes, pacotes associados ao lado comercial de seu negócio, pois a

agência postal também negociava com doces, livros baratos e brinquedos infantis.

Durante cerca de quatro minutos, miss Marple ficou sozinha na agência postal.

Foi só depois que a gerente retornou a seu posto que miss Marple subiu a escada e explicou a miss Politt que queria alterar e deixar mais na moda seu velho vestido de crepe cinza, se fosse possível. Miss Politt prometeu que veria o que podia fazer.

O chefe de polícia ficou muito espantado quando lhe trouxeram o nome de miss Marple. Ela entrou com muitos pedidos de desculpa.

— Desculpe-me... sinto muito perturbá-lo. Você é tão ocupado, eu sei, mas como foi sempre tão bondoso, coronel Melchett, eu achei por bem vir procurá-lo e não ao inspetor Slack. Em primeiro lugar, sabe, eu odiaria se o agente Palk se metesse em alguma encrenca. Estritamente falando, imagino que ele não deve ter tocado em nada.

O coronel Melchett estava ligeiramente perplexo. Ele disse:

— Palk? É o policial de St. Mary Mead, não é? O que ele andou aprontando?

— Ele tirou um alfinete, entende. Estava na sua túnica. E me ocorreu na ocasião que era muito provável que o havia recolhido de fato na casa de mrs. Spenlow.

— Certo, certo. Mas afinal, que importância tem um alfinete? Na verdade, ele tirou o alfinete justamente do corpo de mrs. Spenlow. Veio e contou sobre isso a Slack ontem... a senhora o levou a fazer isso, não foi? Não deveria ter tocado em nada, é claro, mas como eu digo, que importância tem um alfinete? Era apenas um alfinete comum. Tipo de coisa que qualquer mulher poderia usar.

— Ah, não, coronel Melchett, é aí que se equivoca. Para um olhar masculino, talvez, parecesse um alfinete normal, mas não era. Era um alfinete especial, um alfinete muito fino, o tipo que se compra por caixa, o tipo usado principalmente por costureiras.

Melchett a fitou, invadido por uma leve luz de compreensão. Miss Marple balançou sua cabeça diversas vezes, energicamente.

— Sim, é claro. Me parece tão óbvio. Ela estava de quimono porque ia provar seu vestido novo, e foi até a porta da frente, e miss Politt apenas disse algo sobre medidas e enrolou a fita métrica em volta do seu pescoço... e aí tudo que ela precisou fazer foi cruzá-la e puxar, muito fácil, assim eu ouvi. E depois, é claro, ela sairia e puxaria a porta e ficaria ali parada batendo como se tivesse acabado de chegar. Mas o alfinete mostra que ela *já havia estado na casa*.

— E foi miss Politt que telefonou para Spenlow?

— Sim. Da agência postal às duas e meia — no momento em que o ônibus chega e a agência fica vazia.

— Mas minha cara miss Marple, por quê? — o coronel Melchett disse.

— Em nome de Deus, por quê? Não se pode ter um assassinato sem um motivo.

— Bem, eu penso, sabe, coronel Melchett, de tudo que ouvi, que o crime data de muito tempo atrás. Ele fez eu me lembrar de meus dois primos, Antony e Gordon. Tudo que Antony fazia sempre dava certo, e com o pobre Gordon era exatamente o contrário. Cavalos de corrida ficavam mancos, ações caiam e imóveis desvalorizavam. Como eu vejo, as duas mulheres estavam juntas nisso.

— No quê?

— No roubo. Muito tempo atrás. Esmeraldas muito valiosas, assim eu ouvi. A criada e a ajudante de cozinha. Porque uma coisa não foi explicada: como, quando a ajudante se casou com o jardineiro, eles arranjaram dinheiro suficiente para montar uma floricultura?

— A resposta é, foi sua parte da... da muamba. Acho que é a expressão correta. Tudo que ela fez deu certo. Dinheiro atrai dinheiro. Mas a outra, a criada, deve ter sido infeliz. Ela acabou se tornando uma costureira de povoado. Aí elas se encontraram de novo. Tudo bem, no começo, imagino, até mr. Ted Gerard entrar em cena. — Mrs. Spenlow, percebe, já estava com dor de consciência, e estava propensa a ser emocionalmente religiosa. Esse jovem certamente a instigou a “enfrentar as consequências” e “ficar limpa” e imagino que ela estava inclinada a isso. Mas miss Politt não viu as coisas

dessa maneira. Tudo que viu foi que poderia ir para a prisão por um roubo que cometera muitos anos atrás. De modo que ela decidiu dar um basta naquilo. Eu temo, sabe, que ela sempre tenha sido uma mulher má. Não acredito que teria mexido uma palha se esse bom e tolo do mr. Spenlow fosse enforcado.

O coronel Melchett disse lentamente:

— Podemos... er... verificar sua teoria... até certo ponto. A identidade da mulher Politt com a criada dos Abercrombie, mas...

Miss Marple o tranquilizou.

— Será muito fácil. Ela é o tipo de mulher que desmoronará quando for confrontada com a verdade. E depois, sabe, eu tenho a sua fita métrica. Eu... bem... a surrupiei ontem quando estava provando. Quando ela der pela sua falta e pensar que a polícia a apanhou... bem, ela é uma mulher muito ignorante e pensará que a fita provará o caso contra ela de alguma forma.

Ela sorriu para ele encorajadoramente.

— Você não terá problema, posso lhe garantir.

Era o tom em que sua tia favorita havia lhe garantido certa vez de que ele passaria no exame de admissão a Sandhurst.

E ele havia passado.

4

o caso da empregada perfeita

— Por favor, madame, será que eu poderia falar com a senhora um

momento?

Daria para pensar que esse pedido chegava às raias do absurdo, pois

era Edna, a criadinha de miss Marple, que estava falando com sua patroa nesse momento.

Reconhecendo o linguajar, porém, miss Marple disse prontamente:

— Com certeza, Edna, entre e feche a porta. O que é?

Fechando obedientemente a porta, Edna avançou para o interior do

quarto, dobrou a ponta do seu avental entre os dedos, e engoliu uma ou duas vezes.

— Fale, Edna — disse miss Marple para encorajá-la.

— Oh, por favor, madame, é a minha prima, Gladdie.

— Ai, ai — disse miss Marple, com sua imaginação saltando para a pior,

e mais comum, conclusão. — Ela não... está grávida?

Edna se apressou em tranquilizá-la:

— Oh, não... madame, nada disso. Gladdie não é esse tipo de garota. É

só que ela está preocupada. Sabe, ela perdeu o emprego.

— Ai, ai, lamento ouvir isso. Ela estava no Old Hall, não é, com a miss...

as misses.. Skinner?

— Sim, madame, é isso mesmo. E a Gladdie está muito preocupada com

isso... muito preocupada mesmo.

— Mas Gladys já mudou de emprego muitas vezes antes, não foi?

— Oh. Sim, madame. Ela vive mudando, a Gladdie. Ela nunca parece se

assentar de verdade, se entende o que eu quero dizer. Mas foi sempre ela que pediu a conta, entende!

— E desta vez foi o contrário? — perguntou miss Marple secamente.

— Sim, senhora, e isso preocupou demais a Gladdie.

Miss Marple pareceu levemente surpresa. Sua lembrança de Gladys, que ia ocasionalmente tomar chá na cozinha nos seus “dias de folga”, era a de uma garota robusta e risonha, de temperamento invariavelmente imperturbável.

— Sabe, madame, é a maneira como aconteceu... a maneira como miss Skinner olhou — Edna prosseguiu.

— Como — inquiriu miss Marple pacientemente — miss Skinner olhou?

Desta vez Edna avançou bastante em seu boletim noticioso.

— Oh, madame. Foi um choque tão grande pra Gladdie. Sabe, um dos broches de miss Emily estava desaparecido, e fizeram uma tempestade sem igual sobre isso, e claro, ninguém gosta que uma coisa assim aconteça; é preocupante, madame, se me entende. E a Gladdie ajudou a procurar por toda parte, e lá estava miss Lavinia dizendo que ia procurar a polícia sobre o caso, e aí ele reapareceu tirado do fundo de uma gaveta do toucador, e a Gladdie ficou muito agradecida.

— E no dia seguinte mesmo, como sempre acontece, um prato se

quebrou, e miss Lavinia pulou na mesma hora e deu aviso prévio pra Gladdie. E o que a Gladdie sente é que pode não ter sido o prato, e que miss Lavinia estava só usando este como uma desculpa, e que deve ter sido por causa do broche e elas acham que a Gladdie tirou ele e o colocou de volta quando falaram da polícia, e a Gladdie não faria uma coisa dessas, ela jamais faria, e o que ela sente é que isso vai ficar circulando e falando contra ela e é uma coisa muito séria para uma moça, como sabe, madame.

Miss Marple assentiu. Embora não tivesse particular apreço pela saltitante e presunçosa Gladys, tinha certeza da honestidade intrínseca da moça e podia imaginar perfeitamente que o caso a devia ter preocupado.

— Imagino, madame, que não há nada que possa fazer sobre isso — Edna disse esperançosamente. — A Gladdie nunca esteve tão atacada.

— Diga para ela não ser tola — disse miss Marple concisamente. — Se ela não tirou o broche, e estou certa de que não tirou, então ela não tem com que se preocupar.

— Vão comentar — disse Edna desanimadamente.

Miss Marple retrucou:

— Eu... bem... vou passar naquele caminho esta tarde. Vou dar uma palavrinha com as misses Skinner.

— Oh. Obrigado, madame — disse Edna.

Old Hall era uma mansão vitoriana rodeada de bosques e áreas verdes preservadas. Como ela se mostrara impossível de alugar e invendável do

jeito como estava, um especulador imobiliário a havia dividido em quatro apartamentos com um sistema de água quente central, e o uso em comum dos “terrenos” pelos inquilinos. O experimento fora satisfatório.

Uma velha senhora rica e excêntrica e sua criada ocupavam um apartamento. A velha senhora tinha uma paixão por pássaros e dava de comer a uma multidão emplumada todos os dias. Um juiz indiano aposentado e sua esposa alugaram um segundo. Um casal muito jovem, recém-casado, ocupava o terceiro, e o quarto fora alugado havia dois meses, apenas, por duas senhoras solteiras de sobrenome Skinner. Os quatro conjuntos de inquilinos tinham relações muito distantes entre si porque não tinham nada em comum. O senhorio disse que isso era excelente. O que o apavorava eram as amizades seguidas de desentendimentos e as queixas subsequentes.

Miss Marple conhecia todos os inquilinos, embora não os conhecesse bem. A miss Skinner mais velha, miss Lavinia, era o que pode se chamar de o membro trabalhador da casa; miss Emily, a mais nova, passava a maior parte do tempo na cama queixando-se de várias coisas que, na opinião de St. Mary Mead, eram, em grande parte, imaginárias. Somente miss Lavinia acreditava piamente no martírio e na paciência, na aflição da irmã, e prestimosamente levava recados e andava para cima e para baixo do povoado atrás de coisas que “minha irmã de repente desejou”.

Era opinião de St. Mary Mead que se miss Emily sofresse a metade do que dizia sofrer, ela já teria chamado o doutor Haydock há muito tempo. Mas miss Emily, quando isso lhe era sugerido, fechava os olhos com altivez e murmurava que seu caso não era simples — os melhores especialistas de Londres tinham se desconcertado com ele — e que um novo médico maravilhoso a incluíra em um plano de tratamento dos mais revolucionários, e que ela realmente achava que, agora, sua saúde ia melhorar. Nenhum clínico geral prosaico poderia entender seu caso.

— E a minha opinião — disse a desbocada miss Hartnell — é que ela é muito sábia de não chamá-lo. O caro doutor Haydock, com aquele seu jeito despreocupado, lhe diria que não há nada de errado com ela e para ela se levantar e não criar caso! Isso lhe faria muito bem!

Na falta desse tratamento arbitrário, porém, miss Emily permanecia recostada em sofás, cercada de estranhas caixinhas de comprimidos e recusando-se a quase tudo que havia sido cozinhado para ela, pedindo sempre algo diferente e, em geral, difícil e inconveniente de fazer.

A porta foi aberta para miss Marple por Gladdie, parecendo mais deprimida do que miss Marple teria julgado possível. Na sala de estar (um quarto da antiga sala de visitas que fora dividida em sala de jantar, sala de estar, banheiro e guarda-louça), miss Lavinia levantou-se para cumprimentar miss Marple.

Lavinia Skinner era uma mulher alta, magra e ossuda de cinquenta

anos. Ela tinha a voz rouca e modos bruscos.

— Como vai — disse. — Emily está deitada — sentindo-se mal hoje,

coitada. Espero que ela a veja, isso a animaria, mas tem dias que ela fica sem vontade de ver qualquer pessoa. Pobrezinha, ela é uma paciente

maravilhosa.

Miss Marple respondeu polidamente. Empregados domésticos era o

principal tópico de conversa em St. Mary Mead, por isso não foi difícil levar

a conversa nessa direção. Miss Marple disse que tinha ouvido que aquela boa garota, Gladys Holmes, estava de saída. Miss Lavinia assentiu.

— Próxima quarta-feira. Quebrou coisas, sabe. Assim não dá.

Miss Marple suspirou e disse que todos precisavam tolerar certas

coisas hoje em dia. Era tão difícil conseguir moças dispostas a ir para o campo. Miss Skinner achava realmente que seria bom ficar sem Gladys?

— Sei que é difícil conseguir empregadas — admitiu miss Lavinia. —

Os Devereux não conseguiram ninguém, mas nesse caso, não me espanta.

Sempre brigando, jazz ligado a noite inteira, refeições a qualquer hora, aquela moça não sabe nada sobre cuidar de uma casa. Tenho pena do

marido! Os Larkin, então, acabaram de perder sua empregada. Claro, com o

gênio indiano do juiz e seu pedido por *chota hazri*,[6] como ele o chama, às seis da manhã e mrs. Larkin sempre fazendo estardalhaço, isso não me

espanta, tampouco. A Janet de mrs. Carmichael é garantida, claro, embora, em minha opinião, ela seja uma mulher muito desagradável e atormente de

modo terrível a velha senhora.

— Então não acha que devia reconsiderar sua decisão sobre Gladys?

Ela é mesmo uma boa moça. Conheço toda a sua família; muito honesta e direita.

Miss Lavinia negou com a cabeça.

— Tenho minhas razões — ela disse com ares importantes.

— Você perdeu um broche, eu compreendo... — miss Marple

murmurou.

— Ora, quem andou falando? Imagino que a moça. Francamente, estou

quase certa de que ela o pegou. E depois ficou assustada e colocou de volta.

Mas, claro, não se pode dizer a menos que se tenha certeza — e mudou de

tema. — Venha ver a Emily.

Miss Marple a seguiu obedientemente até onde miss Lavinia bateu

numa porta, foi convidada a entrar, e conduziu sua visita para o melhor quarto do apartamento onde venezianas em meia altura filtravam a maior

parte da luz. Miss Emily estava deitada na cama, aparentemente apreciando

a penumbra e seus próprios e indefinidos sofrimentos.

A luz fraca mostrava uma criatura magra de olhar arisco, com bastos

cabelos grisalhos amarelados enrolados precariamente em torno da cabeça

e irrompendo em cachos, a coisa toda parecia um ninho de pássaro do qual

nenhum pássaro de respeito se orgulharia. O quarto cheirava a água-de-

colônia, biscoitos velhos e cânfora.

Com os olhos semicerrados e uma voz fina e fraca, Emily Skinner

explicou que aquele era “um de seus dias ruins”.

— O pior da má saúde — disse miss Emily, melancólica —, é saber o fardo que somos para os que nos cercam. Lavinia é muito boa para mim. Lavvie querida, eu detesto muito dar trabalho, mas minha garrafa térmica poderia ser enchida da maneira que eu gosto, cheia demais ela fica muito pesada para mim. Por outro lado, se não estiver suficientemente cheia, ela esfria imediatamente!

— Desculpe-me, querida. Me dê aqui. Vou esvaziá-la um pouco.

— Talvez, já que está fazendo isso, ela possa ser enchida novamente. Não há roscas na casa, imagino... não, não, não tem importância. Posso passar sem elas. Um pouco de chá fraco com uma rodela de limão... não tem limões? Não, mesmo, eu não poderia tomar chá sem limão. Acho que o leite estava levemente coalhado esta manhã. Isso me indispôs contra o leite no meu chá. Não importa. Posso passar sem meu chá. Só me sinto tão fraca. As ostras, dizem, são nutritivas. Fico pensando se não poderia conseguir algumas? Não, não, é incômodo demais consegui-las tão tarde no dia. Eu posso jejuar até amanhã.

Lavinia saiu do quarto murmurando alguma coisa incoerente sobre ir de bicicleta ao povoado.

Miss Emily sorriu debilmente para sua visitante e observou que odiava dar qualquer trabalho a alguém.

Naquela noite, miss Marple disse a Edna que temia que sua embaixada não tivesse obtido sucesso.

Ela ficou bastante preocupada ao saber que os rumores sobre a desonestidade de Gladys já estavam se espalhando pelo povoado.

Na agência postal, miss Wetherby abordou miss Marple:

— Minha querida Jane, eles lhe deram uma referência por escrito dizendo que ela era prestativa, e sóbria, e respeitável, mas sem dizer nada sobre honestidade. Isso me parece muito significativo! Ouvi dizer que houve algum problema com um broche. Acho que tem alguma coisa aí, sabe, porque não se deixa uma empregada ir embora, hoje em dia, a menos que seja alguma coisa bastante grave. Elas vão ter a maior dificuldade de encontrar outra. As moças simplesmente não irão a Old Hall. Elas ficam ansiosas para voltar para casa em seus dias de folga. Você verá, as Skinner não encontrarão ninguém, e aí, talvez, aquela horrível irmã hipocondríaca terá de se levantar e fazer alguma coisa!

Foi grande a mortificação no povoado quando se soube que as irmãs Skinner haviam contratado, de uma agência, uma nova empregada que, segundo todos os relatos, era um perfeito paradigma.

— Uma referência *de três anos* a recomendando calorosamente, ela prefere o campo, e, aliás, pede menos salário do que a Gladys. Sinto que tivemos muita sorte.

— Excelente — disse miss Marple, a quem esses detalhes eram transmitidos por miss Lavinia na peixaria. — Parece bom demais para ser verdade.

A opinião de St. Mary Mead passou a ser então que o paradigma recuaria no último minuto e não iria.

Nenhum desses prognósticos se verificou, contudo, e o povoado pode observar o tesouro doméstico, por nome Mary Higgins, atravessando o povoado no táxi do Reed para Old Hall.

Era preciso admitir que ela tinha boa apareência. Uma mulher das mais respeitáveis e muito bem vestida.

Quando miss Marple tornou a visitar Old Hall, com o pretexto de recrutar cuidadores para as barracas na quermesse do vicariato, Mary Higgins abriu a porta. Era de fato uma empregada de aspecto excelente, aparentando quarenta anos de idade, com cabelos pretos bem penteados, maçãs do rosto coradas, uma figura roliça discretamente vestida de preto com avental e touca brancos, “bem o tipo da boa empregada ao velho estilo”, como miss Marple explicou posteriormente, e com a voz apropriada e respeitosa, tão diferente das inflexões altas, mas anasaladas de Gladys.

Miss Lavinia parecia bem menos esgotada que o normal e, apesar de lamentar não poder cuidar de uma barraca por causa de sua preocupação com a irmã, ela fez uma bela contribuição em dinheiro, e prometeu produzir um lote de limpadores de canetas e meias para bebês.

Miss Marple comentou sua aparência saudável.

— Sinto realmente que devo muito a Mary, sou tão grata por ter tido a determinação de me livrar da outra moça. Mary é realmente preciosa.

Cozinha muito bem, serve lindamente e mantém nosso pequeno apartamento escrupulosamente limpo... os colchões são virados todo dia. E ela é realmente maravilhosa com Emily!

Miss Marple inquiriu rapidamente sobre Emily.

— Oh, pobrezinha, ela tem estado muito indisposta ultimamente. A culpa não é dela, claro, mas isso dificulta um pouco as coisas às vezes. Querer que se cozinhe certas coisas e aí, quando elas vêm, dizer que não pode comer agora... e aí querê-las de novo meia hora depois quando tudo já estragou e tem que ser refeito. Isso dá um bocado de trabalho, mas felizmente a Mary parece não se importar absolutamente. Ela revelou que cuidava de inválidos, e os compreende. É tão confortante.

— Ai, ai — disse miss Marple. — Você tem sorte.

— Tenho mesmo. Sinto que Mary nos foi enviada em resposta a uma prece.

— Para mim — disse miss Marple —, ela é quase boa demais para ser verdade. Eu seria.... bem, seria um pouco mais cautelosa se fosse você.

Lavinia Skinner não percebeu o motivo dessa observação. Ela disse:

— Oh! Eu lhe garanto que faço tudo que posso para deixá-la confortável. Não sei o que faria se ela saísse.

— Não espero que ela saia antes de estar pronta para sair — disse miss Marple e fitou com olhos duros sua anfitriã.

— Quando não se tem preocupações domésticas — miss Lavinia disse —, isso tira um peso da cabeça, não é? Como a sua pequena Edna está se saindo?

— Está se saindo muito bem. Não tem muita cabeça, é claro. Não como a sua Mary. Mas eu sei tudo sobre Edna porque ela é uma moça do povoado.

Quando saía para o vestíbulo, ela ouviu a voz da inválida se elevar, com irritação:

— Deixaram esta compressa ficar muito seca... o doutor Allerton disse para a umidade ser mantida continuamente. Vá, vá, deixe. Quero uma xícara de chá e um ovo cozido, cozido três minutos e meio apenas, lembre-se, e chame miss Lavinia para cá.

A eficiente Mary saiu do quarto e, dizendo para Lavinia: — miss Emily está chamando a senhora, madame — prosseguiu para abrir a porta para miss Marple, ajudando-a a vestir seu casaco e entregando-lhe seu guarda-chuva da maneira mais irrepreensível.

Miss Marple pegou o guarda-chuva, deixou-o cair, tentou apanhá-lo, e deixou cair a bolsa, que se abriu. Mary recuperou polidamente várias bugigangas: um lenço, uma agenda, uma bolsa de couro antiquada, dois xelins, três centavos, e um pedaço listrado de pirulito de menta.

Miss Marple recebeu o último com alguns sinais de confusão.

— Oh, querida, deve ter sido o garotinho de mrs. Clement. Ele o estava

chupando, eu me lembro, quando pegou minha bolsa para brincar. Deve ter colocado dentro. É terrivelmente grudento, não é?

— Devo apanhá-lo, senhora?

— Se não for incômodo. Muito obrigada.

Mary se curvou para recuperar o último item, um espelhinho, provocando uma exclamação empolgada de miss Marple.

— Que sorte que ele não quebrou.

Depois disso, ela partiu. Mary permaneceu polidamente ao lado da porta segurando um pedaço de pirulito listrado com as feições absolutamente impassíveis.

Por outros dez dias, St. Mary Mead teve de ouvir as excelências do tesouro de miss Lavinia e miss Emily. No décimo primeiro dia, o povoado acordou para sua grande excitação. Mary, o paradigma, havia desaparecido! Ninguém havia dormido em sua cama, e a porta da frente fora encontrada entreaberta. Ela havia se esgueirado para fora silenciosamente durante a noite.

E não fora apenas Mary que havia sumido! Dois broches e cinco anéis de miss Lavinia; três anéis, um pingente, um bracelete e quatro broches de miss Emily haviam sumido também!

Foi o começo de um capítulo de catástrofes.

A jovem mrs. Devereux havia perdido seus diamantes que guardava numa gaveta destrancada e algumas peles valiosas que recebera como

presente de núpcias. O juiz e sua esposa também tiveram joias e algum dinheiro roubados. Mrs. Carmichael foi a mais prejudicada. Não só tinha algumas joias bastante valiosas como guardava também no apartamento

uma grande soma de dinheiro que desapareceu. Era dia de folga de Janet, e

sua patroa tinha o hábito de andar pelos jardins ao crepúsculo chamando

os pássaros e espalhando migalhas. Parecia claro que Mary, a empregada

perfeita, tinha chaves que serviam em todos os apartamentos!

Houve, é preciso confessar, algum prazer malévolo em St. Mary Mead.

Miss Lavinia havia enaltecido tanto sua maravilhosa Mary.

— E todo o tempo, minha querida, apenas uma ladra comum!

Revelações interessantes se seguiram. Não só que Mary desaparecera

sem deixar rastro, mas que a agência que a havia fornecido e atestado suas

credenciais ficou alarmada ao descobrir que a Mary Higgins que havia se oferecido a eles e cujas referências eles haviam levantado, para todos os fins e propósitos, jamais existira. Era o nome de uma empregada genuína que tinha vivido com uma irmã genuína de um decano, mas a Mary Higgins

real estava vivendo pacificamente num lugar em Cornwall.

— Danada de inteligente, a coisa toda — o inspetor Slack foi obrigado a

reconhecer. — E se quiser saber, essa mulher trabalha com uma gangue.

Teve um caso muito parecido em Northumberland um ano atrás. A muamba nunca foi encontrada, e nunca a apanharam. Mas nós vamos fazer

melhor em Much Benham!

O inspetor Slack sempre foi um homem confiante.

Mesmo assim, as semanas se passavam e Mary Higgins continuava

triunfalmente solta. Em vão o inspetor Slack redobrou aquela energia que tanto contradizia seu nome. [7]

Miss Lavinia permanecia lacrimosa, miss Emily ficou tão perturbada, e se sentiu tão alarmada com o estado da irmã que mandou chamar o doutor Haydock.

O povoado inteiro ficou em ansiosa expectativa para saber o que ele diria sobre as alegações de má saúde de miss Emily, mas naturalmente não poderia lhe perguntar. Chegaram dados satisfatórios sobre o tema, contudo, por intermédio de mr. Meek, o assistente de químico que estava saindo com Clara, a empregada de mrs. Price-Ridley. Ficou-se sabendo então que o doutor Haydock havia receitado uma mistura de assa-fétida e valeriana que, segundo mr. Meek, era o remédio padrão para simuladores de doenças no Exército!

Pouco depois se ficou sabendo que miss Emily, descontente com o atendimento médico que recebera, havia declarado que, no seu estado de saúde, ela se sentia no dever de ficar perto do especialista em Londres que compreendia seu caso. Era uma questão de justiça com Lavinia, ela havia dito.

O apartamento foi colocado para sublocação.

Foi poucos dias depois disso que miss Marple, toda corada e afobada, apareceu na delegacia de Much Benham e perguntou pelo inspetor Slack.

O inspetor Slack não gostava de miss Marple. Mas sabia que o inspetor-

chefe, coronel Melchett, não partilhava sua opinião. De má vontade, portanto, ele a recebeu.

— Boa tarde, miss Marple, o que posso fazer pela senhora?

— Ai, ai — disse miss Marple —, temo que esteja ocupado.

— Muito trabalho mesmo — disse o inspetor Slack —, mas posso conceder-lhe alguns minutos.

— Ai, ai — disse miss Marple. — Espero conseguir dizer tudo da maneira apropriada. É tão difícil explicar-se, não acha? Não, talvez não ache. Mas como vê, não tendo sido educada no estilo moderno... apenas uma governanta, sabe, que ensinou as datas dos reis da Inglaterra e conhecimentos gerais... doutor Brewer... três tipos de doenças do trigo... ferrugem, mofo... como era mesmo a terceira... seria mancha[8]?

— A senhora quer falar sobre mancha? — perguntou o inspetor e enrubesceu.

— Oh, não, não — miss Marple descartou apressadamente qualquer desejo de falar sobre mancha. — Apenas uma ilustração, sabe. E como são feitas as agulhas, e tudo isso. Discursivo, sabe, mas sem ensinar a pessoa a se ater ao principal. Que é o que desejo fazer. É sobre a empregada de miss Skinner, Gladys, sabe.

— Mary Higgins — disse o inspetor Slack.

— Oh, sim, a segunda empregada. Mas é a Gladys Holmes que eu me

refiro, uma mocinha muito impertinente e muito cheia de si, mas, de fato, estritamente honesta, e é muito importante que isso seja reconhecido.

— Nenhuma acusação foi feita contra ela até agora que eu saiba — disse o inspetor.

— Não, sei que não há uma acusação... mas isso piora as coisas. Porque, como sabe, as pessoas ficam pensando coisas. Ai, ai... eu sabia que ia explicar as coisas de maneira errada. O que eu realmente quero dizer é que o importante é encontrar Mary Higgins.

— Com toda certeza — disse o inspetor Slack. — Tem alguma ideia sobre o assunto?

— Bem, na verdade, tenho — disse miss Marple. — Posso lhe fazer uma pergunta? Impressões digitais têm algum proveito para vocês?

— Ah — exclamou o inspetor Slack —, foi aí que ela nos passou a perna direitinho. Fazia a maior parte do serviço com luvas de borracha ou luvas de criada, ao que parece. E foi cuidadosa... limpou tudo em seu quarto e na pia. Não conseguimos encontrar uma única impressão digital no lugar!

— Se tivesse impressões digitais, isso ajudaria?

—Ajudaria, senhora. Elas poderiam ser reconhecidas na Yard. Este não foi seu primeiro trabalho, eu diria!

Miss Marple assentiu vigorosamente. Ela abriu sua bolsa e extraiu uma caixinha de papelão. Dentro dela, envolto em algodão, estava um

espelhinho.

— De minha bolsa de mão — disse miss Marple. — As impressões da empregada estão nela. Creio que devem ser satisfatórias... ela tocou numa substância extremamente pegajosa pouco antes.

O inspetor Slack a fitava:

— Obteve as impressões digitais dela de propósito?

— Claro.

— Suspeitava dela, então?

— Bem, sabe, me impressionou que ela fosse um pouco boa demais para ser verdade. Eu praticamente disse isto para miss Lavinia. Mas ela simplesmente não quis pegar a deixa! Temo, inspetor, que eu não acredite em paradigmas. A maioria de nós tem falhas... e o serviço doméstico as revela muito rapidamente!

— Bem — disse o inspetor Slack, recuperando a compostura —, sou-lhe grato, com certeza. Nós as enviaremos à Yard e veremos o que eles têm a dizer.

Ele parou. Miss Marple havia inclinado um pouco a cabeça e o observava com uma expressão muito sugestiva.

— Você não pensaria, imagino, inspetor, em olhar um pouco mais perto de casa?

— O que quer dizer, miss Marple?

— É difícil de explicar, mas quando a gente tropeça em uma coisa

peculiar a gente a nota. Embora, com frequência, as coisas peculiares

possam ser as mais banais. Eu senti isso o tempo todo, sabe; quer dizer, sobre Gladys e o broche. Ela é uma moça honesta; ela não roubou aquele broche. Então, por que miss Skinner achou que ela havia roubado? Miss

Skinner não é tola. Longe disso! Por que ela estava tão ansiosa para deixar

ir embora uma moça que era uma boa empregada quando empregadas são

tão difíceis para se conseguir? Era peculiar, sabe. Aí eu fiquei pensando, fiquei pensando muito tempo. E notei outra coisa peculiar! Miss Emily é uma hipocondríaca, mas é a primeira hipocondríaca que não manda

chamar um médico de imediato. Hipocondríacos adoram médicos. Miss

Emily não adorava!

— O que está sugerindo, miss Marple?

— Bem estou sugerindo, se me entende, que miss Lavinia e miss Emily

são pessoas peculiares. Miss Emily passa quase todo seu tempo num quarto escuro. E se aquele cabelo dela não é uma peruca eu... eu como minha própria trança postiça! E o que eu digo é o seguinte... é perfeitamente possível uma mulher magra, pálida, grisalha e chorosa ser a mesma mulher

de cabelo preto, faces rosadas e corpulenta. E ninguém que eu saiba viu miss Emily e Mary Higgins ao mesmo tempo.

— Tempo de sobra para limpar impressões digitais de todas as chaves,

tempo de sobra para descobrir tudo sobre os outros inquilinos, e aí... livrar-

se da moça local. Miss Emily faz uma caminhada vigorosa pelo campo uma

noite e chega à estação como Mary Higgins no dia seguinte. E aí, no

momento certo, Mary Higgins desaparece, e lá se vai a turba enfurecida no

seu encalço. Vou lhe dizer onde a encontrará, inspetor. No sofá de miss Emily

Skinner! Tire suas impressões digitais, se não acredita em mim, mas descobrirá que estou certa! Um par de ladras espertas, é o que as Skinner são... e seguramente mancomunadas com um receptor ou receptador ou sabe lá como vocês o chamam! Mas elas não vão se safar desta vez! Não vou deixar que o caráter honesto de uma moça de nosso povoado seja roubado desse modo! Gladys Holmes é tão honesta como a luz do dia, e todos vão se inteirar disso! Boa tarde!

Miss Marple havia saído antes que o inspetor Slack se recuperasse.

— Ufa! — ele murmurou. — Será que ela está certa?

Ele logo descobriu que miss Marple estava certa mais uma vez.

O coronel Melchett cumprimentou Slack pela sua eficiência, e miss Marple fez Gladys ir para o chá com Edna e falou seriamente para ela se aquietar em um bom emprego quando conseguisse um.

5

o mistério da caseira

— Então — perguntou o doutor Haydock a sua paciente —, como está se sentindo hoje?

Miss Marple sorriu lânguida para ele dos travesseiros.

— Acho que estou realmente melhor — admitiu —, mas me sinto tão terrivelmente deprimida. Não posso deixar de sentir como teria sido melhor se tivesse morrido. Afinal, sou uma mulher velha. Ninguém me quer

nem se importa comigo.

O doutor Haydock a interrompeu com a sua brusquidão usual.

— Sim, sim, típica reação posterior a esse tipo de gripe. O que precisa é alguma coisa com que se ocupar. Um tônico mental.

Miss Marple suspirou e abanou a cabeça.

— E tem mais — continuou o doutor Haydock. — Eu trouxe meu remédio.

Ele atirou um envelope comprido sobre a cama.

— A coisa certa para você. O tipo de enigma que é a sua cara.

— Um enigma? — miss Marple pareceu interessada.

— Um esforço literário meu — disse o médico, corando um pouco. — Tentei fazer uma história metódica dele. “Ele disse”, “ela disse”, “a moça pensou” etc. Os fatos da história são verdadeiros.

— Mas por que um enigma? — perguntou miss Marple.

O doutor Haydock sorriu. — Porque a interpretação cabe a você. Quero ver se é tão esperta como sempre consegue ser.

Com essa provocação, ele partiu.

Miss Marple pegou o manuscrito e começou a ler.

— E onde está a noiva? — perguntou miss Harmon calorosamente.

O povoado estava todo empolgado para ver a jovem rica e bela que Harry Laxton havia trazido do exterior. Havia um sentimento geral de indulgência de que Harry, jovem e perverso mandrião, tivera toda a sorte. Todos sempre se sentiram indulgentes com Harry. Mesmo os donos de janelas que haviam sofrido

com seu uso indiscriminado de estilingues viam sua indignação dissipada com a abjeta expressão de pesar do jovem Harry.

Ele havia quebrado janelas, roubado pomares, caçado coelhos furtivamente e, mais tarde, se endividado, se enrascado com a filha do tabaqueiro local — se desenredado e enviado à África — e o povoado, representado por várias velhotas solteironas, havia murmurado indulgentemente “Tudo bem! Pecados da juventude. Ele vai se assentar!”.

E agora, de fato, o filho pródigo retornara, não em aflição, mas em triunfo. Harry Laxton “se dera bem” como dizem. Havia criado juízo, trabalhado duro, e finalmente encontrara e cortejara com sucesso uma jovem anglo-francesa dona de uma fortuna considerável.

Harry poderia ter vivido em Londres ou comprado uma propriedade em alguma região de caça elegante, mas preferiu voltar à parte do mundo que era um lar para ele. E ali, da maneira mais romântica, comprara a herdade abandonada em cuja casa da viúva havia passado sua infância.

A Kingsdean House ficara desocupada por quase setenta anos. Ela fora relegada gradualmente ao abandono e à ruína. Um caseiro idoso e sua esposa viviam no único canto habitável dela. Era uma mansão vasta, desagradavelmente grandiosa, os jardins estavam tomados pelo mato e as árvores a rodeavam como o refúgio sombrio de algum feiticeiro.

A casa da viúva era uma casa despretensiosa e agradável e havia sido alugada, durante muitos anos, para o major Laxton, pai de Harry. Quando menino, Harry havia perambulado pela herdade de Kingsdean e conhecia cada polegada dos bosques emaranhados, e a casa velha em si sempre o fascinara.

O major Laxton havia morrido alguns anos antes, por isso as pessoas acharam que Harry não teria laços para trazê-lo de volta, mas foi o lar de sua meninice que Harry comprou para sua noiva. A velha e arruinada Kingsdean House foi derrubada. Um exército de construtores e empreiteiros enxameou o local, e, num espaço de tempo milagrosamente curto — as maravilhas que a riqueza consegue — a nova casa se ergueu branca e cintilante no meio das árvores.

Em seguida, veio uma legião de jardineiros e, depois deles, uma procissão de caminhões de móveis.

A casa estava pronta. A criadagem chegou. Por fim, uma dispendiosa limusine depositou Harry e mrs. Harry na porta da frente.

O povoado se apressou a telefonar, e mrs. Price, que possuía a maior casa e se considerava uma líder da sociedade local, enviou convites para uma festa “para conhecer a noiva”.

Foi um grande evento. Várias senhoras fizeram vestidos novos para a ocasião. Todos estavam excitados, curiosos, ansiosos para ver aquela criatura fabulosa. Diziam que era tudo como um conto de fadas!

Miss Harmon, solteirona curtida e vigorosa, lançou sua pergunta enquanto se espremia pela abarrotada porta da sala de visita. A pequena miss Brent, uma solteirona magra e ácida, disparava informações.

— Ah, minha querida, muito elegante. Modos tão bonitos. E bem jovem. Sabe, dá até inveja ver alguém que tem tudo desse jeito. Boa aparência, dinheiro, e berço. Muito distinta, nada minimamente comum nela, e o querido Harry tão devotado!

— Ah — disse miss Harmon —, são os primeiros dias ainda!

O nariz afilado de miss Brent estremeceu compreensivamente:

— Oh, minha querida, você acha realmente...

— Nós sabemos como é o Harry — disse miss Harmon.

— Sabemos como ele era! Mas eu espero que agora...

— Ah — disse miss Harmon —, os homens são sempre iguais. Uma vez um tratante folgado, sempre um tratante folgado. Eu os conheço.

— Ai, ai. Pobre jovenzinha — miss Brent pareceu mais feliz. — Sim, acredito que ela terá problemas com ele. Alguém deveria mesmo adverti-la. Fico pensando se ela ouviu algo da velha história?

— Parece tão injusto — disse miss Brent —, que ela não saiba de nada. Tão embaraçoso.

Especialmente havendo apenas uma farmácia no povoado.

Isso porque a filha do tabaqueiro agora estava casada com mr. Edge, o farmacêutico.

— Seria tão melhor — disse miss Brent —, se mrs. Laxton fizesse sua compras no Boots em Much Benham.

— Imagino — disse miss Harmon — que o próprio Harry Laxton o sugerirá.

E de novo elas trocaram um olhar significativo.

— Mas eu realmente acho — disse miss Harmon — que ela deveria saber.

— Cretinas! — disse Clarice Vane indignada para seu tio, o doutor Haydock. — Algumas pessoas são cretinas absolutas.

Ele a fitou com curiosidade.

Ela era uma moça alta, morena, bonita, bondosa e impulsiva. Seus grandes olhos castanhos brilhavam de indignação enquanto ela dizia:

— Todas essas fofoqueiras... dizendo coisas... insinuando coisas.

— Sobre Harry Laxton?

— Sim, sobre o caso com a filha do tabaqueiro.

— Ora, isso! — o médico ergueu os ombros. — Muitos jovens têm casos desse tipo.

— Claro que têm. E está tudo acabado. Então porque ficar insistindo nisso? E trazer à baila anos depois? Parecem demônios se refestelando com cadáveres.

— Imagino, minha querida, que pareça assim para você. Mas você sabe, elas têm muito pouco assunto para conversar por aqui, por isso eu temo que elas tendam a insistir em escândalos passados. Mas estou curioso em saber por que isso te aborrece tanto?

Clarice Vane mordeu o lábio e corou. Ela disse, com a voz curiosamente abafada:

— Eles... eles parecem tão felizes. Os Laxton, quer dizer. São jovens e estão apaixonados, e é tudo tão adorável para eles. Odeio pensar nisto sendo estragado por cochichos, insinuações, indiretas e pela estupidez geral.

—Humm. Entendo.

— Ele esteve conversando comigo agora há pouco — Clarice prosseguiu. — Está tão feliz, ansioso, animado e... sim, empolgado... de ter realizado o desejo do coração e reconstruído Kingsdean. Parece uma criança sobre isso. E ela... bem, não imagino que tenha havido algo de errado em toda sua vida. Ela sempre teve tudo. Você a viu. O que achou dela?

O médico não respondeu de imediato. Para outra pessoa, Louise Laxton poderia ser um objeto de inveja. Uma queridinha da fortuna estragada. Para ele, ela lembrava apenas o refrão de uma canção popular de muitos anos atrás. Pobre menina rica...

Uma figura pequena, delicada, com cabelos louros enrolados firmemente em torno de seu rosto e seus grandes e melancólicos olhos azuis.

Louise estava um pouco encurvada. A longa sequência de cumprimentos a havia cansado.

Ela esperava com ansiedade o momento de ir embora. Quem sabe, agora mesmo, Harry poderia dizê-lo. Ela olhou de soslaio para ele. Tão alto e espadaúdo com seu prazer entusiástico nesta festa aborrecida e horrível.

Pobre menina rica...

— Ufa! — foi um suspiro de alívio.

Harry virou-se para olhar bem-humorado para a esposa. Eles estavam se afastando de carro da festa.

— Querido, que festa horrorosa! — ela disse.

Harry deu uma risada.

— Sim, terrível mesmo. Não importa, doçura. Tinha de ser feito, você sabe. Todas essas velhotas me conheciam quando eu vivia aqui quando menino. Elas

ficariam terrivelmente desapontadas se não dessem uma olhada de perto em você.

Louise fez uma careta, e disse:

— Teremos de ver muitas delas?

— O quê? Oh, não. Elas virão fazer visitas cerimoniosas com seus cartões personalizados, e você retribuirá as visitas e depois não precisará mais se incomodar. Terá seus próprios amigos ou tudo que quiser.

Louise disse após alguns minutos:

— Não há ninguém divertido vivendo por aqui?

— Oh, sim. Tem os County, você sabe. Embora poderá achá-los um pouco aborrecidos também. Interessados, sobretudo, em bulbos, cães, e cavalos. Você montará, é claro. Gostará disso. Tem um cavalo em Eglinton que eu gostaria que você visse. Um belo animal, perfeitamente treinado, sem nenhum vício, mas cheio de vigor.

O carro desacelerou para fazer a curva para os portões de Kingsdean. Harry torceu a direção e praguejou quando uma figura grotesca saltou para o meio da estrada e ele mal conseguiu evitá-la. Ela ficou ali, agitando um punho e gritando para eles.

Louise agarrou seu braço:

— Quem é essa... essa velha horrível?

Harry havia franzido a testa.

— É a velha Murgatroyd. Ela e o marido eram os caseiros da casa antiga. Ficaram ali por quase trinta anos.

— Por que ela agitou o punho para você?

O rosto de Harry avermelhou.

— Ela... bem, ela se ressentiu porque a casa foi demolida. E ela foi dispensada, é

claro. Seu marido morreu há dois anos. Dizem que ela ficou um pouco estranha depois que ele morreu.

— Ela não está... está... passando fome?

As ideias de Louise eram vagas e um tanto melodramáticas. A fortuna costuma impedir a pessoa de ter contato com a realidade.

Harry ficou indignado.

— Bom Deus, Louise, que ideia! Eu a aposentei, é claro, e com uma boa aposentadoria aliás.

Achei uma nova casa para ela e tudo.

— Então, por que ela se importa? — Louise perguntou, intrigada.

Harry franzia a testa juntando as sobrancelhas.

— Ora, como vou saber? Maluquice! Ela amava a casa.

— Mas ela estava em ruínas, não estava?

— Claro que estava. Caindo em pedaços, telhado vazando, mais ou menos instável. Mesmo assim, imagino que a casa significasse alguma coisa para ela. Ela ficou ali por muito tempo, Oh, não sei! A bruxa velha pirou, eu acho.

— Ela... acho que ela nos amaldiçoou — Louise disse incomodada. — Oh, Harry. Gostaria que ela não o tivesse feito.

Pareceu a Louise que sua nova casa fora maculada e envenenada pela figura maligna de uma velha maluca. Quando ela saía de carro, quando guiava, quando caminhava com os cães, lá estava sempre a mesma figura esperando. Agachada, com um chapéu gasto sobre tufos de cabelos grisalhos e a lenta murmuração de imprecações.

Louise veio a acreditar que Harry estava certo: a velha estava louca. Isso, porém, não facilitava as coisas. Mrs. Murgatroyd nunca foi de fato até a casa, nem usou ameaças definidas, ou ameaçou violências. Sua figura agachada permanecia sempre do lado de fora dos portões.

Recorrer à polícia teria sido inútil e, de todo modo, Harry Laxton era avesso a esse curso de ação. Isso, disse ele, despertaria uma simpatia local pela velha bruta.

Ele levava o assunto com mais leveza do que Louise.

— Não se preocupe com isso, querida. Ela vai se cansar desse negócio tolo de amaldiçoar.

Provavelmente só está querendo nos aborrecer.

— Não está, Harry. Ela... ela nos odeia! Eu posso sentir. Ela... ela está nos agourando.

— Ela não é uma bruxa, querida, embora possa parecer! Não seja mórbida sobre tudo isso.

Louise ficou em silêncio. Agora que a excitação inicial da instalação havia passado, ela se sentia curiosamente solitária e sem nada para fazer. Estava acostumada à vida em Londres e na Riviera. Não tinha nem conhecimento nem gosto pela vida rural inglesa. Não sabia nada de jardinagem, exceto pelo ato final de “arrumar as flores”. Não ligava de fato para cachorros.

Ficava entediada com os vizinhos que encontrava. Gostava mais de cavalgar, às vezes com Harry, às vezes, quando ele estava ocupado com a herdade, sozinha. Ela enveredava pelos bosques e alamedas, desfrutando das passadas fáceis do belo cavalo que Harry comprara para ela. Entretanto, mesmo Prince Hal, o mais sensível dos cavalos alazões, costumava se assustar e bufar quando sua dona passava pela figura acocorada da velha maligna.

Um dia, Louise juntou toda a coragem que tinha. Estava caminhando do lado de fora. Ela passou por mrs. Murgatroyd fingindo não notá-la, mas, de repente, virou para trás e foi na direção dela. Louise disse um pouco sem fôlego:

— O que é? Qual é o problema? O que você quer?

A velha piscou para ela. Tinha um rosto escuro e astuto de cigana com tufos de cabelo grisalho, e olhos suspeitosos, injetados.

Louise se perguntou se ela bebia.

Ela falou com uma voz chorosa, mas ainda assim ameaçadora.

— O que você quer, você pergunta? O que, de fato! Aquilo que foi tirado de mim. Quem me expulsou de Kingsdean House? Eu morei ali, moça e mulher, por quase quarenta anos. Foi uma coisa ruim me expulsarem e isso tratá uma má sorte pesada para você e para ele!

— Você ganhou uma casa muito bonita e... — Louise disse.

Ela parou. Os braços da velha se atiraram para cima. Ela gritou.

— De que me serve isso? É o meu próprio lugar que eu quero e minha própria lareira ao lado da qual me sentei todos aqueles anos. E quanto a você e ele, estou lhe dizendo que não haverá felicidade para vocês em sua boa casa nova. É a negra tristeza que recairá sobre vocês.

Tristeza, morte e minha maldição. Que sua linda face apodreça.

Louise se virou e saiu correndo aos tropeções. Ela pensava “Preciso sair daqui! Precisamos

sair”.

No momento, essa solução lhe pareceu fácil. Mas a absoluta incompreensão de Harry a fez recuar. Ele exclamou:

— Sair daqui? Vender a casa? Por causa das ameaças de uma velha maluca? Você deve estar louca.

— Não. Não estou. Mas ela... ela me assusta, sei que alguma coisa vai acontecer.

— Deixe mrs. Murgatroyd por minha conta. Vou dar um jeito nela! — Harry Laxton disse soturnamente.

Uma amizade desabrochara entre Clarice Vane e a jovem mrs. Laxton. As duas moças eram quase da mesma idade, não obstante distintas tanto em caráter como nos gostos. Na companhia de Clarice, Louise encontrava tranquilidade, Clarice era tão independente, senhora de si.

Louise mencionou o assunto de mrs. Murgatroyd e suas ameaças, mas Clarice

parecia considerar o assunto mais aborrecido que assustador.

— É tão estúpido esse tipo de coisa — ela disse. — E, de fato, muito incômodo para você.

— Sabe, Clarice, eu... eu me sinto muito assustada às vezes. Meu coração dá saltos terríveis.

— Bobagem, não deve deixar uma coisa tola como esta deprimi-la. Ela logo se cansará disso.

Louise ficou em silêncio por alguns instantes.

— Qual é o problema? — Clarice disse.

Ela continuou em silêncio por um minuto, depois sua resposta veio num jorro:

— Odeio este lugar! Odeio estar aqui. Os bosques e esta casa, e o silêncio horrível de noite, e o ruído estranho que as corujas fazem. Oh, e as pessoas e tudo.

— As pessoas. Que pessoas?

— As pessoas do povoado, aquelas velhas fofoqueiras e abelhudas.

— O que foi que elas andaram dizendo? — Clarice disse firmemente.

— Não sei. Nada em particular. Mas elas têm uma mentalidade abjeta. Quando se fala com elas, sente-se que não se pode confiar em ninguém... ninguém mesmo.

— Esqueça-as — Clarice disse com dureza. — Elas não têm nada para fazer exceto fofocar.

E boa parte da lama que falam, elas simplesmente inventam.

— Gostaria de nunca ter vindo para cá — Louise disse. — Mas Harry adora tanto o lugar —

sua voz se suavizou.

Clarice pensou, Como ela o adora. E disse bruscamente:

— Preciso ir, agora.

— Vou te enviar de volta no carro. Volte logo.

Clarice assentiu. Louise sentiu-se confortada pela visita de sua nova amiga. Harry ficou contente de encontrá-la mais alegre e dali em diante insistiu para ela receber Clarice mais amiúde em casa.

Aí, um dia ele disse:

— Boas novas para você, querida.

— Oh, o quê?

— Dei um jeito na Murgatroyd. Ela tem um filho na América, sabe. Bem, arranjei para ela ir ficar com ele. Vou pagar a sua passagem,

— Oh, Harry, que beleza. Acho até que posso vir a gostar de Kingsdean, afinal.

— Vir a gostar daqui? Ora, este é o lugar mais fabuloso do mundo!

Louise teve um pequeno estremecimento. Não conseguiria se livrar tão facilmente de seu medo supersticioso.

Se as senhoras de St. Mary Mead aguardavam o prazer de compartir informações sobre o passado do marido com a esposa, esse prazer lhes foi negado pela pronta ação de Harry Laxton.

Miss Harmon e Clarice Vane estavam na loja de mr. Edge, uma comprando bolinhas de naftalina e a outra um pacote de ácido bórico, quando Harry Laxton e sua mulher entraram.

Após cumprimentar as duas senhoras, Harry virou-se para o balcão e estava terminando de pedir uma escova de dentes quando parou no meio da fala e exclamou calorosamente:

— Ora, ora, vejam só quem está aqui! Bella, eu declaro.

Mrs. Edge, que havia saído às pressas da saleta dos fundos para atender a

congestão de compradores sorriu alegremente para ele exibindo seus grandes dentes brancos. Ela havia sido uma moça bonita e morena e ainda era uma mulher razoavelmente bem apessoada embora tivesse ganhado algum peso, e as linhas de seu rosto tivessem perdido a suavidade; mas seus grandes olhos castanhos estavam cheios de calor quando ela respondeu:

— Sou a Bella mesmo, mr. Harry, e fico contente de vê-lo após todos esses anos.

Harry virou-se para sua mulher:

— Bella é uma antiga paixão minha, Louise — ele disse. — Fui absolutamente apaixonado por ela, não fui, Bella?

— Isso era o que você dizia — disse mrs. Edge.

Louise riu, e disse:

— Meu marido está muito feliz de ver todas suas velhas amigas de novo.

— Ah — disse mrs. Edge —, nós não o esquecemos, mr. Harry. Parece um conto de fadas pensar em você casado e construindo uma casa nova no lugar daquela velha e arruinada Kingsdean House.

— Você parece muito bem e florescente — disse Harry.

Mrs. Edge riu e disse que não havia nada de errado com ela e perguntou o que era aquilo de escova de dentes.

Clarice, observando o olhar atônito no rosto de miss Harmon, disse para si exultante “Oh, bem feito, Harry. Você contrariou seus planos”.

O doutor Haydock disse abruptamente para a sobrinha:

— Que bobagem é essa de a velha mrs. Murgatroyd ficar por perto de Kinsgdean agitando o punho e amaldiçoando a nova situação?

— Não é nenhuma bobagem. É verdade. Isso aborreceu Louise um bocado.

— Diga a ela que não precisa se preocupar. Quando os Murgatroyd eram caseiros, eles nunca deixaram de resmungar sobre o lugar. Só ficaram porque o

Murgatroyd bebia e não conseguia achar outro emprego.

— Vou contar para ela — disse Clarice em dúvida —, mas não creio que vá acreditar em você. A velha chega a gritar de raiva.

— Ela sempre gostou do Harry quando ele era um menino. Não consigo entender.

— Bem... — Clarice disse — eles vão se livrar dela em breve. Harry está pagando sua passagem para a América.

Três dias depois, Louise foi derrubada de seu cavalo e morreu. Dois homens num furgão de padaria testemunharam o acidente. Eles viram Louise cavalgar para fora dos portões, viram a velha se erguer como uma mola e parar na estrada agitando os braços e gritando, viram o cavalo se assustar, desviar e depois disparar loucamente pela estrada, atirando Louise Laxton de cabeça no chão.

Um deles ficou parado ao lado da figura inconsciente, sem saber o que fazer, enquanto o outro corria para a casa para buscar ajuda.

Harry Laxton chegou correndo, o rosto transfigurado. Eles retiraram a porta do furgão e a carregaram sobre ela para a casa. Ela morreu sem recuperar a consciência antes de o médico chegar.

(Fim do manuscrito do doutor Haydock.)

Quando o doutor Haydock chegou, no dia seguinte, ele ficou satisfeito de notar o tom rosado nas faces de miss Marple e seus modos decididamente

mais animados.

— Então — ele disse —, qual é o veredicto.

— Qual é o problema, doutor Haydock? — contrapôs miss Marple.

— Ah minha cara senhora, será que terei de lhe dizer isso?

— Imagino — disse miss Marple — que seja a conduta curiosa da

caseira. Por que ela se comportava de maneira tão estranha? As pessoas não

gostam de ser expulsas de suas próprias casas. Mas aquela não era sua casa. Aliás, ela costumava se queixar e resmungar enquanto estava lá. Sim, isso parece mesmo muito suspeito. O que aconteceu com ela, por falar nisso?

— Fugiu para Liverpool. O acidente a assustou. Acham que ela aguardará ali pelo seu navio.

— Tudo muito conveniente para alguém — disse miss Marple. — Sim, acho que o "Problema da Conduta da Caseira" pode ser resolvido facilmente. Suborno, não foi?

— É essa a sua solução?

— Bem, se não era natural ela se comportar daquela maneira, ela devia estar "fingindo ser outra" como as pessoas dizem, e isso significa que alguém a estava pagando pelo que ela fazia.

— E sabe quem era esse alguém?

— Ora, creio que sim. Dinheiro, de novo. E eu sempre notei que os cavalheiros sempre tendem a admirar o mesmo tipo.

— Isso foge da minha compreensão.

— Não, não, tudo se encaixa. Harry Laxton admirava Bella Edge, um tipo moreno, comunicativo. Sua sobrinha Clarice era igual. Mas a pobre esposa era um tipo muito diferente, loura e apegada, não era absolutamente o seu tipo. Então ele deve ter se casado com ela por seu dinheiro. E a assassinou pelo dinheiro, também!

— Usa a palavra “assassinato”?

— Bem, me parece o tipo certo. Atraente para mulheres e muito inescrupuloso. Imagino que ele queria conservar o dinheiro da mulher e se

casar com a sua sobrinha. Ele pode ter sido visto falando com mrs. Edge.

Mas não creio que ainda estivesse apegado a ela. Embora imagine que fez a

pobre mulher achar que estava para seu próprio interesse. Ele logo a teve

sob o seu controle, imagino.

— Como acha exatamente que ele a assassinou?

Miss Marple ficou olhando fixamente para o vazio por alguns minutos

com seus olhos azuis sonhadores.

— Foi muito bem cronometrado, com o furgão do padeiro por

testemunha. Eles poderiam enxergar a velha e, claro, atribuiriam o pavor do cavalo a isso. Mas eu imagino cá para mim uma espingarda de ar

comprimido, ou talvez um estilingue. Isso, tão logo o cavalo saiu pelos portões. O cavalo disparou, é claro, e mrs. Laxton foi atirada.

Ela fez uma pausa, franzindo a testa.

— A queda deve tê-la matado. Mas ele não poderia ter certeza disso. E

ele parece o tipo de homem que prepararia seus planos minuciosamente e

não deixaria nada ao acaso. Afinal, mrs. Edge poderia lhe arranjar alguma

coisa útil sem o seu marido saber. Se não, por que Harry se importaria com

ela? Sim, acho que ele tinha alguma droga poderosa à mão, que poderia ser

administrada antes de você chegar. Afinal, se uma mulher é atirada do

cavalo e tem ferimentos graves e morre sem recuperar a consciência, bem, um médico normalmente não suspeitaria, não é? Ele atribuiria a morte ao choque ou algo assim.

O doutor Haydock assentiu.

— Por que suspeitou? — perguntou miss Marple.

— Não foi nenhuma particular esperteza de minha parte — disse o doutor Haydock. — Foi apenas o fato trivial, bem conhecido, de que um assassino fica tão satisfeito com a sua esperteza que não toma as precauções adequadas. Eu estava justamente dizendo algumas palavras de consolo ao marido enlutado, e me sentindo terrivelmente pesaroso pelo sujeito também, quando ele se atirou sobre o sofá para encenar um pouco e uma seringa hipodérmica caiu do seu bolso.

— Ele a apanhou e pareceu tão assustado que eu comecei a pensar, Harry Laxton não se drogava; ele tinha uma saúde perfeita. O que estava fazendo com uma seringa hipodérmica? Eu fiz a autópsia tendo em vista certas possibilidades. Encontrei estrofantina. O resto foi fácil. Havia estrofantina em posse de Laxton, e Bella Edge, interrogada pela polícia, cedeu e admitiu ter-lhe arranjado. E, por último, a velha mrs. Murgatroyd confessou que foi Harry Laxton que a havia feito montar a farsa de imprecação.

— E a sua sobrinha superou a coisa?

— Sim, ela estava atraída pelo sujeito, mas a coisa não progredira.

O doutor pegou seu manuscrito.

— Nota dez para você, miss Marple, e nota dez para mim por minha receita. Você parece quase em forma de novo.

6

o apartamento do terceiro andar[9]

— Droga! — disse Pat.

Com a testa fortemente franzida ela vasculhava selvagemente a bugiganga sedosa que chamava de bolsa de mão. Dois jovens e outra moça a observavam ansiosamente. Eles estavam parados do lado de fora da porta fechada do apartamento de Patricia Garnett.

— Não adianta — disse Pat. — Não está aqui. E agora, o que faremos?

— O que é a vida sem uma chave? — murmurou Jimmy Faulkener.

Ele era um jovem baixo de ombros largos com olhos azuis cordiais.

Pat virou-se para ele zangada.

— Não faça piadas, Jimmy. Isso é sério.

— Procure novamente Pat — disse Donovan Bailey. — Deve estar aí em algum lugar.

Ele tinha uma voz preguiçosa e agradável que combinava com suas feições magras, morenas.

— Se é que você a trouxe — disse a outra moça, Mildred Hope.

— Claro que trouxe — disse Pat. — Acho que a entreguei a um de vocês

dois — ela se virou para os homens acusadoramente. — Falei para o

Donovan pegá-la para mim.

Mas ela não encontraria um bode expiatório com tanta facilidade.

Donovan fez um firme desmentido, e Jimmy o respaldou.

— Eu mesmo a vi colocar na bolsa — disse Jimmy.

— Bem, então um de vocês a deixou cair quando pegou minha bolsa. Eu

a deixei cair uma ou duas vezes.

— Uma ou duas vezes! — disse Donovan. — Você a deixou cair dezenas

de vezes, além de esquecê-la em toda ocasião possível.

— Não consigo entender como não cai tudo para fora dela o tempo todo — disse Jimmy.

— A questão é... como é que nós vamos entrar? — disse Mildred.

Ela era uma garota sensata, que se atinha ao principal, mas não era

minimamente tão atraente quanto a impulsiva e encrenqueira Pat.

Os quatro olhavam para a porta fechada sem saber o que fazer.

— Quem sabe o porteiro poderia ajudar? — sugeriu Jimmy. — Será que

ele não tem uma chave mestra ou algo assim?

Pat abanou a cabeça. Havia somente duas chaves. Uma estava dentro

do apartamento pendurada na cozinha e a outra estava, ou deveria estar, na

perversa bolsa.

— Se ao menos o apartamento ficasse no térreo — choramingou Pat.

— Nós poderíamos quebrar uma janela ou algo assim. Donovan, que tal se você fosse virasse um gatuno?

Donovan negou com firmeza, mas polidamente, ser um arrombador.

— Um apartamento no quarto andar é uma façanha e tanto — disse Jimmy.

— Que tal a saída de incêndio? — sugeriu Donovan.

— Não há.

— Pois devia haver — disse Jimmy. — Um prédio de cinco andares devia ter uma saída de incêndio.

— Imagino que sim — disse Pat. — Mas o que deveria haver não nos ajuda. Como vou entrar no meu apartamento?

— Não há algum treco? — disse Donovan. — Aquela coisa que os vendedores usam para subir costeletas e couves-de-bruxelas?

— O elevador de carga — disse Pat. — Há, sim, mas é só uma espécie de cesto de arame. Mas esperem... já sei. Que tal o elevador de carvão?

— Esta sim — disse Donovan — é uma ideia.

Mildred fez uma sugestão desanimadora:

— Vai estar trancado — disse. — Na cozinha de Pat, quer dizer, por dentro.

Mas a ideia foi instantaneamente rejeitada.

— Não acredite nisso — disse Donovan.

— Não na cozinha da *Pat* — disse Jimmy. — A Pat jamais tranca ou aferrolha coisas.

— Creio que não está trancado — disse Pat. — Levei a lata de lixo para fora esta manhã, e estou segura de que não o tranquei depois disso, e acho

que nem cheguei perto dele desde então.

— Bem — disse Donovan —, isso vai ser muito útil para nós esta noite,

mas, mesmo assim, jovem Pat, permita-me assinalar que esses hábitos

descuidados a estão deixando à mercê de ladrões, não felinos, toda noite.

Pat desconsiderou as recomendações.

— Vamos — gritou, e começou a descer correndo os quatro lances de

escada. Os outros a seguiram. Pat os conduziu por um recesso escuro,

aparentemente entupido de carrinhos de bebês, e por outra porta até o

poço dos apartamentos, e os guiou para o elevador certo. Este continha, no

momento, uma lata de lixo. Donovan a tirou e entrou cautelosamente na

plataforma no seu lugar. Ele franziu o nariz.

— Fede um bocado — ele observou. — Mas e aí? Vou sozinho nesta

aventura ou alguém vem comigo?

— Eu vou também — disse Jimmy.

E entrou para o lado de Donovan.

— Espero que o elevador me aguente — disse ele, ceticamente.

— Você não deve pesar mais que uma tonelada de carvão — disse Pat,

que nunca fora particularmente forte em pesos e medidas.

— E seja como for, logo descobriremos — disse Donovan jocosamente,

enquanto puxava a corda.

Com um ruído rascante, eles desapareceram de vista.

— Essa coisa faz um barulho horrível — observou Jimmy, enquanto

eles atravessavam a escuridão. — O que será que as pessoas dos outros apartamentos vão pensar?

— Fantasmas ou gatunos, eu espero — disse Donovan. — Puxar esta

corda é um trabalho bem pesado. O porteiro de Friars Mansions trabalha mais do que eu jamais suspeitei. Escute aqui, Jimmy, está contando os

andares?

— Caramba! Não. Me esqueci disso.

— Bem, eu contei, ainda bem. Este que estamos passando agora é o

terceiro. O próximo é o nosso.

— E agora, imagino — resmungou Jimmy —, vamos descobrir que a

Pat trancou a porta afinal.

Mas esses temores eram infundados. A porta de madeira girou para trás com um toque, e Donovan e Jimmy entraram na escuridão de breu da

cozinha de Pat.

— Devíamos ter trazido uma lanterna para este trabalho noturno

desgraçado — exclamou Donovan. — Se bem conheço a Pat, está tudo

jogado no chão, e vamos esmagar muita louça até eu achar o interruptor da

luz. Não ande por aí, Jimmy, até eu acender a luz.

Donovan avançou tateando o caminho, e soltou um fervoroso “Droga!” quando um canto da mesa da cozinha atingiu inadvertidamente sua costela. Ele alcançou o interruptor e, no momento seguinte, outro “Droga!” flutuou pela escuridão.

— Qual é o problema? — perguntou Jimmy.

— A luz não quis acender. Lâmpada queimada, imagino. Espere um instante. Vou acender a luz da sala de visita.

A porta da sala de visitas ficava diretamente em frente à passagem. Jimmy ouviu Donovan cruzar a porta, e, logo depois, novas pragas abafadas o alcançaram. Ele próprio avançou cautelosamente pela cozinha.

— O que foi?

— Não sei. As salas ficam enfeitiçadas à noite, imagino. Tudo parece estar num lugar diferente. Cadeiras e mesas onde você menos as esperava. Que inferno! Aqui tem outra!

Nesse momento, porém, Jimmy encontrou felizmente o interruptor da luz e o apertou. No instante seguinte, os dois jovens se entreolhavam em silencioso horror.

Não era a sala de visitas de Pat. Eles estavam no apartamento errado.

Para começar, a sala estava dez vezes mais atulhada que a de Pat, o que explicava a patética perplexidade de Donovan ao se chocar repetidamente com cadeiras e mesas. Havia uma grande mesa redonda no centro da sala

coberta por um pano de feltro, e uma aspidistra na janela. Era, na verdade,

o tipo de sala para cuja dona, os jovens tinham certeza, seria difícil se explicar. Com silencioso horror eles espiaram o tampo da mesa sobre o

qual descansava uma pequena pilha de cartas.

— Mrs. Ernestine Grant — soprou Donovan, pegando-as e lendo o

nome. — Ai, ai! Acha que ela nos ouviu?

— Seria um milagre se não tivesse ouvido você — disse Jimmy. — Com

a sua falta de modos e o jeito como andou tropeçando nos móveis. Venha, pelo amor de Deus, vamos sair daqui rapidamente.

Eles apagaram apressadamente a luz e refizeram seus passos na ponta

dos pés até o elevador. Jimmy soltou um suspiro de alívio enquanto eles recobravam a segurança de suas profundezas sem novos incidentes.

— Gosto de mulher que dorme profundamente — disse ele a título de

aprovação. — mrs. Ernestine Grant ganhou alguns pontos.

— Agora entendi — disse Donovan —, por que nós erramos de andar,

quer dizer. Naquele poço, nós partimos do porão.

Ele puxou a corda, e o elevador subiu. — Desta vez estamos certos.

— Confio piamente que estamos — disse Jimmy saindo para outro

vazio de breu. — Meus nervos não suportarão outros choques desse tipo.

Mas nenhuma nova tensão nervosa lhes foi imposta. O primeiro clique

da luz lhes revelou a cozinha de Pat, e um instante depois eles estavam abrindo a porta da frente e recebendo as duas moças que estavam

esperando do lado de fora.

— Vocês demoraram um bocado — resmungou Pat. — Mildred e eu estamos esperando aqui há uma eternidade.

— Tivemos uma aventura — disse Donovan. — Poderíamos ser arrastados para a delegacia como perigosos meliantes.

Pat entrou na sala de visitas onde acendeu a luz e largou seu casaco sobre o sofá. Ela escutou com vívido interesse o relato que Donovan fez de suas aventuras.

— Ainda bem que ela não te apanhou — comentou Pat. — Aposto que é uma velha turrona. Recebi um bilhete dela esta manhã, queria me ver em algum momento, alguma coisa de que queria se queixar, meu piano, suponho. As pessoas que não gostam de pianos em cima de suas cabeças não deviam morar em apartamentos. Veja, Donovan, você feriu sua mão. Ela está toda ensanguentada. Vá lavar na torneira.

Donovan olhou para a mão, surpreso. Ele saiu da sala obedientemente e chamou Jimmy.

— Oi — disse o outro —, o que é? Você não se feriu muito, feriu?

— Eu não me feri absolutamente.

Havia algo tão estranho na voz de Donovan que Jimmy olhou para ele, perplexo. Donovan estendeu a mão lavada e Jimmy viu que não havia nenhuma marca ou corte de algum tipo.

— Que estranho — disse ele, franzindo a testa. — Havia um bocado de

sangue. De onde ele veio? — e, de repente, ele percebeu o que seu amigo mais sagaz já havia percebido. — Caramba — disse. — Deve ter vindo

daquele apartamento. — ele parou, pensando nas possibilidades que suas

palavras implicavam. — Tem certeza de que era... er... sangue? —

perguntou. — Não era tinta?

Donovan abanou a cabeça

— Era sangue mesmo — disse, e estremeceu.

Eles se entreolharam. O mesmo pensamento passava claramente por

suas mentes. Jimmy foi o primeiro a expressá-lo.

— Rapaz! — ele disse. — Acha que devemos... bem... descer até lá de

novo... e dar... uma olhada? Ver se está tudo bem, entende?

— E as garotas?

— Não diremos nada a elas. A Pat vai pôr um avental e preparar uma

omelete para nós. Estaremos de volta quando elas se perguntarem onde

estávamos.

— Então, tudo bem, vamos — disse Donovan. — Acho que devemos

levar isso até o fim. Acredito que não há nada de errado ali.

Mas seu tom de voz carecia de convicção. Eles entraram no elevador e

desceram até o andar de baixo. Atravessaram a cozinha sem grande

dificuldade e, mais uma vez, acenderam a luz da sala de visitas.

— Deve ter sido aqui — disse Donovan — que... que eu arranjei a coisa.

Não toquei em nada na cozinha.

Ele olhou em volta. Jimmy fez o mesmo, e ambos ficaram perplexos. Tudo parecia bem arrumado e normal e a léguas de distância de alguma sugestão de violência ou sangue derramado.

De repente, Jimmy teve um sobressalto violento e agarrou o braço do seu companheiro.

— Veja!

Donovan seguiu o dedo esticado, e foi sua vez de soltar uma exclamação. Debaixo da pesada cortina projetava-se um pé, um pé de mulher num sapato de couro envernizado. Jimmy foi até a cortina e a abriu com um puxão. No recesso da janela, um corpo encolhido de mulher jazia sobre o chão ao lado de uma poça escura e pegajosa. Ela estava morta, disso não havia dúvida, e Jimmy estava tentando levantá-la quando Donovan o interrompeu.

— É melhor não fazer isso. Ela não deve ser tocada até a polícia chegar.

— A polícia? Ah, é claro. Puxa, Donovan, que negócio horroroso. Quem você acha que é? Mrs. Ernestine Grant?

— Parece que sim. De todo modo, se há mais alguém no apartamento, está se mantendo bem silencioso.

— O que fazemos agora? — perguntou Jimmy. — Saímos correndo e chamamos um policial ou telefonamos do apartamento da Pat?

— Acho que telefonar será melhor. Vamos, podemos sair pela porta da frente. Não podemos passar a noite toda subindo e descendo naquele maldito elevador fedido.

Jimmy assentiu. Quando estavam cruzando a porta, ele hesitou.

— Escute, não acha que um de nós devia ficar... só para ficar de olho nas coisas... até a polícia chegar?

— Acho que tem razão. Eu fico e você sobe e telefona.

Ele subiu correndo a escada e tocou a campainha do apartamento acima. Pat foi abrir, uma Pat muito bonita com o rosto corado e usando um avental de cozinha. Seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Você? Mas como... Donovan, o que é? Houve alguma coisa?

Ele segurou as duas mãos dela nas suas.

— Está tudo bem, Pat... só que fizemos uma descoberta muito desagradável no apartamento de baixo. Uma mulher... morta.

— Oh! — ela soltou um pequeno suspiro. — Que coisa horrível. Ela sofreu um ataque ou algo assim?

— Não. Parece... bem... parece que foi assassinada.

— Oh, Donovan!

— Eu sei. É muito bestial — as mãos dela continuavam nas dele. Ela as havia deixado ali, estava na verdade se agarrando a ele. Querida Pat, como ele a amava. Será que ela se interessava por ele? Algumas vezes ele pensava

que sim. Às vezes ele temia que Jimmy Faulkener... a lembrança de Jimmy esperando pacientemente no andar de baixo o fez se sobressaltar de culpa.

— Pat, querida, precisamos telefonar para a polícia.

— *Monsieur* tem razão — disse uma voz atrás dele. — E, nesse ínterim, enquanto esperamos sua chegada, talvez eu possa dar uma pequena assistência.

Eles estavam parados na entrada do apartamento, e espiaram o patamar. Uma figura estava parada na escada um pouco acima deles. A figura desceu e entrou no ângulo de visão dos dois.

Eles ficaram olhando o homenzinho com um bigode muito agressivo e a cabeça oval. Ele trajava um robe reluzente e chinelos bordados, e fez uma mesura galante para Patricia.

— *Madamoiselle*! — disse. — Como talvez saiba, sou o inquilino do apartamento de cima. Gosto de ficar bem no alto... no ar... com vista de cima de Londres. Aluguei o apartamento em nome de mr. O'Connor, mas não sou irlandês. Tenho outro nome. É por isso que me aventuro a me colocar ao seu serviço. Permite-me — com um floreio, ele puxou um cartão de visitas e o entregou a Pat. Ela o leu.

— *Monsieur* Hercule Poirot. Oh! — ela conteve a respiração. — *O monsieur* Poirot! O grande detetive? E vai realmente ajudar?

— É a minha intenção, *madamoiselle*. Eu quase ofereci minha ajuda mais cedo esta noite.

Pat pareceu intrigada.

Eu os ouvi discutindo sobre como conseguiriam entrar no seu apartamento. Acontece que sou muito bom em arrombar fechaduras. Eu poderia, sem dúvida, ter aberto sua porta para vocês, mas hesitei em sugeri-lo. Vocês teriam formado graves suspeitas a meu respeito.

Pat riu.

— Agora, *monsieur* — disse Poirot a Donovan. — Entre, eu lhe peço, e telefone para a polícia. Eu descerei até o apartamento de baixo.

Pat desceu a escada com ele. Eles encontraram Jimmy de guarda, e Pat explicou a presença de Poirot. Jimmy, por sua vez, narrou para Poirot as aventuras dele com Donovan. O detetive ouviu atentamente.

— A porta do elevador estava destrancada, você diz? Vocês saíram na cozinha, mas a luz não quis acender.

Ele dirigiu seus passos para a cozinha enquanto falava. Seus dedos pressionaram o interruptor.

— *Tiens! Voilà ce qui est curieux!* — ele disse quando a luz acendeu. — Ela funciona perfeitamente agora. Fico pensando... — ele levantou um dedo pedindo silêncio e prestou atenção. Um leve ruído quebrou o silencio, o som inconfundível de um ronco.

— Ah! — disse Poirot. — *La chambre de domestique*.

Ele atravessou a cozinha na ponta dos pés até uma pequena despensa,

com uma porta para fora. Ele abriu a porta e acendeu a luz. O quarto era uma espécie de canil projetado pelos construtores de apartamentos para acomodar um ser humano. A área era quase inteiramente ocupada pela cama. Nela estava uma moça de faces rosadas deitada de costas com a boca bem aberta, roncando placidamente. Poirot apagou a luz e recuou.

— Ela não acordará — disse. — Vamos deixá-la dormir até a polícia chegar.

Ele voltou para a sala de visita. Donovan juntou-se a eles.

— A polícia estará aqui num instante, foi o que eles disseram — ele disse ofegante. — Não devemos tocar em nada.

Poirot assentiu.

— Não tocaremos — disse. — Nós olharemos, isso é tudo.

Ele entrou na sala. Mildred havia descido com Donovan, e os quatro jovens ficaram parados à porta de entrada e o observavam com total interesse.

— O que eu não consigo compreender, senhor, é o seguinte — disse Donovan. — Em nenhum momento eu cheguei perto da janela. Como o sangue veio parar na minha mão?

— Meu jovem amigo, a resposta a isso é evidente. De que cor é a toalha da mesa? Vermelha, não é? E você certamente encostou sua mão na mesa.

— Sim, encostei. Isso é...? — ele parou.

Poirot assentiu. Ele estava inclinado sobre a mesa e indicou com a mão uma mancha escura no vermelho.

— Foi aqui que cometeram o crime — ele disse solenemente. — O corpo foi removido depois.

Em seguida ele se endireitou e correu o olhar lentamente pela sala. Ele não se moveu, não manuseou nada, mas mesmo assim os quatro observadores sentiram como se cada objeto daquele lugar com forte cheiro de mofo entregasse seu segredo a seu olhar atento.

Hercule Poirot balançou a cabeça num gesto de satisfação e deixou escapar um pequeno suspiro.

— Entendo — ele disse.

— Entende o quê? — perguntou Donovan, curioso.

— Entendo — disse Poirot — o que você certamente sentiu... que a sala está atulhada de móveis.

Donovan sorriu, penalizado.

— Eu avancei meio que aos tropeções — confessou. — Mas tudo estava num lugar diferente na sala da Pat, e eu não pude compreender.

— Nem tudo — disse Poirot.

Donovan olhou para ele inquisitivamente.

— Quero dizer — explicou-se Poirot — que certas coisas estão sempre fixas. Num prédio de apartamentos, a porta, a janela, a lareira estão sempre

no mesmo lugar nas salas que ficam embaixo umas das outras.

— Isso não é muito detalhismo? — perguntou Mildred, olhando para

Poirot com um toque de desaprovação.

— Sempre é preciso falar com absoluta precisão. É um pouco... como

vocês dizem? Uma mania da minha parte.

Um ruído de passos chegou da escada, e três homens entraram. Eram

um inspetor de polícia, um agente e o médico legista. O inspetor

reconheceu Poirot e o cumprimentou de maneira quase reverente. Depois

ele se virou para os outros.

— Quero depoimentos de todos — começou —, mas em primeiro

lugar...

Poirot interrompeu.

— Uma pequena sugestão. Nós voltaremos ao apartamento de cima e

madamoiselle aqui fará o que pretendia fazer: uma omelete para nós. Da minha parte, adoro omeletes. Depois, *monsieur l'inspecteur*, quando tiver terminado aqui, subirá ao nosso encontro e fará as perguntas que quiser.

As coisas ficaram acertadas dessa maneira, e Poirot saiu com eles.

— *Monsieur* Poirot — disse Pat —, o senhor é um gracinha. E vai ganhar uma deliciosa omelete. Sou realmente muito boa em omeletes.

— Isto é bom. Certa vez, *madamoiselle*, eu amei uma linda jovem

inglesa que se parecia muito com você... mas que pena!... ela não sabia cozinhar. De modo que talvez tenha sido melhor assim.

Havia uma leve tristeza em sua voz, e Jimmy Faulkener olhou para ele

com curiosidade.

Uma vez no apartamento, ele procurou agradar e divertir. A tragédia sinistra do andar de baixo estava quase esquecida.

A omelete fora consumida e devidamente elogiada quando eles ouviram os passos do inspetor Rice. Ele entrou acompanhado pelo médico, tendo deixado o agente no andar de baixo.

— Bem, *monsieur* Poirot — ele disse. — Parece tudo claro e cristalino, não muito na sua linha, embora vamos ter dificuldade para apanhar o homem. Gostaria de ouvir como foi feita a descoberta.

Donovan e Jimmy se revezaram contando os acontecimentos da noite.

O inspetor virou-se repreensivamente para Pat.

— Não devia deixar a porta do elevador destrancada, senhorita. Não devia mesmo.

— Não vou deixar mais — disse Pat, estremecendo. — Alguém poderia entrar e me assassinar como aquela pobre mulher em baixo.

— Ah, mas estes não entraram dessa maneira — disse o inspetor.

— O senhor relatará para nós o que descobriu, espero — disse Poirot.

— Não sei se devo... mas em se tratando do senhor, *monsieur* Poirot...

— *Précisément* — disse Poirot. — E estes jovens... eles serão discretos.

— Os jornais vão se encarregar disso, de qualquer forma, muito em breve — disse o inspetor. — Não há nenhum grande segredo no caso. Bem,

a mulher morta é mrs. Grant, de fato. Obtive a identificação do porteiro. Mulher em seus trinta e cinco anos. Ela estava sentada à mesa, e foi baleada com uma pistola automática de pequeno calibre, provavelmente por alguém sentado diante dela à mesa. Ela caiu para frente, e foi assim que a mancha de sangue apareceu na mesa.

— Mas alguém não teria escutado o tiro? — perguntou Mildred.

— A pistola estava equipada com um silenciador. Não, não se ouviria nada. Aliás, vocês ouviram o gemido que a empregada soltou quando nós lhe contamos que sua patroa estava morta? Não. Bem, isso mostra como era improvável que alguém tivesse ouvido o outro disparo.

— A empregada sabia de alguma coisa? — perguntou Poirot.

— Era sua noite de folga. Ela tem sua própria chave. Voltou por volta das 22 horas. Estava tudo silencioso. Ela pensou que a patroa tivesse ido para a cama.

— Ela não olhou na sala de visitas, então?

— Sim, ela pegou as cartas que haviam chegado pelo correio noturno, mas não viu nada de anormal, não mais do que mr. Faulkener e mr. Bailey. Percebe, o assassino havia ocultado muito bem o corpo atrás das cortinas.

— Mas foi uma coisa curiosa de fazer, não acha?

A voz de Poirot foi muito cordial, mas continha alguma coisa que fez o inspetor levantar a vista rapidamente.

— Não queria que o crime fosse descoberto até ter tido tempo de fugir.

— Talvez, talvez... mas continue o que estava dizendo.

— A empregada saiu às 17 horas. O médico estabeleceu a hora da morte em, aproximadamente, quatro a cinco horas atrás. Foi isso, não foi?

O legista, que era um homem de poucas palavras, contentou-se em sacudir a cabeça afirmativamente.

— Agora é quinze para a meia-noite. A hora real pode, é o que eu penso, pode ser estreitada para uma hora bem definida.

Ele tirou do bolso uma folha de papel amassada.

— Encontramos isso no bolso do vestido da morta. Não tenha medo de manuseá-la. Não tem impressões digitais.

Poirot alisou a folha. Na transversal dela algumas palavras estavam impressas em maiúsculas pequenas e primorosas.

irei vê-la esta noite às sete e meia.

J.F.

— Um documento comprometedor para se deixar para trás — comentou Poirot, enquanto o devolvia.

— Bem, ele não sabia que ela o trazia em seu bolso — disse o inspetor.

— Provavelmente pensou que ela o havia destruído. Temos evidências de que foi um homem cuidadoso, porém. Encontramos a pistola com a qual ela foi baleada embaixo do corpo, e aí, também, nada de impressão digital.

Foram limpas com muito cuidado com um lenço de seda.

— Como sabe — perguntou Poirot — que era um lenço de seda?

— Porque nós o encontramos — disse o inspetor triunfalmente. — No final, quando ele estava fechando as cortinas, deve ter deixado cair sem perceber.

Ele estendeu um grande lenço de seda branco, um lenço fino. Não foi preciso o dedo do inspetor para atrair a atenção de Poirot para a inscrição no seu centro. A inscrição era bem definida e perfeitamente legível. Poirot leu o nome.

— John Foster.

— Aí está — disse o inspetor. — John Foster, J. F. na nota. Sabemos o nome do homem que devemos procurar, e imagino que quando descobrirmos um pouco sobre a morta, e suas relações vierem à tona, encontraremos sem demora uma ligação com ele.

— Quem sabe — disse Poirot. — Não, *mon cher*; de algum modo não creio que ele será fácil de encontrar, o seu John Fraser. Ele é um homem estranho... cuidadoso, já que marca seus lenços e limpa a pistola com a qual cometeu o crime, mas descuidado já que perde seu lenço e não procura uma carta que poderia incriminá-lo.

— Estabanado, é o que ele foi — disse o inspetor.

— É possível — disse Poirot. — Sim, é possível. E ele não foi visto entrando no prédio?

— Há toda sorte de gente entrando e saindo o tempo todo. Os prédios

são grandes. Suponho que nenhum de vocês — ele se dirigiu aos quatro coletivamente — viu alguém saindo do apartamento?

Pat negou com a cabeça.

— Nós saímos mais cedo... por volta das sete da noite.

— Entendi — o inspetor se levantou. Poirot o acompanhou até a porta.

— Como um pequeno favor, posso examinar o apartamento de baixo?

— Ora, com certeza, *monsieur* Poirot. Sei o que pensam de você na chefatura. Vou lhe deixar a chave. Tenho duas. Ele estará vazio. A empregada foi para a casa de uns parentes, ela estava assustada demais para permanecer ali sozinha.

— Obrigado — disse *monsieur* Poirot. Ele tornou a entrar no apartamento, pensativo.

— Não está satisfeito, *monsieur* Poirot? — perguntou Jimmy.

— Não — disse Poirot. — Não estou satisfeito.

Donovan olhou para ele curiosamente.

— O que é que... bem, que o preocupa?

Poirot não respondeu. Ele permaneceu em silêncio por alguns instantes com a testa franzida, como se estivesse pensando, e depois fez um movimento súbito de impaciência com os ombros.

— Eu lhe darei boa noite, *madamoiselle*. Deve estar cansada. Teve de cozinhar um bocado... não é?

Pat riu.

— Somente a omelete. Não preparei o jantar. Donovan e Jimmy vieram nos visitar, e nós saímos para um lugarzinho no Soho.

— E depois, sem dúvida, foram a um teatro?

— Fomos. *Os olhos castanhos de Caroline*.

— Ah! — disse Poirot. — Deveriam ser olhos azuis... os olhos azuis de *madamoiselle*.

Ele fez um gesto sentimental, e depois desejou mais uma vez boa noite a Pat, e também a Mildred, que passaria a noite ali a pedido especial, pois Pat admitira francamente que ficaria aterrorizada se fosse deixada sozinha naquela noite em particular.

Os dois jovens acompanharam Poirot. Quando a porta foi fechada e eles estavam se preparando para se despedir dele no patamar, Poirot os preveniu.

— Meus jovens amigos, vocês me ouviram dizer que não estou satisfeito? *Eh bien*, é verdade, não estou. Agora vou fazer algumas pequenas investigações por conta própria. Poderiam me acompanhar?

Uma firme anuência saudou a sua proposta. Poirot mostrou o caminho até o apartamento de baixo e inseriu a chave que o inspetor havia lhe entregado na fechadura. Ao entrar, ele não se encaminhou, como os outros haviam esperado, para a sala de visitas. Foi direto para a cozinha. Num pequeno recesso que servia de área de serviço havia uma grande lata de ferro. Poirot a destampou e, dobrando o corpo, começou a escavar nela com a energia de um feroz *terrier*.

Jimmy e Donovan o observavam cheios de admiração.

De repente, com um grito de triunfo ele ressurgiu segurando na mão erguida um frasco arrolhado.

— *Voilà!* — ele disse. — Encontrei o que procurava — ele o cheirou delicadamente.

— Ai, ai! Estou *enrhumé*... tenho o resfriado na cabeça.

Donovan pegou o frasco da mão dele e o cheirou por sua vez, mas não conseguiu sentir nada. Ele tirou a rolha e levou o frasco ao nariz antes que o grito de advertência de Poirot pudesse pará-lo.

Imediatamente, ele caiu como um tronco. Poirot, saltando para frente, conseguiu amenizar sua queda.

— Imbecil! — gritou. — Que ideia! Retirar a rolha dessa maneira imprudente! Não observou a delicadeza com que eu a manuseei. *Monsieur*... Faulkener... não é? Me faria o favor de conseguir um pouco de aguardente. Observei uma licoreira na sala de visitas.

Jimmy saiu a toda pressa, mas quando retornou, Donovan estava sentado e declarando estar bem de novo. Ele teve de ouvir um pequeno sermão de Poirot sobre a necessidade de cautela ao cheirar substâncias potencialmente venenosas.

— Acho que vou para casa — disse Donovan, levantando-se com dificuldade. — Isto é, se não puder mais ser útil aqui. Ainda estou me sentindo um pouco esquisito.

— Seguramente — disse Poirot. — É a melhor coisa que pode fazer. *Monsieur* Faulkener, aguarde-me aqui um minutinho. Voltarei num instante.

Ele acompanhou Donovan até a porta e além. Eles permaneceram do lado de fora no patamar falando por alguns minutos. Quando Poirot finalmente retornou ao apartamento, encontrou Jimmy parado na sala de visitas olhando em torno com olhos intrigados.

— Então, *monsieur* Poirot — ele disse —, o que faremos agora?

— Não há nada agora. O caso está encerrado.

— O quê?

— Eu sei tudo... agora.

Jimmy olhou fixamente para ele.

— Aquele frasco que encontrou?

— Exatamente. Aquele frasco.

Jimmy balançou a cabeça.

— Isso não me parece ter pé nem cabeça. Por alguma razão, posso ver que está insatisfeito com as evidências contra esse John Fraser, seja lá quem for.

— Seja lá quem for — repetiu suavemente Poirot. — Se for realmente alguém... bem, eu ficarei surpreso.

— Não compreendo.

— Ele é um nome, isto é tudo, um nome cuidadosamente inscrito em

um lenço!

— E a carta?

— Não notou que era impressa? Agora, por quê? Vou lhe dizer. A caligrafia poderia ser reconhecida, e uma letra datilografada é rastreada mais facilmente do que imagina, mas se um John Fraser real escreveu essa carta, aqueles dois pontos não o atrairiam! Não, ela foi escrita de propósito, e posta no bolso da morta para nós a encontrarmos. Esse John Fraser não existe.

Jimmy olhava para ele perplexo.

— E, portanto — prosseguiu Poirot —, voltei ao ponto que primeiro me chamou a atenção. Você me ouviu dizer que certas coisas na sala estavam sempre no mesmo lugar em dadas circunstâncias. Eu citei três exemplos. Poderia ter mencionado um quarto: o interruptor da luz, meu amigo.

Jimmy continuava a fitá-lo sem compreender. Poirot continuou.

— Seu amigo Donovan não chegou perto da janela, foi encostando sua mão na mesa que ela ficou coberta de sangue! Mas eu me perguntei de imediato: por que ele a encostou ali? O que ele estava fazendo tateando nesta sala no escuro? Porque como sabe, meu amigo, o interruptor da luz está sempre no mesmo lugar: perto da porta. Por que, quando entrou nesta sala, ele não tateou imediatamente para encontrar o interruptor e acender a luz? Era a coisa natural, normal, a fazer. Segundo narrou, ele tentou acender a luz da cozinha, mas não conseguiu. Mas quando eu testei o

interruptor ele estava funcionando perfeitamente. Será que ele não desejava que a luz acendesse naquele momento? Se ela tivesse acendido, vocês dois teriam visto prontamente que estavam no apartamento errado. Não haveria nenhuma razão para entrarem nesta sala.

— Qual é a sua intenção, *monsieur* Poirot? Eu não compreendo. O que quer dizer?

— Quero dizer... isto.

Poirot levantou uma chave de porta Yale.

— A chave deste apartamento?

— Não, *mon ami*, a chave do apartamento de cima. A chave de *madamoiselle* Patricia, que *monsieur* Donovan Bailey surrupiou de sua bolsa em algum momento durante a noite.

— Mas por quê?

— *Parbleu!* Para que pudesse fazer o que pretendia: ter acesso a este apartamento de maneira perfeitamente insuspeita. Ele cuidou que a porta do elevador ficasse destravada, mais cedo, naquela noite.

— Onde conseguiu a chave?

Poirot abriu um largo sorriso.

— Acabei de encontrá-la onde procurei por ela — no bolso de *monsieur* Donovan. Sabe, aquele frasco que eu fingi encontrar era um engodo. *Monsieur* Donovan o pegou. Ele fez o que eu sabia que faria — desarrolhou e cheirou. E naquele frasco há cloreto de etila, um poderoso anestésico

instantâneo. Ele me deu os instantes de inconsciência de que eu precisava.

Tirei do seu bolso as duas coisas que sabia que estariam ali. Esta chave era

uma delas... a outra...

Ele fez uma pausa e depois continuou.

— Eu perguntei na ocasião a razão que o inspetor dava para o corpo ter

sido ocultado atrás da cortina. Ganhar tempo? Não, havia mais do que isso.

E assim eu pensei em apenas uma coisa, o correio, meu amigo. O correio noturno que chega às nove e meia ou perto disso. Digamos que o assassino

não encontra algo que espera encontrar, mas esse algo pode ser entregue

pelo correio mais tarde. Ele claramente terá de voltar. Mas o crime não deve ser descoberto pela empregada quando ela entrar, porque aí a polícia

tomaria conta do apartamento, por isso ele oculta o corpo atrás da cortina.

E a empregada não suspeita de nada e deixa as cartas sobre a mesa como

sempre.

— As cartas?

— Sim, as cartas. — Poirot tirou algo do seu bolso. — Este é o segundo

artigo que tirei de *monsieur* Donovan quando ele estava inconsciente — ele mostrou o sobrescrito: um envelope datilografado endereçado a mrs.

Ernestine Grant. — Mas eu primeiro lhe perguntarei uma coisa, *monsieur* Faulkener, antes de olharmos o conteúdo desta carta. Está apaixonado por

madamoiselle Patricia?

— Gosto demais da Pat... mas nunca achei que tivesse uma chance.

— Achava que ela gostava de *monsieur* Donovan? Pode ser que ela tivesse

começado a gostar dele... mas era apenas um começo, meu amigo.

Cabe a você fazê-la esquecer, ficar ao seu lado em suas dificuldades.

— Dificuldades? — perguntou Jimmy vividamente.

— Sim, dificuldades. Faremos todo o possível para manter seu nome

fora disso, mas isso não será inteiramente possível. Como pode perceber, ela foi o motivo.

Ele abriu o envelope que estava segurando com um rasgão. Um anexo

caiu. A carta explicativa era breve, e era de uma firma de advocacia.

Cara senhora,

O documento que anexou está em perfeita ordem, e o fato de o casamento ter ocorrido num país estrangeiro não o invalida de maneira alguma.

Atenciosamente etc.

Poirot abriu o anexo. Era uma certidão de casamento de Donovan Bailey

com Ernestine Grant, datada de oito anos atrás.

— Ah, meu Deus — exclamou Jimmy. — A Pat disse que havia recebido

uma carta da mulher pedindo para vê-la, mas nem sonhou que fosse

alguma coisa importante.

Poirot assentiu.

— Donovan sabia, ele foi ver a esposa nesta noite antes de subir ao

apartamento de cima — uma estranha ironia, aliás, que levou a infeliz

mulher a vir para este prédio onde sua rival morava —, a assassinou a sangue frio, e depois saiu para sua noitada. A esposa deve ter-lhe dito que

enviara a certidão de casamento a seus advogados e que estava aguardando uma resposta deles. Ele certamente deve ter tentado fazê-la acreditar que seu casamento não era válido.

— Ele pareceu muito animado, também, durante a noite toda. *Monsieur* Poirot, o senhor não permitiu que ele escapasse? — Jimmy estremeceu.

— Não há escapatória para ele — disse Poirot gravemente. — Não precisa temer.

— É na Pat que estou pensando principalmente — disse Jimmy. — Acha que ela não... ela realmente não gostava dele?

— *Mon ami*, essa é a sua parte — disse Poirot gentilmente. — Fazê-la se interessar por você e esquecer. Não creio que achará isso muito difícil!

7

a aventura de johnnie waverly[10]

— O senhor não pode entender os sentimentos de uma mãe — disse mrs. Waverly possivelmente pela sexta vez.

Ela lançou um olhar suplicante para Poirot. Meu pequeno amigo, sempre simpático aos sentimentos maternos em apuros, fez um gesto de assentimento.

— Mas é claro, claro, entendo perfeitamente. Tenha fé no *papa* Poirot.

— A polícia... — começou mr. Waverly.

Sua esposa descartou a interrupção com um gesto.

— Não quero mais nada com a polícia. Nós confiamos neles e veja o que aconteceu! Mas eu ouvi falar tanto de *monsieur* Poirot e das coisas maravilhosas que fez, que sinto que ele poderia nos ajudar. Os sentimentos de uma mãe...

Poirot conteve agilmente a reiteração com um gesto eloquente.

A emoção de mrs. Waverly era obviamente genuína, mas não combinava com suas feições inteligentes e muito severas. Quando fiquei sabendo mais tarde que era a filha de um proeminente industrial siderúrgico que subira na vida de auxiliar de escritório até sua eminência atual, percebi que ela havia herdado muitas qualidades paternas.

Mr. Waverly era um homem grande, corado, de aparência jovial. Estava de pé com as pernas bem abertas e lembrava um proprietário rural.

— Suponho que sabe tudo sobre esse caso, *monsieur* Poirot?

A pergunta era quase supérflua. Nos últimos dias, os jornais estiveram repletos do rapto sensacional do pequeno Johnnie Waverly, o filho de três anos e herdeiro de Marcus Waverly, proprietário de Waverly Court, Surrey, e membro de uma das famílias mais antigas da Inglaterra.

— Os fatos principais eu conheço, claro, mas me relate a história inteira, *monsieur*, eu lhe peço. E com detalhes, por favor.

— Bem, imagino que o começo da coisa toda foi há cerca de dez dias quando recebi uma carta anônima: coisas agressivas, de toda sorte, sem pé nem cabeça. O escritor teve a impudência de pedir que eu lhe pagasse 25

mil libras... 25 mil libras, *monsieur* Poirot! Se não concordasse, ele ameaçou raptar Johnnie. Claro que eu joguei a coisa na cesta de lixo sem muito barulho. Achei que fosse alguma brincadeira cretina. Cinco dias depois,

recebi outra carta. “Se não pagar, seu filho será raptado no dia 29.” Era o dia 27, Ada estava preocupada, mas eu não conseguia levar a coisa a sério.

Que diabo, estamos na Inglaterra. Ninguém sai por aí raptando crianças e pedindo resgate por elas.

— Não é uma prática comum, com certeza — disse Poirot. — Prossiga.

— Bem, Ada não me deixava em paz, então eu, me sentindo um pouco

tolo, levei o assunto à Scotland Yard. Eles não pareceram levar a coisa muito a sério, inclinados para a minha opinião de que era alguma

brincadeira cretina. No dia 28 eu recebi uma terceira carta. “Você não pagou. Seu filho lhe será tirado amanhã, dia 29, ao meio-dia. Vai lhe custar

50 mil libras para recuperá-lo.” Lá fui eu à Scotland Yard de novo. Desta vez

eles ficaram mais impressionados. Eles se inclinaram à opinião de que as cartas foram escritas por um lunático, e que, com toda probabilidade, uma

tentativa de algum tipo seria feita na hora estipulada. Eles me

tranquilizaram de que tomariam as devidas precauções. O inspetor McNeil

e uma força suficiente viriam até Waverly pela manhã e se encarregariam

do caso.

— Fui para casa mais aliviado. Mas nós tínhamos a sensação de estar

num estado de sítio. Dei ordens para nenhum estranho ser recebido, e para

ninguém sair da casa. A noite transcorreu sem nenhum incidente adverso,

mas, na manhã seguinte, minha esposa estava seriamente indisposta.

Alarmado com o seu estado, mandei chamar o doutor Dakers. Seus sintomas pareceram intrigá-lo. Embora hesitando sugerir que ela havia sido envenenada, pude perceber que era o que ele tinha em mente.Não havia nenhum perigo, ele me tranquilizou, mas demoraria um dia ou dois para ela ficar em forma de novo. Retornando ao meu quarto, fiquei sobressaltado e chocado ao descobrir uma nota presa com alfinete no meu travesseiro. Era na mesma caligrafia das outras e continha apenas três palavras: “Às doze horas”.

— Tenho que admitir, *monsieur* Poirot, que fiquei furioso. Alguém na casa estava metido na coisa... um dos criados. Eu convoquei todos eles, insultei-os de todas as maneiras. Eles não se desuniram. Foi miss Collins, acompanhante de minha esposa, que me informou que tinha visto a enfermeira de Johnnie se esgueirar pelo passeio naquela manhã bem cedo. Eu cobrei-lhe isso e ela desmoronou. Havia deixado a criança com a babá e saído às escondidas para se encontrar com um amigo seu, um homem! Belas andanças! Ela negou que tenha pregado a nota no meu travesseiro, e pode ter dito a verdade, não sei. Senti que não poderia assumir o risco de a própria enfermeira da criança estar envolvida na trama. Um dos criados estava implicado, disso eu tinha certeza. Eu finalmente perdi a cabeça e demiti o bando todo, enfermeira e tudo. Eu lhes dei uma hora para embalarem suas coisas e saírem da casa.

O rosto de mr. Waverly ficou dois tons mais vermelho apenas com a lembrança de sua ira.

— Isso não foi um pouco precipitado, *monsieur*? — sugeriu Poirot. — Por tudo que sabe, o senhor pode ter feito o jogo do inimigo.

Mr. Waverly o fitou.

— Não vejo assim. Mandar todo mundo embora, essa era a minha ideia. Telegrafei para Londres pedindo para enviarem um lote novo naquela noite. Nesse ínterim, só haveria pessoas em que eu podia confiar na casa: a secretária de minha esposa, miss Collins, e Tredwell, o mordomo, que está comigo desde que eu era um garoto.

— E essa miss Collins, há quanto tempo está com vocês?

— Apenas um ano — disse mrs. Waverly. — Ela tem sido útil para mim como secretária e acompanhante, e também é uma administradora doméstica muito eficiente.

— A enfermeira?

— Ela está comigo há seis meses. Veio com referências excelentes. Mesmo assim, nunca gostei dela de verdade, embora Johnnie fosse muito apegado a ela.

— Mesmo assim, deduzo que ela já havia partido quando a catástrofe ocorreu. Talvez, *monsieur* Waverly, faria a bondade de continuar.

Mr. Waverly retomou sua narrativa.

— O inspetor McNeil chegou por volta das dez e meia. Os criados já haviam partido a essa altura. Ele se declarou muito satisfeito com os

arranjos internos. Ele postou vários homens no parque, guardando todos os caminhos de acesso à casa, e me tranquilizou de que se a coisa toda não fosse um trote, nós seguramente agarraríamos meu misterioso correspondente.

“Eu estava com o Johnnie ao meu lado, e ele, eu e o inspetor fomos juntos para a sala que chamamos de câmara do conselho. O inspetor trancou a porta. Havia um grande relógio de parede ali, e quando os ponteiros estavam se aproximando do doze, não me importo de confessar que fiquei nervoso como um gato. Alguma coisa zumbiu, e o relógio começou a bater. Eu agarrei o Johnnie. Tinha a sensação de que um homem poderia cair do céu. A última badalada soou, e quando isso aconteceu houve uma grande algazarra do lado de fora, grito e correria. O inspetor levantou a janela com força, e um guarda chegou correndo.

“‘Nós o pegamos, senhor’, ele disse ofegante. ‘Estava se escondendo nos arbustos. Trazia um equipamento completo de dopagem com ele.’

“Nós corremos para o terraço onde dois policiais estavam segurando um sujeito com aparência de malfeitor trajando roupas surradas que se retorcia e virava em vão no esforço para se desvencilhar. Um dos policiais estendeu um pacote aberto que eles tinham arrancado à força de seu cativo. Ele continha um chumaço de algodão e um frasco de clorofórmio. A visão disso fez meu sangue ferver. Havia também uma nota, endereçada a

mim. Eu a abri. Ela trazia as seguintes palavras: ‘Devia ter pago. O resgate de seu filho agora lhe custará 50 mil. Apesar de todas suas precauções, ele foi sequestrado no dia 29 como eu havia dito.’

“Eu soltei uma gargalhada, a gargalhada de alívio, mas enquanto o fazia ouvi o ronco de um motor e um grito. Virei a cabeça. Era um carro cinza baixo e comprido correndo numa velocidade furiosa pelo passeio na direção da guarita sul. Fora o homem que o guiava que havia gritado, mas não foi isso que me causou um choque de horror. Foi a visão dos cabelos loiros de Johnnie. A criança estava no carro ao lado dele.

“O inspetor soltou uma imprecação: ‘A criança estava aqui não faz um minuto’, ele gritou. Seus olhos passaram por todos nós. Nós estávamos todos ali: eu, Tredwell, miss Collins. ‘Quando o viu pela última vez, mr. Waverly?’

“Eu tentei reconstruir o passado, procurando lembrar quando o policial nos havia chamado, eu saíra correndo com o inspetor, esquecendo-me completamente de Johnnie. — E aí veio um som que nos sobressaltou, o soar de um relógio de igreja do povoado. Com uma exclamação, o inspetor sacou seu relógio. Eram exatamente doze horas. Como se de comum acordo, nós corremos até a câmara do conselho; o relógio marcava meio-dia e dez. Alguém devia tê-lo alterado deliberadamente, pois ele jamais havia adiantado nem atrasado. É um relógio perfeito.”

Mr. Waverly parou. Poirot sorriu e endireitou uma pequena esteira que

o pai aflito havia enviesado.

— Um probleminha agradável, obscuro e encantador — murmurou Poirot. — Eu o investigarei para vocês com prazer. Ele de fato foi planejado *à merveille*.

Mrs. Waverly olhou para ele com ar de censura.

— Mas o meu garoto — ela choramingou.

Poirot recompôs rapidamente seu rosto e parecia de novo a imagem de uma sincera simpatia.

— Ele está a salvo, madame, está ileso. Fique tranquila, esses canalhas tomarão o maior cuidado com ele. Então ele não é a perua... não, a galinha... dos ovos de ouro?

— *Monsieur* Poirot, estou certa de que só resta uma coisa a ser feita: pagar. Eu fui absolutamente contra no início... mas agora... os sentimentos de uma mãe...

— Mas nós interrompemos *monsieur* em sua história — exclamou Poirot apressadamente.

— Imagino que conheça muito bem o resto pelos jornais — disse mr. Waverly. — Claro, o inspetor McNeil foi imediatamente ao telefone. Uma descrição do carro e do homem circulou por toda parte, e no começo pareceu que tudo daria certo. Um carro, conferindo com a descrição, levando um homem e um garotinho, havia passado por vários povoados,

aparentemente a caminho de Londres. Em um lugar que eles haviam parado, notaram que a criança estava chorando e obviamente com medo de seu acompanhante. Quando o inspetor McNeil anunciou que o carro havia sido parado e o homem e o menino detidos, eu quase passei mal de alívio. Você sabe a continuação. O garoto não era Johnnie, e o homem era um motorista fogoso, afeiçoado a crianças, que havia apanhado uma criancinha brincando nas ruas de Edenswell, um povoado a uns 24 quilômetros de nós, e estava gentilmente oferecendo-lhe um passeio. Graças à presunção desastrada da polícia, todas as pistas haviam desaparecido. Se eles não tivessem seguido persistentemente o carro errado, poderiam ter encontrado o menino a essa altura.

— Acalme-se, *monsieur*. A polícia é uma força corajosa e inteligente. Seu erro foi muito natural. E, no geral, foi um plano inteligente. Quanto ao homem que eles apanharam nos jardins, ouvi que sua defesa consistiu de uma negação persistente. Ele declarou que a nota e o embrulho lhe foram dados para ser entregues em Waverly Court. O homem que os deu para ele entregou-lhe uma nota de dez xelins e prometeu-lhe outra se fossem entregues exatamente às dez para as doze. Ele devia se aproximar da casa pelos jardins e bater na porta lateral.

— Não acredito em uma palavra disso — declarou mr. Waverly veementemente. — É tudo uma enfiada de mentiras.

— *En vérité*, é uma história rala — disse Poirot pensativamente. — Mas

até agora eles não a abalaram. Ouvi, também, que ele fez uma certa acusação.

Seu olhar interrogou mr. Waverly, que avermelhou de novo.

— O sujeito teve a impertinência de fingir que reconhecia em Tredwell o homem que lhe dera o pacote. “Só que o sujeito raspou o bigode”. Tredwell, que nasceu na herdade!

Poirot sorriu de leve com a indignação do velho cavalheiro rural.

— E, no entanto, o senhor suspeita que um ocupante da casa colaborou no sequestro.

— Sim, mas não Tredwell.

— E a senhora, madame? — perguntou Poirot, virando-se subitamente para ela.

— Não poderia ter sido Tredwell que deu a esse vagabundo a carta e o embrulho, se é que alguém o fez, o que eu não acredito. Aquilo lhe foi entregue às dez horas, ele disse. Às dez horas, Tredwell estava com meu marido no salão de fumar.

— Conseguiu ver o rosto do homem no carro, *monsieur*? Ele se parecia de alguma forma com Tredwell?

— Ele estava longe demais para eu ver seu rosto.

— Tredwell tinha algum irmão?

— Ele teve vários, mas eles estão todos mortos. O último foi morto na guerra.

— Ainda não tenho clareza sobre os terrenos de Waverly Court. O carro estava seguindo para a guarita sul. Há outra entrada?

— Sim, a que nós chamamos de guarita leste. Ela pode ser vista do outro lado da casa.

— Me parece estranho que ninguém tenha visto o carro entrando no terreno.

— Há uma via pública cruzando a propriedade e dando acesso a uma capelinha. Muitos carros passam por ela. O homem pode ter parado o carro num lugar conveniente e corrido até a casa quando o alarme foi dado e a atenção atraída para outro lado.

— A menos que ele já estivesse dentro da casa — ruminou Poirot. — Existe algum lugar onde ele possa ter se escondido?

— Bem, nós certamente não demos uma busca completa na casa antes. Não parecia ser necessário. Imagino que ele poderia ter se escondido em algum lugar, mas quem o teria deixado entrar?

— Chegaremos a isso mais tarde. Uma coisa de cada vez... sejamos metódicos. Não há nenhum esconderijo especial na casa? Waverly Court é um lugar antigo, e à vezes há “esconderijos de padre” [11], como são chamados.

— Caramba, *há* um esconderijo de padre. A entrada é por um dos painéis no vestíbulo.

— Perto da sala do conselho?

— No lado de fora, ao lado da porta.

— *Voilà!*

— Mas ninguém sabe da sua existência exceto minha esposa e eu.

— Tredwell?

— Bem... ele poderia ter ouvido falar disso.

— Miss Collins?

— Eu nunca o mencionei para ela.

Poirot refletiu por alguns instantes.

— Bem, *monsieur*, a próxima coisa é eu ir a Waverly Court. Se eu chegar esta tarde, isso lhes convém?

— Oh, o quanto antes, por favor, *monsieur* Poirot! — exclamou mrs. Waverly. — Leia isto mais uma vez.

Ela enfiou em suas mãos a última missiva do inimigo que havia chegado aos Waverly naquela manhã e que a enviara a toda pressa a Poirot. A carta dava orientações claras e explícitas para o pagamento do dinheiro, e terminava com uma ameaça de que o garoto pagaria com a vida se houvesse alguma traição. Estava claro que o amor pelo dinheiro se digladiava com o amor de mãe de mrs. Waverly, e que este último estava pelo menos ganhando o dia.

Poirot deteve mrs. Waverly por um minuto atrás de seu marido.

— Madame, a verdade, por favor. Compartilha a confiança de seu marido no mordomo, Tredwell?

— Não tenho nada contra ele, *monsieur* Poirot. Não consigo ver como ele pode ter se envolvido nisso, mas... bem eu nunca gostei dele... nunca!

— Outra coisa, madame, pode me dar o endereço da enfermeira da criança?

— Netherhall Road, 149, Hammersmith. Não imagina...

— Eu jamais imagino. Apenas emprego minhas pequenas células cinzentas. E, às vezes, só às vezes, tenho uma ideia.

Poirot voltou até onde eu estava depois que a porta se fechou.

— Então, madame nunca gostou do mordomo. Interessante isso, hein, Hastings?

Recusei-me a provocação. Poirot já havia me enganado tantas vezes que agora eu vou com cautela. Há sempre uma pegadinha em algum lugar.

Após completar um elaborado toalete ao ar livre, partimos para Netherhall Road. Tivemos sorte de encontrar miss Jennie Withers em casa.

Era uma mulher de trinta e cinco anos, de feições agradáveis, competente e altiva. Eu não pude acreditar que ela estivesse envolvida no caso. Ela estava fortemente ressentida com a maneira como havia sido demitida, mas admitiu que fora a culpada. Estava noiva para se casar com um pintor e decorador que por acaso estava na vizinhança, e saíra para se encontrar com ele. A coisa parecia bastante natural. Eu não conseguia compreender Poirot muito bem. Todas as suas perguntas me pareceram absolutamente irrelevantes. Elas giravam em torno, sobretudo, da rotina diária de sua vida

em Waverly Court. Fiquei francamente entediado e contente quando Poirot resolveu partir.

— Rapto é um trabalho fácil, *mon ami* — ele observou, enquanto parava um táxi na Hammersmith Road e ordenava-lhe que seguisse para Waterloo.

— Esta criança poderia ter sido raptada com a maior facilidade em qualquer dia nos três últimos anos.

— Não vejo em que isso nos faz avançar — observei friamente.

— *Au contraire*, ela nos faz avançar enormemente, enormemente mesmo! Se você precisa usar um alfinete de gravata, Hastings, ao menos que seja no centro exato de sua gravata. Neste momento ele está pelo menos alguns centímetros demais para a direita.

Waverly Court era uma casa antiga excelente e fora restaurada recentemente com bom gosto e cuidado. Mr. Waverly nos mostrou a sala do conselho, o terraço, e todos os demais pontos associados ao caso. Por fim, a pedido de Poirot, ele pressionou uma mola na parede, um painel deslizou para o lado, e uma pequena passagem nos levou até o esconderijo do padre.

— Está vendo — disse Waverly. — Não há nada aqui.

O minúsculo recinto estava completamente vazio, sem nem sequer a marca de uma pegada no chão. Eu me juntei a Poirot onde ele estava curvado examinando atentamente uma marca no canto.

— O que você deduz disto, meu amigo?

Havia quatro pegadas próximas umas das outras.

— Um cachorro — gritei.

— Um cachorro muito pequeno, Hastings.

— Um lulu da Pomerânia.

— Menor que um lulu.

— Um griffon? — sugeri sem convicção.

— Menor até que um griffon. Uma espécie desconhecida do Kennel

Club.

Olhei para ele. Seu rosto estava iluminado de excitação e satisfação.

— Eu estava certo — murmurou. — Sabia que estava certo. Venha,

Hastings.

Quando saímos para o vestíbulo e o painel se fechou atrás de nós, uma jovem dama saiu de uma porta mais distante da passagem. Mr. Waverly fez

as apresentações.

— Miss Collins.

Miss Collins tinha cerca de trinta anos, modos ágeis e alertas. Ela tinha

cabelos louros muito foscos. E usava *pince-nez*. A pedido de Poirot, passamos para uma saleta matinal e ele a interrogou cuidadosamente

sobre os empregados, em particular sobre Tredwell. Ela admitiu não gostar

do mordomo.

— Ele é muito intrometido — explicou.

Depois eles entraram na questão da comida ingerida por mrs. Waverly na noite do dia 28. Miss Collins declarou que havia compartido os mesmos pratos no primeiro andar, em sua sala de estar, e não havia sentido nenhum efeito pernicioso. Quando ela estava saindo, eu cutuquei Poirot.

— O cachorro — sussurrei.

— Ah, sim, o cachorro! — ele deu um largo sorriso. — Existe algum cachorro por aqui, *madamoiselle*?

— Há dois cães de caça nos canis lá fora.

— Não. Quero dizer um cãozinho, um cãozinho de estimação.

— Não... nada assim.

Poirot a dispensou. Depois, tocando a campainha, ele observou para mim:

— Ela mente, essa *madamoiselle* Collins. Eu possivelmente também o faria no lugar dela. Agora, o mordomo.

Tredwell era um indivíduo digno. Ele contou sua história com perfeita desenvoltura, e foi essencialmente igual à de mr. Waverly.

Ele admitiu conhecer o segredo do esconderijo do padre.

Quando finalmente se retirou, pomposo até o fim, eu encontrei os olhos perplexos de Poirot.

— O que deduz de tudo isso, Hastings?

— O que você deduz? — eu me defendi.

— Como você foi cauteloso. As células cinzentas nunca, nunca funcionarão se você não as estimular. Ah, mas não vou provocá-lo! Vamos fazer nossas deduções em conjunto. Que pontos nos chocaram por ser especialmente difíceis?

— Tem uma coisa que me choca — eu falei. — Por que o homem que sequestrou a criança saiu pela guarita sul e não pela guarita leste onde ninguém o veria?

— Este é um ponto muito bom, Hastings, excelente. Vou igualá-lo com outro. Por que advertir previamente os Waverly? Por que não raptar simplesmente a criança e pedir um resgate?

— Porque eles esperavam conseguir o dinheiro sem precisar agir.

— Seguramente era bastante improvável que o dinheiro fosse pago ante uma mera ameaça.

— Eles também queriam concentrar a atenção nas doze horas, para que, quando o vagabundo fosse apanhado, o outro pudesse sair do esconderijo e fugir com a criança sem ser notado.

— Isso não altera o fato de que eles estavam tornando uma coisa perfeitamente fácil numa coisa difícil. Se não especificam a hora ou a data, nada seria mais fácil do que esperar sua chance, e levar a criança num carro um dia que ele tivesse saído com sua babá.

— Si...im — admiti, sem estar convencido.

— Na verdade, há uma encenação deliberada de farsa! Mas vamos abordar a questão de outro ângulo. Tudo conflui para mostrar que havia um cúmplice dentro da casa. Ponto número um, o envenenamento misterioso de mrs. Waverly. Ponto número dois, a carta espetada no travesseiro. Ponto número três, o adiantamento de dez minutos do relógio... todos serviços internos. E um fato adicional que você pode não ter notado. Não havia pó no esconderijo do padre. Ele fora varrido com uma vassoura.

— Pois bem, temos quatro pessoas na casa. Podemos excluir a enfermeira, pois ela não poderia ter varrido o esconderijo do padre, embora pudesse satisfazer aos três outros pontos. Quatro pessoas, mr. e mrs. Waverly, Tredwell, o mordomo, e miss Collins. Tomemos primeiramente miss Collins. Não temos muito contra ela, exceto que sabemos muito pouco sobre ela, que é obviamente uma mulher jovem inteligente, e que só está aqui há um ano.

— Ela mentiu sobre o cachorro, você disse — eu o lembrei.

— Ah, sim, o cachorro — Poirot deu um sorriso peculiar. — Passemos agora a Tredwell. Há vários fatos suspeitos contra ele. Primeiro de tudo, um vagabundo declara que foi Tredwell quem lhe deu o embrulho no povoado.

— Mas Tredwell pode apresentar um álibi sobre esse ponto.

— Mesmo assim, ele poderia ter envenenado mrs. Waverly, espetado a nota no travesseiro, adiantado o relógio, e varrido o esconderijo do padre.

Por outro lado, ele nasceu e cresceu no serviço dos Waverly. Parece improvável no mais alto grau que fosse ser conivente com o rapto do filho da casa. Isso não se encaixa no quadro!

— E então?

— Devemos proceder logicamente... por mais absurdo que possa parecer. Consideraremos brevemente mrs. Waverly. Ela é rica, o dinheiro é seu. Foi seu dinheiro que restaurou esta herdade arruinada. Não faria sentido ela raptar seu filho e pagar o dinheiro a ela mesma. O marido, não, está numa posição diferente. Ele tem uma esposa rica. Não é a mesma coisa que ser ele próprio rico, aliás, tenho uma pequena ideia de que a dama não gosta muito de dividir seu dinheiro, exceto por um pretexto muito bom. Mas mr. Waverly, pode-se notar de imediato, é um *bon vivant*.

— Impossível — balbuciei.

— Absolutamente. Quem demitiu os criados? Mr. Waverly. Ele pôde escrever os bilhetes, drogar a esposa, adiantar os ponteiros do relógio, e estabelecer um álibi para seu fiel serviçal Tredwell. Tredwell nunca gostou de mrs. Waverly. Ele é devotado ao amo e está disposto a obedecer a suas ordens implicitamente. Havia três pessoas envolvidas. Waverly, Tredwell, e algum amigo de Tredwell. Este é o erro que a polícia cometeu, eles não investigaram melhor o homem que dirigiu o carro cinza com a criança errada. Ele era o terceiro homem. Ele pega a criança num vilarejo próximo, um garoto de cabelos loiros. Entra pela guarita leste e atravessa para a guarita sul

no momento exato, agitando a mão e gritando. Eles não

conseguem ver nem o seu rosto nem a placa do carro, e, portanto, não conseguem ver o rosto da criança tampouco. Aí ele deixa uma pista falsa para Londres. Nesse meio tempo, Tredwell fez sua parte arranjando para o

embrulho e o bilhete serem entregues por um cavalheiro de aspecto rude.

Seu amo pode oferecer um álibi no caso improvável de o homem

reconhecê-lo, a despeito do bigode falso que usou. Quanto a mr. Waverly, mal começa o alvoroço e o inspetor sai apressado para fora, ele

rapidamente esconde a criança no esconderijo do padre, e o acompanha

para fora. Mais tarde no mesmo dia, despois que o inspetor foi embora e quando miss Collins está fora do caminho, será muito fácil levá-la a algum

lugar seguro no seu próprio carro.

— Mas e quanto ao cachorro? — perguntei. — E a mentira de miss

Collins?

— Isto foi uma brincadeirinha minha. Perguntei a ela se havia

cachorros de estimação na casa, e ela disse que não. Mas seguramente há

alguns, no quarto da criança! Percebe, mr. Waverly colocou alguns

brinquedos no esconderijo do padre para divertir e acalmar Johnnie.

— *Monsieur* Poirot... — mr. Waverly entrou na sala — descobriu

alguma coisa? Tem alguma pista sobre para onde o menino foi levado?

Poirot estendeu lhe um pedaço de papel. — Eis o endereço.

— Mas é uma folha em branco.

— Porque estou esperando que você o escreva para mim.

— O que... — o rosto de mr. Waverly ficou púrpura.

— Eu sei tudo, *monsieur*. Dou-lhe vinte e quatro horas para devolver o menino. Sua engenhosidade fará jus à tarefa de explicar seu reaparecimento. Caso contrário, mrs. Waverly será informada da sequência exata dos fatos.

Mr. Waverly desabou numa cadeira e enterrou o rosto nas mãos.

— Ele está com minha velha ama, a dez milhas daqui. Está feliz e bem cuidado.

— Não tenho dúvida disso. Se não acreditasse que no fundo é um bom pai, não estaria disposto a lhe dar uma nova chance.

— Um escândalo...

— Exatamente. Seu nome é antigo e honrado. Não o coloque em risco de novo. Boa noite, mr. Waverly. E, a propósito, um pequeno conselho. Nunca se esqueça de varrer os cantos!

8

vinte e quarto melros[12]

Hercule Poirot estava jantando com seu amigo, Henry Bonnington no Gallant Endeavour em King’s Road, Chelsea. Mr. Bonnington apreciava o Gallant Endeavour. Ele gostava da atmosfera de ócio, gostava da comida que era “simples” e “inglesa” e “não uma porção de misturas inventadas”. Gostava de contar às pessoas que ali jantavam com ele qual era o lugar exato em

que Augustus John costumava se sentar e de chamar a atenção para os nomes de artistas famosos no livro de visitantes. O próprio mr. Bonnington era o menos artístico dos homens, mas tinha certo orgulho das atividades artísticas alheias.

Molly, a simpática garçonete, saudou mr. Bonnington como um velho amigo. Ela se orgulhava de lembrar os gostos e aversões de seus fregueses em matéria de comida.

— Boa noite, senhor — ela disse, enquanto os dois homens ocuparam seus assentos numa mesa de canto. — Tiveram sorte hoje: peru recheado com castanhas. É o seu favorito, não? E sempre um belo queijo Stilton que produzimos! Vão querer primeiro a sopa ou o peixe?

Mr. Bonnington decidiu sobre a questão. Ele advertiu Poirot enquanto este estudava o cardápio:

— Nada de seus petiscos franceses hoje. Boa comida inglesa bem-feita.

— Meu amigo — Hercule Poirot agitou a mão —, não peço melhor do que isso! Coloco-me inteiramente em suas mãos.

— Ar... ram... er... hmmm — replicou mr. Bonnington, e deu uma cuidadosa atenção ao assunto. Resolvidos esses assuntos de peso e a questão do vinho, mr. Bonnington se recostou com um suspiro e desdobrou seu guardanapo enquanto Molly se afastava apressada.

— Boa garota, essa — ele disse com aprovação. — Já foi muito bonita, artistas

costumavam pintá-la. E entende de comida também, e isso é bem mais importante. As mulheres são muito inseguras em matéria de comida

como regra geral. Há muita mulher que, quando sai com um sujeito que lhe

interessa, nem mesmo notará o que come. Ela simplesmente pedirá a

primeira coisa que vir.

Poirot balançou a cabeça.

— *C'est terrible*.

— Os homens não são assim, graças a Deus! — disse mr. Bonnington,

complacente.

— Nunca? — havia um brilho no olho de Hercule Poirot.

— Bem, talvez quando são muito jovens — concedeu mr. Bonnington.

— Fedelhinhos! Os jovens de hoje são todos iguais... sem ousadia... sem estamina. Não quero nada com os jovens, e eles — acrescentou com estrita

imparcialidade — não querem nada comigo. Talvez estejam certos! Mas

quando se ouve alguns desses jovens falar, você pensaria que nenhum

homem tem o direito de estar *vivo* após os sessenta! Do jeito que eles vão, não seria de estranhar se alguns deles não ajudassem seus parentes idosos

a sair do mundo.

— É possível — disse Hercule Poirot —, que o façam.

— Bela mentalidade a sua, Poirot, eu devo dizer. Todo este trabalho

policial está solapando seus ideais.

Hercule Poirot sorriu.

— *Tout de même* — disse. — Seria interessante fazer uma tabela de mortes acidentais acima dos sessenta anos. Eu lhe asseguro que ela

suscitaria algumas especulações curiosas em sua mente.

— O seu problema é que você começou a sair atrás do crime, em vez de

esperar o crime vir até você.

— Peço desculpas — disse Poirot. — Estou falando do que vocês

chamam de “negócio”. Fale-me um pouco sobre você. Como lhe parece o

mundo?

— Confuso! — disse mr. Bonnington. — Este é o problema do mundo

atual. Excesso de confusão. E linguagem refinada em demasia também. A

linguagem refinada ajuda a ocultar a confusão. Como um molho bem

condimentado ajuda a ocultar o fato de que o peixe embaixo dele já esteve

em melhor forma! Dê-me um filé de linguado honesto e sem nenhum molho confuso por cima.

Ele lhe foi dado naquele momento por Molly e ele resmungou uma

aprovação.

— Você sabe exatamente do que eu gosto, minha menina — ele disse.

— Bem, o senhor vem aqui com muita regularidade, não vem, senhor?

Eu deveria saber do que gosta.

Hercule Poirot disse:

— As pessoas sempre gostam, então, das mesmas coisas? Elas não

gostam de alguma mudança às vezes?

— Cavalheiros não, senhor. As senhoras gostam de variedade... cavalheiros sempre gostam da mesma coisa.

— O que foi que eu lhe disse? — resmungou Bonnington. — As mulheres são fundamentalmente inseguras em matéria de comida!

Ele correu os olhos pelo restaurante.

— O mundo é um lugar engraçado. Reparou naquele sujeito velho de semblante estranho com suíças? Molly me contou que ele está sempre aqui nas noites de terça e quinta-feira. Ele tem vindo aqui há quase dez anos... é uma espécie de marco no lugar. E, no entanto, ninguém sabe seu nome, ou onde ele vive, ou qual é o seu negócio. É curioso quando se pensa nisto.

Quando a garçonete trouxe as porções de peru ele disse:

— Vejo que ainda tem o *Old Father Time*[13] ali?

— Isto mesmo, senhor. Terças e quintas-feiras são os seus dias. Mas a verdade é que ele veio aqui numa *segunda-feira* semana passada! Isto me contrariou! Achei que tinha errado as datas e que devia ser terça-feira sem que eu soubesse! Mas ele veio na noite seguinte também... de modo que segunda-feira foi apenas uma espécie de extra, por assim dizer.

— Um curioso desvio do hábito — murmurou Poirot. — Eu me pergunto qual seria a razão?

— Bem, senhor, se me pergunta, acho que ele teve algum tipo de contrariedade ou preocupação.

— Porque pensa assim? Seus modos?

— Não, senhor... não seus modos exatamente. Ele ficou muito quieto como sempre. Nunca diz muito exceto boa-noite quando chega ou parte. Na verdade, foi seu *pedido*.

— Seu pedido?

— Imagino que os cavalheiros vão rir de mim — Molly enrubesceu —, mas quando um cavalheiro vem aqui por dez anos, ficamos conhecendo seus gostos e aversões. Ele nunca pôde suportar carnes gordurosas ou amoras e eu nunca o vi tomando sopa cremosa, mas naquela noite de segunda-feira ele pediu sopa cremosa de tomate, torta de rim e carne e, para a sobremesa, torta de amora! Parecia que ele simplesmente não estava notando o que pedia!

— Sabe de uma coisa — disse Hercule Poirot —, estou achando isso extraordinariamente interessante.

Molly pareceu grata e se afastou.

— Bem, Poirot — disse Henry Bonnington com uma risadinha. — Que venham algumas deduções suas. Todas na sua melhor forma.

— Eu preferiria ouvir primeiramente as suas.

— Quer que eu banque o Watson, não é? Bem, o velhote foi a um médico e ele mudou sua dieta.

— Para sopa cremosa de tomate, torta de rim e carne e, para a sobremesa, torta de amora? Não consigo imaginar nenhum médico fazendo

isso.

— Não duvide, meu velho. Médicos põem você para fazer qualquer coisa.

— Essa é a única solução que lhe ocorre?

Henry Bonnington disse:

— Bem, seriamente, suponho que há uma única explicação possível. Nosso desconhecido amigo estava sofrendo alguma poderosa emoção mental. Estava tão perturbado por ela que literalmente não percebeu o que estava pedindo ou comendo.

Ele se calou por alguns instantes e depois disse:

— Você vai me dizer em seguida que sabe exatamente *o que* se passava em sua mente. Dirá talvez que ele estava se decidindo a cometer um assassinato.

Ele riu da própria sugestão.

Hercule Poirot não riu.

Ele admitiu que naquele momento ficou seriamente preocupado.

Alegou que deveria ter tido algum pressentimento do que provavelmente iria ocorrer.

Seus amigos o tranquilizam de que essa ideia era pura fantasia.

Foi cerca de três semanas depois que Hercule Poirot e Bonnington tornaram a se encontrar. Desta vez o encontro foi no metrô.

Eles se cumprimentaram com as cabeças, e cambalearam até conseguir se segurar em alças adjacentes. Em Picadilly Circus houve um êxodo geral e eles encontraram assentos na parte frontal do carro, um lugar pacato pois ninguém entrava ou saía por ali.

— Assim está melhor — disse mr. Bonnington. — Bando de egoístas, esta raça humana, não dão passagem por mais que se lhes peça.

Hercule Poirot ergueu os ombros.

— O que você quer? — ele disse. — A vida é muito incerta.

— É isso aí. Hoje aqui, amanhã acabado — disse mr. Bonnington com uma espécie de melancólica satisfação. — E, por falar nisso, lembra-se do velhote que notamos no Gallant Endeavour? Eu não me admiraria se *ele tivesse* saltado para um mundo melhor. Ficou sem aparecer por lá uma semana inteira. Molly está bastante preocupada com isso.

Hercule Poirot sentou-se. Seus olhos azuis faiscaram.

— Mesmo? — disse. — Mesmo?

Bonnington continuou:

— Lembra-se de que eu sugeri que ele tinha ido a um médico e entrado numa dieta? Dieta é bobagem, claro, mas não me admiraria se ele tivesse consultado um médico sobre a sua saúde e que o parecer dele lhe houvesse causado um pequeno susto. Isso explicaria ele pedir coisas do cardápio sem notar o que estava fazendo. Bastante provável que o susto que recebeu o apressou a sair do mundo mais cedo do que teria ido. Os médicos deviam ter cuidado com o que dizem a um sujeito.

— Eles geralmente têm — disse Poirot.

— Esta é minha estação — disse mr. Bonnington. — Até logo. Acho que jamais saberemos quem era o velhote, nem sequer seu nome. Mundo engraçado! — e saiu apressado do carro.

Poirot, com a testa franzida, não parecia achar o mundo tão engraçado assim. Ele foi para casa e deu algumas instruções a seu fiel criado, George. Poirot correu o dedo por uma lista de nomes. Era um registro das mortes dentro de certa área.

O dedo de Poirot parou.

— Henry Gascoigne. Sessenta e nove. Tentarei primeiro ele.

No final do dia, Poirot estava sentado no consultório do dr. MacAndrew, encostado na King's Road. MacAndrews era um escocês alto e ruivo com um rosto inteligente.

— Gascoigne? — ele disse. — Sim, é isso. Velhote excêntrico. Vivia sozinho em uma daquelas casas velhas arruinadas que estão sendo demolidas para a construção de um moderno bloco de apartamentos. Eu nunca o havia atendido, mas o via por aí e sabia quem era. Foi o pessoal da leiteria que primeiro levantou a dúvida. As garrafas de leite começaram a se acumular no lado de fora. Por fim, os vizinhos mandaram avisar a polícia e eles arrombaram a porta e o encontraram. Ele tinha caído de cabeça na escada e quebrado o pescoço. Estava usando um velho roupão com um

cordão arrebentado, pode ter facilmente tropeçado nele.

— Entendo — disse Poirot. — Foi muito simples... um acidente.

— Isso mesmo.

— Tinha algum parente?

— Existe um sobrinho. Costumava visitar o tio cerca de uma vez por mês. Lorrimer, é seu nome, George Lorrimer. Ele também é médico. Vive em Wimbledon.

— Ele ficou sentido com a morte do velho?

— Não sei se diria que ficou sentido. Isto é, ele tinha afeto pelo velho, mas não o conhecia muito bem.

— Há quanto tempo mr. Gascoigne estava morto quando você o viu?

— Ah! — disse o dr. MacAndrew. — É aqui que ficamos oficiais. Não menos de 48 horas e não mais do que 72. Ele foi encontrado na manhã do dia 6. Na verdade, chegamos mais perto do que isso. Ele trazia uma carta no bolso do seu roupão, escrita no dia 3, postada em Wimbledon naquela tarde, que teria sido entregue por volta das nove e vinte da noite. Isso situa o momento da morte em depois das nove e vinte da noite do dia 3. Isso confere com o conteúdo do estômago e os processos de digestão. Ele havia comido cerca de duas horas antes da morte. Eu o examinei na manhã do dia 6, e sua condição era bastante consistente com a morte ter ocorrido cerca de sessenta horas antes, por volta das dez da noite do dia 3.

— Tudo parece muito consistente. Diga-me, quando ele foi visto com vida pela última vez?

— Ele foi visto na King’s Road por volta das sete daquela mesma noite,

quinta-feira, dia 3, e jantou no restaurante Gallant Endeavour às sete e meia. Ao que parece, ele sempre jantava ali às quintas-feiras. Ele era uma

espécie de artista, sabe. Daqueles extremamente ruins.

— Ele não tinha outros parentes? Somente esse sobrinho?

— Havia um irmão gêmeo. A história toda é muito curiosa. Eles não se

viam há anos. Parece que o outro irmão, Anthony Gascoigne, casou-se com

uma mulher muito rica e desistiu da arte, e os irmãos brigaram por causa

disso. Eles não haviam mais se visto desde então, acredito. Mas

curiosamente, *morreram no mesmo dia*. O gêmeo mais velho faleceu às três

da tarde do dia 3. No passado, eu soube de um caso de gêmeos que

morreram no mesmo dia, em diferentes partes do mundo! Provavelmente

mera coincidência... mais aí está.

— A esposa do outro irmão está viva?

— Não, ela morreu alguns anos atrás.

— Onde vivia Anthony Gascoigne?

— Ele tinha uma casa em Kingston Hill. Ele era, acredito, pelo que o dr.

Lorrimer me contou, muito recluso.

Hercule Poirot assentiu pensativamente.

O escocês olhou intensamente para ele.

— No que exatamente está pensando, *monsieur* Poirot? — ele

perguntou sem meias palavras. — Eu respondi às suas perguntas, como era

meu dever vendo as credenciais que trouxe. Mas estou no escuro sobre o assunto todo.

Poirot disse lentamente:

— Um simples caso de morte acidental, é o que você diz. O que eu

tenho em mente é igualmente simples... um simples empurrão.

O dr. MacAndrew parecia admirado.

— Em outras palavras, assassinato! Tem alguma base para essa

crença?

— Não — disse Poirot. — É uma mera suposição.

— Deve haver alguma coisa... — persistiu o outro.

Poirot não falou. MacAndrews disse:

— Se é do sobrinho Lorrimer que suspeita, não me importo em lhe dizer que está no barco errado. Lorrimer estava jogando bridge em

Wimbledon das oito e meia à meia-noite. Isso apareceu no inquérito.

Poirot murmurou:

— E presumivelmente foi verificado. A polícia é cuidadosa.

— Talvez saiba alguma coisa contra ele? — o médico disse.

— Eu não sabia da existência de tal pessoa até você o mencionar.

— Então suspeita de algum outro?

— Não, não. Não é nada disso. É um caso de hábitos de rotina do animal

humano. Isso é muito importante. E o falecido mr. Gascoigne não se

encaixa. Está tudo errado, percebe.

— Eu realmente não compreendo.

— O problema é que há molho demais sobre o peixe estragado —

Hercule Poirot murmurou.

— Meu caro senhor?

Poirot sorriu.

— Daqui a pouco vai me internar como um lunático, *monsieur le*

Docteur. Mas eu não sou um caso mental... apenas um homem que tem apreço por ordem e método, e que fica incomodado quando tropeça num

fato *que não se encaixa*. Peço-lhe que me perdoe por ter lhe dado tanto trabalho.

Ele se levantou e o médico também.

— Sabe — disse MacAndrew —, honestamente eu não consigo ver

nada menos suspeito que a morte de Henry Gascoigne. Digo que ele caiu, você diz que alguém o empurrou. Está tudo... bem... no ar.

Hercule Poirot suspirou.

— Sim — disse. — É profissional. Alguém fez um bom trabalho!

— Ainda pensa...

O homenzinho estendeu as mãos.

— Sou um homem obstinado... um homem com uma ideiazinha... e nada

em seu apoio! Aliás, por acaso Henry Gascoigne tinha dentes postiços?

— Não, seus dentes estavam em excelente estado. Muito admirável,

aliás, na sua idade.

— Ele cuidava bem deles... estavam brancos e bem escovados?

— Sim, e os notei particularmente. Dentes tendem a amarelar um pouco com a idade, mas eles estavam em boas condições.

— Não descoloridos de alguma forma?

— Não. Não creio que fosse fumante, se é isso que quer dizer.

— Não quis dizer isso precisamente; foi apenas um tiro no escuro, que provavelmente não acertará o alvo! Até logo, dr. MacAndrew, e obrigado pela sua gentileza.

Ele apertou a mão do médico e partiu.

— E agora — disse —, vamos ao tiro no escuro.

No Gallant Endeavour, ele se sentou à mesma mesa que havia compartilhado com Bonnington. A moça que o serviu não era Molly. Ela lhe contou que Molly estava de férias. Eram apenas sete da noite e Poirot não teve dificuldade de entabular conversa com a moça sobre o tema do velho mr. Gascoigne.

— Sim — disse ela. — Ele vem aqui há muitos anos. Mas nenhuma das moças daqui jamais soube o seu nome. Nós lemos sobre o inquérito no jornal e havia uma foto dele. “Veja”, eu disse para a Molly, “se não é o nosso *Old Father Time* como nós costumávamos chamá-lo.

— Ele jantou aqui na noite da sua morte, não foi?

— Isso mesmo, quinta-feira, dia 3. Ele estava sempre aqui nas quintas-

feiras. Terças e quintas, pontual como um relógio.

— Você não se lembra, imagino, o que ele comeu no jantar?

— Deixa eu ver, foi sopa ao curry, com certeza, e torta de boi ou foi carneiro?... não pudim, com certeza, e torta de amora e maçã com queijo. E

pensar que ele foi para casa e caiu daquela escada naquela mesma noite.

Um cordão de roupão esfiapado, disseram, foi o que causou a queda. Claro,

suas roupas eram sempre um tanto horríveis, antiquadas e vestidas de

qualquer jeito, e puídas, e mesmo assim ele *tinha* uma espécie de empáfia, como se fosse *alguém!* Oh, temos toda sorte de fregueses interessantes por aqui!

Ela se afastou.

Poirot comeu o filé de linguado. Seus olhos exibiam uma luz verde.

— É curioso — ele disse para si mesmo —, como a pessoa mais

inteligente não atenta para detalhes. Bonnington ficará interessado.

Mas ainda não chegara o momento para uma discussão prazerosa com

Bonnington.

• • •

Armado com apresentações de algum fulano influente, Hercule Poirot não

encontrou dificuldade para lidar com o delegado distrital.

— Uma figura curiosa, o falecido Gascoigne — observou. — Um velhote

solitário, excêntrico. Mas seu falecimento parece que provoca uma

quantidade incomum de atenção.

Ele fitava com alguma curiosidade seu visitante enquanto falava.

Poirot escolheu cuidadosamente as palavras.

— Há circunstâncias relacionadas ao caso, *monsieur*, que tornam uma investigação desejável.

— Bem, em que posso lhe ajudar?

— Acredito que seja da sua competência ordenar que documentos produzidos em seu tribunal sejam destruídos, ou engavetados, como achar necessário. Uma carta foi encontrada no bolso do roupão de Henry Gascoigne, não foi?

— Exato.

— Uma carta de seu sobrinho, o dr. George Lorrimer?

— Perfeitamente. A carta foi apresentada no inquérito para ajudar a estabelecer a hora da morte.

— Que foi corroborada pelas evidências médicas?

— Exatamente.

— A carta ainda está disponível?

Poirot esperou com muita ansiedade a resposta.

Quando ouviu que a carta ainda estava disponível para exame, ele soltou um suspiro de alívio.

Quando ela foi finalmente apresentada, ele a estudou com atenção. A carta fora escrita numa caligrafia um pouco contida com uma caneta

tinteiro.

Ela dizia o seguinte:

Querido Tio Henry,

Lamento lhe dizer que não tive nenhum sucesso com respeito ao tio Anthony. Ele não mostrou nenhum entusiasmo por uma visita sua e não me deu nenhuma resposta a seu pedido de esquecer o que ficou para trás. Ele está gravemente enfermo, é claro, e sua mente está propensa a divagar. Suspeito que o fim está muito próximo. Ele mal conseguiu se lembrar de quem você

era. Lamento ter-lhe falhado, mas posso lhe garantir que fiz o melhor que pude.

Seu afeiçoado sobrinho,

george lorrimer

A própria carta fora datada em 3 de novembro. Poirot deu uma olhada no

carimbo postal do envelope: 16h30, 3 nov. Ele murmurou:

— Está lindamente em ordem, não é?

Kingston Hill foi seu objetivo seguinte. Após um pequeno problema, com o

exercício de pertinácia bem-humorada, ele obteve uma entrevista com mrs.

Amelia Hill, a cozinheira do falecido Anthony Gascoigne.

De início, mrs. Hill mostrou-se rígida e desconfiada, mas a encantadora

genialidade daquele estrangeiro de aparência exótica amoleceria uma

pedra. Mrs. Amelia Hill começou a se soltar. Ela se viu, como tantas outras

mulheres antes dela, despejando seus problemas num ouvinte

decididamente simpático.

Durante quatorze anos ela havia cuidado da casa de mr. Gascoigne, um

trabalho *nada* fácil! Não mesmo! Muitas mulheres teriam desanimado sob o fardo que *ela* tivera que suportar! Excêntrico o pobre homem era e não há que negar. Notavelmente apegado ao seu dinheiro, uma espécie de mania dele, e era um cavalheiro rico que só! Mas mrs. Hill lhe servira fielmente, e suportara suas idiossincrasias, e, naturalmente, esperava pelo menos uma *lembrança*. Mas não, absolutamente nada! Apenas um velho testamento que deixava todo seu dinheiro para a esposa, e se ela morresse antes dele, então tudo para seu irmão, Henry. Um testamento feito anos atrás. Não parecia justo!

Gradualmente, Poirot a afastou do seu tema principal de cupidez insatisfeita. Havia sido, de fato, uma injustiça impiedosa! Mrs. Hill não poderia ser culpada por sentir-se ferida e surpresa. Era fato sabido que mr. Gascoigne era sovina em matéria de dinheiro. Até se havia dito que o morto havia recusado ajuda a seu único irmão.

Mrs. Hill provavelmente sabia tudo sobre isso.

— Foi para isso que o dr. Lorrimer veio vê-lo? — perguntou mrs. Hill.

— Eu sabia que havia algo sobre seu irmão, mas pensei que era apenas que seu irmão queria se reconciliar. Eles brigaram anos atrás.

— É verdade — disse Poirot — que mr. Gascoigne o recusou totalmente?

— Pura verdade — disse mrs. Hill com um aceno de cabeça. — “Henry?” ele disse bem fraquinho. “ Que história é essa de Henry? Não o vejo há anos e não quero ver. Sujeito encrenqueiro, o Henry ”. Só isso.

A conversa reverteu então para as lamúrias especiais de mrs. Hill, e a atitude de ingratidão do advogado do falecido mr. Gascoigne.

Com alguma dificuldade, Poirot conseguiu sair sem interromper a conversa com excessiva brusquidão.

E assim, pouco após a hora do jantar, ele foi a Elmcrest, Dorset Road, Wimbledon, a residência do dr. George Lorrimer.

O médico estava em casa. Poirot foi introduzido no consultório e ali o dr. George Lorrimer foi ao seu encontro, obviamente recém-saído da mesa de jantar.

— Não sou um paciente, doutor — disse Poirot. — E estou vindo aqui, talvez, com certa impertinência... mas sou um homem velho e acredito num entendimento direto e franco. Não ligo para advogados e seus métodos tortuosos.

Ele certamente havia despertado o interesse de Lorrimer. O médico era um homem de estatura mediana e rosto bem barbeado. Seu cabelo era castanho, mas as sobrancelhas eram quase brancas, conferindo a seus olhos uma aparência pálida, agitada. Seus modos eram ágeis e não sem humor.

— Advogados? — ele disse, erguendo as sobrancelhas. — Odeio essa gente! Despertou minha curiosidade, meu caro senhor. Por favor, sente-se.

Poirot o fez e em seguida tirou do bolso um de seus cartões profissionais que entregou ao médico.

As sobrancelhas brancas de George Lorrimer se franziram.

Poirot se inclinou para frente confidencialmente. — Muitos de meus clientes são mulheres — disse.

— Naturalmente — disse o dr. Lorrimer, com uma piscadela.

— Como você diz, *naturalmente* — concordou Poirot. — Mulheres desconfiam da polícia oficial. Elas preferem investigações privadas. Não querem que seus problemas venham a público. Uma mulher idosa veio me consultar alguns dias atrás. Ela estava insatisfeita com um marido com o qual havia brigado muitos anos antes. Esse marido dela era seu tio, o falecido mr. Gascoigne.

O rosto de George Lorrimer ficou púrpura.

— Meu tio? Bobagem! Sua esposa morreu há muitos anos.

— Não seu tio, mr. *Anthony* Gascoigne. Seu tio, mr. *Henry* Gascoigne.

— Tio Henry? Mas *ele* não era casado!

— Oh, era sim — disse Poirot, mentindo descaradamente. — Nenhuma dúvida sobre isso. A senhora até trouxe sua certidão de casamento.

— É uma mentira! — gritou George Lorrimer. Seu rosto ficara púrpura como uma ameixa. — Não acredito nisso. Você é um mentiroso desaforado.

— Que pena, não é? — disse Poirot. — Você cometeu assassinato à toa.

— Assassinato? — a voz de Lorrimer tremia. Seus olhos claros se esbugalharam de terror.

— Aliás — disse Poirot —, vejo que esteve comendo torta de amora de

novo. Um hábito imprudente. Dizem que as amoras têm muitas vitaminas, mas elas podem ser mortais de outras maneiras. Nesta ocasião, imagino que elas ajudaram a pôr uma corda em volta do pescoço de um homem — o seu pescoço, dr. Lorrimer.

"Percebe, *mon ami*, onde você errou foi no seu pressuposto fundamental — Hercule Poirot, placidamente radiante diante de seu amigo à mesa, agitava uma mão expositiva.

"Um homem sob um estresse mental severo não escolhe esse momento para fazer algo que nunca fez antes. Seus reflexos apenas seguem o curso de menor resistência. Um homem que está perturbado por alguma coisa *poderia* concebivelmente descer para jantar vestindo pijama, mas seria o seu próprio pijama, não o de outra pessoa. Um homem que não gosta de sopa cremosa, carne gordurosa e amoras de repente pede as três coisas numa noite. *Você* diz, porque ele está pensando em outra coisa. Mas *eu* digo *que um homem que tem alguma coisa em mente pedirá automaticamente o prato que pediu mais amiúde antes*.

"*Eh bien*, então, que outra explicação poderia haver? Eu simplesmente não conseguia pensar numa explicação razoável. E estava preocupado! O incidente estava todo errado. Não se encaixava!

"Aí você me disse que o homem havia desaparecido! Ele havia deixado de vir numa terça-feira e numa quinta-feira pela primeira vez em anos. Eu gostei ainda menos disso. Uma hipótese estranha saltou para minha mente.

Se eu estivesse certo sobre ela, *o homem havia morrido*. Fiz investigações. O homem *havia* morrido. E estava limpa e ordeiramente morto. Em outras palavras, o peixe estragado fora coberto com molho!

“Ele fora visto em King’s Road às sete da noite. Fora jantar ali às sete e meia, duas horas antes de morrer. Tudo se encaixava: a evidência dos conteúdos do estômago, a evidência da carta. Era molho demais! Mal dava para enxergar o peixe!

“O sobrinho devotado escreveu a carta, o sobrinho devotado tinha um lindo álibi para a hora da morte. Morte muito simples, queda da escada. Simples acidente? Simples assassinato? Todos dizem o primeiro.

“O sobrinho devotado é o único parente vivo. O sobrinho devotado vai herdar, mas haverá algo *a* herdar de um tio notoriamente pobre.

“Mas há um irmão. E o irmão se casou com uma esposa rica. E o irmão vive numa mansão suntuosa em Kingston Hill, de modo que a esposa rica deve ter lhe deixado todo seu dinheiro. Percebe a sequência: esposa rica deixa dinheiro para Anthony, Anthony deixa dinheiro para Henry que deixa dinheiro para George. Uma cadeia completa.”

— Tudo muito bonito em teoria — disse Bonnington. — Mas o que você fez?

— Depois que você *sabe*, você pode em geral obter o que deseja. Henry havia morrido duas horas após uma *refeição*, isso foi tudo com que o inquérito realmente se preocupou. Mas suponha que a refeição não foi o jantar, mas o *almoço*. Coloque-se no lugar de George. George quer dinheiro,

desesperadamente. Anthony Gascoigne está morrendo, mas sua morte não

é boa para George. Seu dinheiro vai para Henry, e Henry Gascoigne pode viver muitos anos ainda. De modo que Henry também precisa morrer, e o

quanto antes, melhor, mas sua morte deve ocorrer *após* a de Anthony, e no

mesmo momento George precisa ter um álibi. O hábito de Henry de jantar

regularmente duas noites por semana num restaurante sugere um álibi a

George. Sendo um sujeito cauteloso, ele primeiro testa seu plano. *Ele personifica seu tio na noite de segunda-feira no restaurante em questão*. A coisa transcorre sem contratempo. Todos ali aceitam-no como seu tio. Ele

está satisfeito. Tem apenas que esperar até o tio Anthony dar sinais

definitivos de que está morrendo. O momento chega. Ele escreve uma carta

a seu tio na tarde do dia 2 de novembro, mas põe a data do dia 3. Ele vem à

cidade na tarde do dia 3, visita o tio, e põe seu plano em ação. Um forte empurrão e lá se vai o tio Henry escada abaixo. George procura a carta que

escreveu, e a enfia no bolso do roupão do tio. Às sete e meia, ele está no Gallant Endeavour, barba, sobrancelhas cerradas, tudo. Mr. Henry

Gascoigne seguramente está vivo às sete e meia. Depois, uma rápida

metamorfose no banheiro e de volta a toda velocidade no seu carro a

Wimbledon para uma noite de bridge. O álibi perfeito.

Mr. Bonnington olhou para ele.

— Mas e o carimbo da carta?

— Oh, isso foi muito simples. O carimbo estava manchado. Por quê? Ele

tinha sido alterado com fuligem de lâmpada de 2 de novembro para 3 de novembro. *Você não o notaria a menos que procurasse por isso*. E

finalmente, havia os melros.

— Melros?

— *Vinte e quatro melros assados numa torta*![14] Ou amoras, se preferir ser literal! George, compreende, não era afinal um ator suficientemente

bom. Lembra-se do sujeito que se escureceu todo para interpretar Otelo?

Esse é o tipo de ator que se precisa ter no crime. George *se parecia* com o tio, e *andava* como o tio, e *falava* como o tio, e tinha a barba e as sobrancelhas do tio, mas se esqueceu de *comer* como o tio. Ele pediu os pratos de que ele próprio gostava. Amoras mancham os dentes, os dentes

do cadáver não estavam manchados, mas os de Henry Gascoigne comeram

amoras no Gallant Endeavour naquela noite. Mas não havia amoras no

estômago. Perguntei esta manhã. E George foi suficientemente tolo para

conservar a barba e o resto da maquilagem. Oh! Há muitas evidências

quando se procura por elas. Eu visitei George e o confundi. Isso acabou com

tudo! Ele estivera comendo amoras de novo, aliás. Sujeito ganancioso, dava

muita importância à sua comida. *Eh bien*, a cobiça o enforcará a menos que eu esteja muito enganado.

Uma garçonete trouxe-lhes duas porções de torta de amora e maçã.

— Leve embora — disse mr. Bonnington. — Não custa ser cuidadoso.

Traga-me uma porção pequena de pudim de sagu.

9

os detetives do amor[15]

O pequeno mr. Satterthwaite olhava pensativamente para seu anfitrião. A

amizade entre estes dois homens era curiosa. O coronel era um cavalheiro rural simples cuja paixão na vida era o esporte. As poucas semanas que era obrigado a passar em Londres, ele as passava contrariado.

Mr. Satterthwaite, por sua vez, era um pássaro urbano. Era uma autoridade em culinária francesa, em vestidos femininos, e em todos os escândalos mais recentes. Sua paixão era observar a natureza humana, e ele era um especialista em sua própria linha especial, a de espectador da vida.

À primeira vista, portanto, ele e o coronel Melrose teriam pouca coisa em comum, pois o coronel não tinha o menor interesse nos assuntos de seus vizinhos e um horror a qualquer tipo de emoção. Os dois homens eram amigos, sobretudo, porque seus pais antes deles o haviam sido. Eles também conheciam as mesmas pessoas e tinham opiniões reacionárias sobre *nouveaux riches*.

Eram cerca de sete e meia da noite. Os dois homens estavam sentados no confortável estúdio do coronel, e Melrose estava descrevendo um páreo no inverno anterior com o entusiasmo ardoroso de um caçador.

Mr. Satterthwaite, cujo conhecimento de cavalos consistia principalmente da visita matinal de domingo consagrada pelo tempo aos estábulos que ainda persiste nas antigas casas rurais, ouvia com impassível polidez.

A campainha aguda do telefone interrompeu Melrose. Ele foi até a

mesa e levantou o receptor.

— Alô, sim... coronel Melrose falando. Como disse? — sua atitude toda se alterou, tornou-se rígida e oficial. Agora era o magistrado falando, não o esportista.

Ele ouviu por alguns instantes, depois disse laconicamente:

— Certo, Curtis, estarei aí em breve — ele recolocou o receptor e virou-se para seu hóspede. — Sir James Dwighton foi encontrado em sua biblioteca... assassinado.

— O quê?

Mr. Satterthwaite estava estupefato, eletrizado.

— Devo ir a Alderway em seguida. Se importaria de vir comigo?

Mr. Satterthwaite lembrou-se de que o coronel era o delegado do condado.

— Se eu não for atrapalhar... — ele falou, hesitante.

— Absolutamente. Era o inspetor Curtis ao telefone. Bom sujeito, honesto, mas desmiolado. Ficaria contente se viesse comigo, Satterthwaite. Tenho a impressão de que este vai ser um assunto desagradável.

— Eles apanharam o sujeito que fez?

— Não — respondeu Melrose suscintamente.

O ouvido treinado de mr. Satterthwaite captou um quê de reserva por trás da lacônica negativa. Ele procurou recapitular tudo que sabia dos

Dwighton.

Um velho pomposo, o falecido sir James, de modos bruscos. Um homem que poderia facilmente ter feito inimigos. Passado dos sessenta, com cabelos grisalhos e o rosto corado. Reputação de ser sovina ao extremo.

Sua lembrança foi para lady Dwighton. A imagem dela flutuou diante dele, jovem, esbelta, cabelos arruivados. Ele se lembrou de vários rumores, insinuações, fofocas estranhas. Então era isso, era por isso que Melrose parecia tão deprimido. Mas ele logo se recompôs, estava se deixando levar pela imaginação.

Cinco minutos depois, mr. Satterthwaite tomou lugar ao lado de seu anfitrião no pequeno carro esportivo, e eles saíram rondando pela noite adentro.

O coronel era um homem taciturno. Eles haviam rodado bem dois quilômetros e meio, antes de ele falar. Aí ele disparou bruscamente.

— Você os conhece, imagino?

— Os Dwighton? Sei tudo sobre eles, é claro — de quem mr. Satterthwaite não saberia tudo? — Eu o encontrei uma vez, creio, e ela com bem mais frequência.

— Bonita mulher — disse Melrose.

— Linda! — declarou mr. Satterthwaite.

— Acha?

— Uma renascentista típica — declarou mr. Satterthwaite, fazendo o aquecimento para seu tema. — Ela atuou naquelas encenações amadoras, a

matinê de caridade, você sabe, na primavera passada. Fiquei muito impressionado. Nada de moderno nela, uma sobrevivente pura. Dá para imaginá-la no palácio do doge, ou como Lucrécia Bórgia.

O coronel deixou o carro guinar levemente, e mr. Satterthwaite fez uma parada brusca. Gostaria de saber o que trouxera fatalmente o nome de Lucrécia Bórgia a sua língua. Nas circunstâncias...

— Dwighton não foi envenenado, foi? — ele perguntou de estalo.

Melrose o olhou de soslaio com certa curiosidade.

— Por que pergunta isso? — ele disse.

— Oh, eu... não sei. — mr. Satterthwaite estava confuso. — Eu... apenas me ocorreu.

— Bem, não foi — disse Melrose sombriamente. — Se quer saber, ele teve a cabeça esmagada.

— Com um instrumento cego — murmurou mr. Satterthwaite, balançando a cabeça em sinal de entendimento.

— Não fale como em uma maldita história policial, Satterthwaite. Ele foi atingido na cabeça com uma estatueta de bronze.

— Oh — exclamou Satterthwaite, e recaiu no silêncio.

— Sabe alguma coisa sobre um sujeito chamado Paul Delangua — perguntou Melrose após alguns minutos.

— Sei. Jovem bonitão.

— Imagino que as mulheres o chamariam assim — resmungou o coronel.

— Não gosta dele?

— Não, não gosto.

— Achei que gostaria. Ele monta muito bem.

— Como um penetra no concurso hípico. Cheio de macaquices.

Mr. Satterthwaite suprimiu um sorriso. O velho Melrose só era muito britânico na aparência. Gratamente consciente de ter um ponto de vista cosmopolita, mr. Satterthwaite era capaz de deplorar a atitude insular perante a vida.

— Ele andava por esta parte do mundo? — perguntou.

— Estava hospedado em Alderway com os Dwighton. Os rumores dizem que sir James o pôs para fora há uma semana.

— Por quê?

— Encontrou-o fazendo amor com sua esposa, imagino. Mas que droga...

Houve uma guinada violenta, e uma colisão.

— Encruzilhadas perigosas estas da Inglaterra — disse Melrose. — Seja como for, o sujeito devia ter buzinado. Nós estávamos na estrada principal. Acho que o danificamos mais do que ele nos danificou.

Ele apeou com um salto. Uma figura apeou do outro carro e juntou-se a

ele. Fragmentos de conversa chegaram até Satterthwaite.

— Totalmente culpa minha, lamento — o estranho estava dizendo. — Mas não conheço muito bem esta parte da região, e não há absolutamente nenhuma placa para mostrar que se está chegando numa estrada principal.

O coronel, aplacado, respondeu de maneira adequada. Os dois homens se curvaram sobre o carro do estranho, que um motorista já estava examinando.

A conversa ficou altamente técnica.

— Assunto para meia hora, eu temo — disse o estranho. — Mas não quero detê-lo. Fico feliz que seu carro não tenha sofrido danos.

— Na verdade... — o coronel estava começando, mas foi interrompido.

Mr. Satterthwaite, fervendo de excitação, saltou agilmente do carro, e apertou calorosamente a mão do estranho.

— É *isso!* Achei que havia reconhecido a voz — ele declarou cheio de entusiasmo. — Que coisa extraordinária. Que coisa mais extraordinária.

— Ahn — fez o coronel Melrose.

— Mr. Harley Quin. Melrose, estou certo de que já me ouviu falar muitas vezes de mr. Quin.

O coronel Melrose não parecia se lembrar do fato, mas assistiu polidamente a cena enquanto mr. Satterthwaite prosseguia chilreando alegremente.

— Eu não o vejo... deixe-me ver...

— Desde a noite no Bells and Motley — disse o outro calmamente.

— O Bells and Motley? — inquiriu o coronel.

— Uma pousada — explicou mr. Satterthwaite.

— Que nome mais estranho para uma pousada.

— Apenas uma antiga — disse mr. Quin. — Houve um tempo, lembre-se, em que guizos e roupas multicoloridas eram mais comuns do que hoje na Inglaterra.

— Imagino que sim, tem razão, sem dúvida — disse Melrose vagamente. Ele piscou. Por um curioso efeito de luz, os faróis de um carro e a lanterna traseira do outro, mr. Quin pareceu por um momento estar vestido com trajes de saltimbanco. Mas era apenas a luz.

— Não podemos deixá-lo aqui encalhado na estrada — continuou mr. Satterthwaite. — Você deve vir conosco. Há bastante espaço para três, não há Melrose?

— Oh, bastante — mas a voz do coronel exprimia certa dúvida. — A única coisa é — observou — o assunto em que estamos envolvidos. Hein, Satterthwaite?

Mr. Satterthwaite estava parado em total imobilidade. Ideias saltavam e lampejavam diante dele. Ele positivamente tremia de excitação.

— Não — exclamou. — Não, eu devia saber! Não é nenhum acaso

quando se trata de você, mr. Quin. Não foi um acidente que nos reuniu esta noite na encruzilhada.

O coronel Melrose fitou o amigo cheio de espanto. Mr. Satterthwaite o pegou pelo braço.

— Lembra-se do que eu lhe contei... sobre nosso amigo Derek Capel? O motivo do seu suicídio, que ninguém conseguia imaginar? Foi mr. Quin que resolveu aquele problema, e houve outros depois deste. Ele lhe faz ver coisas que estão aí o tempo todo, mas você não havia percebido. Ele é fabuloso.

— Meu caro Satterthwaite, está me fazendo corar — disse mr. Quin, sorrindo. — Até onde posso me lembrar, estas descobertas foram todas feitas por você, não por mim.

— Foram feitas porque você estava lá — disse mr. Satterthwaite com intensa convicção.

— Bem — disse o coronel Melrose, clareando a garganta desconfortavelmente. — Não devemos perder mais tempo. Vamos.

Ele subiu no assento do motorista. Não estava muito satisfeito de ter um estranho impingido a ele pelo entusiasmo de mr. Satterthwaite, mas não tinha nenhuma objeção válida a oferecer, e estava ansioso para chegar o quanto antes a Alderway. Mr. Satterthwaite insistiu para mr. Quin entrar em seguida e ele próprio tomou o assento de fora. O carro era espaçoso e aceitou três sem apertos incômodos.

— Então o senhor é interessado pelo crime, mr. Quin? — disse o coronel, fazendo o melhor que podia para ser cordial.

— Não, não exatamente pelo crime.

— Pelo quê, então?

Mr. Quin sorriu.

— Perguntemos a mr. Satterthwaite. Ele é um observador sagaz.

— Eu acho — disse Satterthwaite lentamente — que posso estar enganado, mas creio... que mr. Quin está interessado em... amantes.

Ele enrubesceu ao dizer a última palavra, que é uma que nenhum inglês consegue pronunciar sem se encabular. Mr. Satterthwaite a trouxe apologeticamente, e entre aspas.

— Caramba! — disse o coronel, que teve um sobressalto e silenciou.

Ele refletiu intimamente que este parecia ser um amigo muito estranho de mr. Satterthwaite. Ele o olhou de soslaio. O sujeito parecia correto, camarada jovem, bastante normal. Bem moreno, mas sem nenhuma aparência de estrangeiro.

— E agora — disse Satterthwaite com ares importantes —, preciso lhe contar tudo sobre o caso.

Ele falou por cerca de dez minutos. Ali, sentado no escuro, disparando pela noite, ele tinha uma sensação inebriante de poder. Que importância tinha se era apenas um observador da vida? Ele tinha as palavras sob o seu comando, ele as dominava, podia enfileirá-las num padrão — um estranho

padrão da Renascença composto pela beleza de Laura Dwighton, com seus braços alvos e cabelos vermelhos — e a figura escura e sombria de Paul Delangua, que as mulheres achavam belo.

Colocado isso contra o pano de fundo de Alderway, a cidade que existia desde os tempos de Henrique vii e, alguns diziam, antes disso. Alderway que era inglesa até o âmago, com seus teixos aparados e seus velho celeiro de aves e tanques de peixes onde monges mantinham suas carpas para as sextas-feiras.

Com algumas hábeis pinceladas ele havia retratado sir James, um Dwighton que era um verdadeiro descendente dos antigos De Witton, que, muito tempo atrás, arrancavam dinheiro da terra e o trancavam rapidamente em cofres para que mesmo que outros decaíssem em períodos ruins, os proprietários de Alderway jamais ficassem pobres.

Mr. Satterthwaite finalmente parou. Ele estava seguro, estivera seguro o tempo todo, da simpatia de sua audiência. Agora, esperava uma palavra de elogio que lhe era devida. Ela veio.

— Você é um artista, mr. Satterthwaite.

— Eu... eu faço o melhor que posso — o homenzinho ficou subitamente humilde.

Eles haviam cruzado a guarita dos portões alguns minutos antes. Agora o carro estacionava diante da entrada, e um policial desceu os degraus às pressas para recebê-los.

— Boa noite, senhor. O inspetor Curtis está na biblioteca.

— Certo.

Melrose subiu os degraus vigorosamente, seguido pelos outros dois. Enquanto os três cruzavam o amplo vestíbulo, um mordomo idoso espiava de uma porta, cheio de apreensão. Melrose fez um aceno de cabeça para ele.

— Noite, Miles. Este é um assunto triste.

— Com certeza — disse o outro trêmulo. — Mal consigo acreditar, senhor; na verdade, não posso. Pensar que alguém mataria o amo.

— Sim, sim — disse Melrose, cortando-o. — Conversarei com você mais tarde.

Ele entrou com passos firmes na biblioteca. Ali, um inspetor de aparência militar o saudou com respeito.

— Assunto desagradável, senhor. Não mexi em nada. Não há impressões digitais na arma. Quem fez isso conhecia o ofício.

Mr. Satterthwaite olhou para a figura encurvada, sentada à grande escrivaninha, e afastou rapidamente o olhar. O homem fora atingido por trás, com um golpe arrasador que havia esmagado seu crânio. A visão não era nada agradável.

A arma jazia no chão, uma estatueta de bronze com cerca de sessenta centímetros de altura, com a base manchada e úmida. Mr. Satterthwaite curvou-se sobre a peça, curioso.

— Uma Vênus — disse suavemente. — Então ele foi morto por Vênus.

Ele encontrou alimento para uma meditação poética no pensamento.

— As janelas — disse o inspetor —, estavam todas fechadas e

aferrolhadas do lado de dentro.

Ele fez uma pausa significativa.

— O que faz disto um trabalho interno — disse o delegado, hesitante.

— Bem... bem, veremos.

O homem assassinado trajava roupas de golfe, e uma bolsa de tacos de

golfe fora largada de qualquer jeito sobre um grande sofá de couro.

— Tinha acabado de chegar do campo de golfe — explicou o inspetor,

seguindo o olhar do delegado. — Isso foi às cinco e quinze. Tomou chá trazido aqui pelo mordomo. Depois ele tocou a campainha para o criado lhe

trazer um par de chinelos macios. Até onde eu sei, o criado foi a última pessoa a vê-lo com vida.

Melrose assentiu, e desviou sua atenção mais uma vez para a

escrivaninha. Muitos ornamentos haviam sido derrubados e quebrados.

Destacava-se entre eles um grande relógio esmaltado escuro, que estava de

lado no centro do móvel. O inspetor clareou a garganta.

— Isso é o que se poderia chamar de um golpe de sorte, senhor — ele

disse. — Como vê, ele está parado. *Às seis e meia*. Isso nos dá a hora do crime. Muito conveniente.

O coronel estava fitando o relógio.

— Como diz — observou. — Muito conveniente — ele fez uma pausa, e em seguida acrescentou: — Conveniente demais! Não gosto disso, inspetor.

Ele olhou em volta para os outros dois. Seus olhos buscaram os de mr. Quin com um pedido de socorro.

— Mas que droga — disse. — Está certinho demais. Sabe o que eu quero dizer. As coisas não acontecem dessa maneira.

— Quer dizer — murmurou mr. Quin — que relógios não caem assim?

Melrose o fitou por alguns instantes, e depois o relógio, que tinha aquela aparência patética e inocente familiar de objetos que haviam sido privados de sua dignidade. Com muito cuidado, o coronel Melrose o recolocou sobre seus pés. Ele deu uma pancada violenta na mesa. O relógio balançou, mas não caiu. Melrose repetiu a ação, e muito devagar, como que sem querer, o relógio caiu de costas.

— A que horas o crime foi descoberto? — perguntou Melrose subitamente.

— Por volta das sete, senhor.

— Quem o descobriu?

— O mordomo.

— Vá buscá-lo — disse o delegado. — Eu o verei agora. Onde está lady Dwighton, aliás?

— Deitada, senhor. Sua empregada disse que ela está prostrada e não pode ver ninguém.

Melrose assentiu, e o inspetor Curtis saiu à procura do mordomo. Mr. Quin estava olhando pensativamente para a lareira. Mr. Satterthwaite seguiu seu exemplo, e pestanejava olhando para o braseiro por alguns instantes quando alguma coisa brilhante encostada na grade atraiu seu olhar. Ele se inclinou e pegou um pequeno caco de vidro curvo.

— Queria falar comigo, senhor?

Era a voz do mordomo, ainda trêmula e insegura. Mr. Satterthwaite enfiou o fragmento de vidro no bolso de seu colete e se virou.

O velho estava parado à porta.

— Sente-se — disse o delegado, bondosamente. — Você está tremendo todo. Foi um choque para você, imagino.

— Foi mesmo, senhor.

— Bem, não vou retê-lo por muito tempo. Seu amo entrou logo depois das cinco, não foi?

— Sim, senhor. Ele pediu que o chá lhe fosse trazido aqui. Mais tarde, quando entrei para retirá-lo, ele pediu para lhe mandarem o Jennings... o seu criado, senhor.

— A que horas foi isso?

— Cerca de seis e dez, senhor.

— Sim... e então?

— Mandei avisar o Jennings, senhor. E foi só quando entrei aqui para

fechar as janelas e puxar as cortinas às sete que eu vi...

Melrose o interrompeu bruscamente.

— Certo, certo, não precisa entrar nos detalhes. Você não tocou no corpo, nem mexeu em alguma coisa, não é?

— Ah! Não mesmo, senhor! Fui o mais depressa que pude ao telefone

para ligar para a polícia.

— E depois?

— Contei a Jane... a criada de Sua Senhoria, senhor... para levar a notícia

a Sua Senhoria.

— Você não viu sua patroa esta noite?

O coronel Melrose fez a pergunta casualmente, mas os ouvidos atentos

de mr. Satterthwaite captaram ansiedade por trás das palavras.

— Não para falar com ela, senhor. Sua Senhoria permaneceu em seus

aposentos desde a tragédia.

— Você a viu antes?

A pergunta veio bruscamente, e todos na sala notaram a hesitação do

mordomo antes de responder.

— Eu... eu só tive um vislumbre dela, senhor, descendo a escada.

— Ela veio até aqui.

Mr. Satterthwaite prendeu a respiração.

— Acho... acho que sim, senhor.

— A que horas foi isso?

Era possível ouvir um alfinete cair. Será que o velho sabia, ponderou mr. Satterthwaite, do que dependia sua resposta?

— Era pouco mais de seis e meia, senhor.

O coronel Melrose respirou fundo.

— Isto é o bastante, obrigado. Pode mandar Jennings, o criado, entrar, por favor?

Jennings respondeu à convocação com presteza. Um homem de rosto estreito com andar felino. Havia nele algo de astuto e dissimulado.

Um homem, pensou mr. Satterthwaite, que poderia facilmente assassinar seu patrão se pudesse ter certeza de não ser apanhado.

Ele ouviu ansiosamente as respostas do homem às perguntas do coronel Melrose. Mas sua história pareceu bastante simples. Ele havia levado chinelos de couro macios para seu amo e retirado os sapatos.

— O que fez depois disso, Jennings?

— Voltei para a sala dos empregados, senhor.

— A que horas você deixou seu patrão?

— Deve ter sido pouco depois das seis e quinze, senhor.

— Onde você estava às seis e meia, Jennings?

— Na sala dos empregados, senhor.

O coronel Melrose dispensou o homem com uma aceno de cabeça. Ele

olhou inquisitivamente para Curtis.

— Perfeitamente correto, senhor, eu verifiquei isso. Ele ficou na sala dos empregados de cerca de seis e vinte até sete horas.

— Então isso o deixa fora — disse o delegado um pouco contrariado. — De mais a mais, não há nenhum motivo.

Eles se entreolharam.

Bateram à porta.

— Entre — disse o coronel.

Uma criada da senhora de olhar assustado apareceu.

— Por favor, Sua Senhoria ouviu falar que o coronel Melrose está aqui e gostaria de vê-lo.

— Certamente — disse Melrose. — Irei agora mesmo. Pode me mostrar o caminho?

Mas uma mão empurrou a moça para o lado. Uma figura muito diferente estava agora parada à porta. Laura Dwighton parecia uma visitante de outro mundo.

Ela trajava um vestido com estilo medieval de brocado azul fosco. Seu cabelo arruivado estava repartido ao meio e descia sobre as suas orelhas. Consciente do fato de ter um estilo próprio, lady Dwighton jamais cortara o cabelo. Ele era puxado para trás num coque único acima da sua nuca. Seus braços estavam nus.

Um deles foi estendido para se firmar na soleira da porta, o outro pendia ao seu lado, segurando um livro. “Ela lembra”, pensou mr. Satterthwaite, “uma Madonna de pintura italiana antiga”.

Ela ficou ali parada, balançando um pouco de um lado para outro. O coronel Melrose saltou como uma mola na sua direção.

— Eu vim lhe dizer... lhe dizer...

Sua voz era baixa e bonita. Mr. Satterthwaite ficara tão extasiado com a dramaticidade da cena que se esquecera de sua qualidade real.

— Por favor, Lady Dwighton... — Melrose pusera um braço ao redor dela, amparando-a. Ele a conduziu pelo vestíbulo até uma pequena antessala com as paredes decoradas com seda desbotada. Quin e Satterthwaite o seguiram.

Ela desabou no sofá baixo, a cabeça recostada numa almofada cor de ferrugem, as pálpebras cerradas. Os três homens a observavam.

De repente, ela abriu os olhos e se sentou. Depois falou serenamente.

— *Eu o matei* — disse. — Foi o que vim lhe contar. *Eu o matei!*

Fez-se um silêncio momentâneo angustiante. O coração de mr. Satterthwaite falhou uma batida.

— Lady Dwighton — disse Melrose. — A senhora sofreu um grande choque... está esgotada. Não creio que saiba o que está dizendo.

Ela recuaria agora, enquanto ainda era tempo?

— Sei perfeitamente o que estou dizendo. Fui eu que o baleei.

Dois dos homens na sala suspiraram, o outro não emitiu som algum.

Laura Dwighton se inclinou um pouco mais para frente.

— Não entende? Eu desci aqui e atirei nele. Eu admito.

O livro que ela estivera segurando na mão estatelou no chão. Havia um cortador de papel dentro dele, um objeto em forma de adaga com o cabo ornamentado com joias. Mr. Satterthwaite o apanhou mecanicamente e o colocou sobre a mesa. Enquanto o fazia, ele pensou: “Eis aí um brinquedo perigoso. Daria para matar um homem com isso”.

— E então... — havia impaciência na voz de Laura Dwighton. — o que vai fazer a respeito? Prender-me? Levar-me?

O coronel Melrose recuperou a voz com dificuldade.

— O que me disse é muito sério, lady Dwighton. Preciso lhe pedir que vá até o seu quarto até eu ter... er... feito alguns arranjos.

Ela assentiu e se levantou. Estava perfeitamente composta agora, grave e fria.

Enquanto ela se virava para a porta, mr. Quin falou:

— O que fez com o revólver, lady Dwighton?

Uma centelha de insegurança atravessou o seu rosto. — Eu... eu o larguei ali no chão. Não, acho que o atirei pela janela... oh! Não consigo me lembrar agora. Que importância isso tem? Eu mal sabia o que estava

fazendo. Isso não importa, não é?

— Não — disse mr. Quin. — Creio que não importa.

Ela o fitou perplexa com uma sombra de algo que poderia ter sido alarme. Depois, atirou a cabeça para trás e saiu impetuosamente da sala.

Mr. Satterthwaite saiu apressado no seu encalço. Pensou que ela poderia desabar a qualquer instante. Mas ela já estava no meio da escada, sem exibir o menor sinal da fraqueza anterior. A criada, com a cara assustada,

estava parada ao pé da escada, e mr. Satterthwaite falou com ela

imperiosamente.

— Cuide de sua patroa — ele disse.

— Sim, senhor — a moça se preparou para subir atrás da figura de

vestido azul. — Oh, por favor, senhor, eles não suspeitam dele, suspeitam?

— Suspeitam de quem?

— Jennings, senhor. Oh! Na verdade, senhor, ele não machucaria uma

mosca.

— Jennings? Não, claro que não. Vamos, vá cuidar da patroa.

— Sim, senhor.

A moça subiu correndo a escada. Mr. Satterthwaite retornou à sala que

havia deixado um pouco antes.

O coronel Melrose estava dizendo gravemente:

— E mais essa agora. Aí tem coisa. É... é como aquelas tolices que

heroínas fazem em muitos romances.

— É irreal — concordou mr. Satterthwaite. — Parece coisa de teatro.

— Sim, você gosta de teatro, não é? — mr. Quin assentiu. — É um

homem que aprecia uma boa interpretação quando a vê.

Mr. Satterthwaite olhava fixamente para ele.

No silêncio que se seguiu, um som distante chegou aos seus ouvidos.

— Parece um tiro — disse o coronel Melrose. — Um dos guardas,

imagino. Provavelmente foi isso que ela ouviu. Talvez tenha descido para ver. Ela não deve ter chegado perto ou examinado o corpo e saltou

prontamente para a conclusão...

— Mr. Delangua, senhor — era o velho mordomo que havia falado,

parado respeitosamente à porta.

— O quê? — perguntou Melrose. — Do que se trata?

— Mr. Delangua está aqui, senhor, e gostaria de falar com o senhor se

for possível.

O coronel Melrose se recostou em sua cadeira. — Mande-o entrar —

disse ele, sério.

Um instante depois, Paul Delangua estava parado à porta. Como o

coronel Melrose havia insinuado, havia algo de pouco inglês nele: a graça fácil de seus movimentos, o rosto bonito, moreno, os olhos um pouco juntos

demais. Pairava em torno dele um ar da Renascença. Ele e Laura Dwighton

sugeriam a mesma atmosfera.

— Boa noite, cavalheiros — disse Delangua. Ele fez uma pequena

mesura teatral.

— Não sei qual é o seu assunto, mr. Delangua — disse o coronel Melrose, cortante —, mas se não tem nada a ver com o assunto em questão...

Delangua o interrompeu com uma risada.

— Pelo contrário — disse. — Tem tudo a ver com ele.

— O que quer dizer?

— Quero dizer — disse Delangua, calmamente — que vim me entregar como o assassino de sir James Dwighton.

— Sabe o que está dizendo? — disse Melrose gravemente.

— Perfeitamente.

Os olhos do jovem estavam cravados na mesa.

— Não entendo...

— Por que eu me entrego? Chame-o de remorso... chame-o do que quiser. Eu o apunhalei, de verdade... pode ter certeza disso.

Ele indicou a mesa com um gesto de cabeça. — Você tem a arma aí, eu vejo. Uma ferramentazinha muito conveniente. Lady Dwighton infelizmente a deixou por aí num livro, e eu a apanhei.

— Um minuto — disse o coronel Melrose. — Devo entender que você admite ter apunhalado sir James com isto? — ele segurou a adaga no alto.

— Exatamente, entrei pela janela, percebe. Ele estava de costas para

mim. Foi muito fácil. Saí da mesma maneira.

— Pela janela?

— Pela janela, é claro.

— E a que horas foi isso?

Delangua hesitou.

— Deixe-me ver... eu estava falando com o guarda ... isso foi às seis e quinze. Ouvi o carrilhão da torre da igreja. Deve ter sido... bem, digamos,

algo em torno das seis e meia.

Um sorriso triste tomou os lábios do coronel.

— Perfeito, jovem — ele disse. — Seis e meia foi a hora. Talvez você já

tenha ouvido isto? Mas este já é um assassinato dos mais peculiares.

— Por quê?

— Tantas pessoas o confessaram — disse o coronel Melrose.

Eles ouviram a forte inalação da respiração do outro.

— Quem mais confessou? — ele perguntou com uma voz que tentou

inutilmente manter firme.

— Lady Dwighton.

Delangua atirou a cabeça para trás e soltou uma risada nitidamente

forçada. — Lady Dwighton costuma ser histérica — ele disse levianamente.

— Eu não daria atenção ao que ela diz se fosse você.

— Creio que não darei — disse Melrose. — Mas há outra coisa estranha

neste assassinato.

— Que é o quê?

— Bem — disse Melrose. — Lady Dwighton confessou ter atirado em sir James, e você confessou tê-lo esfaqueado. Mas felizmente para os dois, ele não foi baleado nem esfaqueado, percebe. Seu crânio foi esmagado.

— Meu Deus! — gritou Delangua. — Mas uma mulher não poderia fazer isso...

Ele parou, mordendo o lábio. Melrose assentiu com a sombra de um sorriso.

— Já li muito sobre isso — ele propôs, deliberadamente. — Nunca vi acontecer.

— O quê?

— Um par de jovens idiotas acusando-se pessoalmente por achar que o outro o havia feito — disse Melrose. — Agora temos de começar do começo.

— O criado — exclamou mr. Satterthwaite. — Aquela garota agora há pouco... eu não estava prestando atenção na hora — ele fez uma pausa, buscando coerência. — Ela temia que suspeitássemos dele. Deve haver algum motivo que ele tinha e que nós não sabemos, mas ela sim.

O coronel Melrose franziu a testa, e depois fez soar a campainha.

Quando ela foi atendida, ele disse:

— Pergunte a lady Dwighton se ela faria a bondade de descer novamente.

Eles esperaram em silêncio até ela chegar. À vista de Delangua, ela teve um sobressalto e estendeu uma mão para não cair.

O coronel Melrose se adiantou para ampará-la.

— Está tudo bem, lady Dwighton. Por favor, não se alarme.

— Não compreendo. O que mr. Delangua está fazendo aqui?

Delangua se aproximou dela.

— Laura... Laura... por que você o fez?

— Fez?

— Eu sei. Foi por mim... porque pensou que... afinal, era natural, eu suponho, Mas, oh! Meu anjo!

O coronel Melrose clareou a garganta. Era um homem que não gostava de emoções e tinha horror de tudo que se aproximasse de uma “cena”.

— Se me permite dizer, lady Dwighton, tanto você como mr. Delangua tiveram uma saída afortunada. Ele havia acabado de chegar por sua vez para “confessar” o assassinato. Ora, está tudo bem, ele não o praticou! Mas o que nós queremos saber é a verdade. Chega de conversa fiada. O mordomo disse que você foi à biblioteca às seis e meia, é verdade?

Laura olhou para Delangua. Ele assentiu.

— A verdade, Laura — ele disse. — É o que nós queremos agora.

Ela respirou fundo.

— Eu lhes direi.

Ela desabou numa cadeira que mr. Satterthwaite se apressara em

empurrar para frente.

— Eu desci. Abri a porta da biblioteca e vi...

Ela parou e engoliu em seco. Mr. Satterthwaite se inclinou para frente e

deu tapinhas encorajadores em sua mão.

— Sim — ele disse. — Sim. Você viu?

— Meu marido estava atravessado sobre a escrivaninha. Eu vi sua

cabeça... o sangue... ah!

Ela cobriu o rosto com as mãos. O delegado se inclinou para frente.

— Desculpe-me, lady Dwighton. Pensou que mr. Delangua havia

atirado nele?

Ela assentiu.

— Perdoe-me, Paul — ela implorou. — Mas você disse... você disse...

— Que eu o mataria como a um cão — disse Delangua

melancolicamente. — Eu me lembro. Isso foi no dia em que descobri que ele estivera maltratando você.

O delegado se ateve firmemente ao assunto em questão.

— Então, devo entender, lady Dwighton, que você subiu a escada de

novo e... e... não disse nada. Não precisamos entrar em suas razões. Você não tocou no corpo nem chegou perto da escrivaninha?

Ela estremeceu.

— Não, não. Saí correndo da sala.

— Entendo, entendo. E a que horas foi isso exatamente? Você sabe?

— Eram exatamente seis e meia quando voltei ao meu quarto.

— Então às... digamos, seis e vinte e cinco, sir James já estava morto — o delegado olhou para os outros. — Aquele relógio... foi uma fraude, hein? Suspeitamos disso o tempo todo. Nada mais fácil do que mover os ponteiros para a hora desejada, mas eles cometeram o erro de deitá-lo de lado deste modo. Bem, isso parece levar o caso para o mordomo e o criado e não consigo acreditar que seja o mordomo. Diga-me, lady Dwighton, esse Jennings tinha algum ressentimento de seu marido?

Laura ergueu o rosto das mãos.

— Não exatamente um ressentimento, mas... bem, James me contou somente esta manhã que o havia demitido. Ele o apanhou furtando.

— Ah! Agora estamos chegando. Jennings teria sido demitido sem uma carta de referência. Um assunto grave para ele.

— Você disse alguma coisa sobre um relógio — disse Laura Dwighton.

— Há apenas uma chance... se quiser determinar a hora... James seguramente estaria usando seu pequeno relógio de golfe. Será que ele também não teria sido esmagado quando ele caiu para frente?

— É uma possibilidade — disse o coronel lentamente. — Mas eu temo... Curtis!

O inspetor assentiu em rápida compreensão e saiu da sala. Ele retornou um minuto depois, trazendo na palma da mão um relógio prateado marcado como uma bola de golfe, o tipo que é vendido para golfistas levarem soltos num bolso com as bolas.

— Aqui está ele, senhor — ele disse —, mas duvido que servirá para alguma coisa. Estes relógios costumam ser resistentes.

O coronel o tirou dele e o levou até sua orelha.

— Parece ter parado, mesmo assim — observou.

Ele pressionou com o polegar, e a tampa do relógio se abriu.

Dentro, o vidro estava quebrado.

— Ah! — ele exclamou, exultante.

O ponteiro indicava exatamente seis e quinze.

— Um excelente cálice de Porto, coronel Melrose — disse mr. Quin.

Eram nove e meia e os três homens tinham acabado um jantar tardio na casa do coronel Melrose. Mr. Satterthwaite estava particularmente jubiloso.

— Eu estava certo — ele deu uma risadinha. — Não pode negá-lo, mr. Quin. Você apareceu esta noite para salvar dois jovens absurdos que estavam inclinados a colocar suas cabeças num laço.

— Eu? — disse mr. Quin. — Certamente que não. Eu não fiz nada.

— Nas circunstâncias, não foi necessário — concordou mr.

Satterthwaite. — Mas poderia ter sido. Era arriscado, sabe. Jamais esquecerei o momento em que lady Dwighton disse “Eu o matei”. Nunca vi nada tão dramático no palco.

— Estou inclinado a concordar com você — disse mr. Quin.

— Não teria acreditado que uma coisa assim pudesse acontecer fora de um romance — declarou o coronel, pela vigésima vez naquela noite, talvez.

— E acontece? — perguntou mr. Quin.

O coronel o fitou. — Droga, aconteceu esta noite.

— Reparem — interpôs mr. Satterthwaite, reclinando-se para trás e sorvendo seu Porto —, lady Dwighton foi magnífica, assaz magnífica, mas cometeu um erro. Não devia ter se atirado à conclusão de que seu marido fora baleado. Do mesmo modo, Delangua foi um tolo ao supor que ele fora esfaqueado só porque ocorreu de a adaga estar em cima da mesa diante de nós. Foi mera coincidência lady Dwighton tê-la trazido consigo.

— Foi? — perguntou mr. Quin.

— Agora, se eles tivessem apenas se limitado a dizer que haviam matado sir James, sem particularizar como... — prosseguiu mr. Satterthwaite — qual teria sido o resultado?

— Eles poderiam ter parecido críveis — disse mr. Quin com um sorriso curioso.

— A coisa toda foi exatamente como um romance — disse o coronel.

— Foi de onde eles tiraram a ideia, imagino — disse mr. Quin.

— Possivelmente — concordou mr. Satterthwaite. — As coisas que a gente lê voltam da maneira mais estranha — ele olhou para mr. Quin do outro lado da mesa. — Claro — disse —, o relógio realmente pareceu suspeito desde o início. Não se deve nunca esquecer como é fácil adiantar ou atrasar os ponteiros de um relógio.

Mr. Quin assentiu e repetiu as palavras:

— Adiantar — ele disse, e fez uma pausa. — Ou atrasar.

Havia algo de encorajador em sua voz. Seus olhos escuros, brilhantes, estavam fixos em mr. Satterthwaite.

— Os ponteiros do relógio foram adiantados — disse mr. Satterthwaite. — Isso nós sabemos.

— Foram? — perguntou mr. Quin.

Mr. Satterthwaite o fitou.

— Quer dizer — ele disse lentamente —, que foi o relógio que foi atrasado? Mas isso não faz sentido. É impossível.

— Nada impossível — murmurou mr. Quin.

— Bem... absurdo. A quem isso serviria?

— Somente, imagino, a alguém que tivesse um *álibi* para essa hora.

— Caramba! — exclamou o coronel. — Essa foi a hora que Delangua disse que estava falando com o guarda.

— Ele nos disse isso muito particularmente — disse mr. Satterthwaite.

Eles se entreolharam com a incômoda sensação de que o chão lhes fugia sob os pés. Os fatos rodopiavam, tomando novas e inesperadas facetas. E, no centro do caleidoscópio, estava o rosto sorridente, moreno, de mr. Quin.

— Mas neste caso... — começou Melrose —, neste caso...

Mr. Satterthwaite, aturdido, terminou a frase para ele:

— Foi bem ao contrário. Uma armação de todo modo, mas uma armação contra o criado. Ah, mas não pode ser! É impossível. Porque cada um deles se acusou do crime.

— Sim — disse mr. Quin. — Até aí você suspeitava deles, não foi? — sua voz prosseguiu plácida e sonhadora. — Como algo saído de um livro, você disse, coronel. Eles tiveram a ideia ali. É o que o herói e a heroína inocentes fazem. Claro que isso o fez achar que eles eram inocentes, havia a força da tradição por trás deles. Mr. Satterthwaite vinha dizendo o tempo todo que parecia coisa de teatro. Vocês dois tinham razão. Não era real. Vocês vinham dizendo o tempo todo sem saber o que estavam dizendo. Eles teriam contado uma história muito melhor se quisessem que acreditassem nela.

Os dois homens olhavam para ele desamparados.

— Seria astuto — disse mr. Satterthwaite lentamente. — Seria diabolicamente astuto. E eu pensei em algo mais. O mordomo disse que entrou às sete para fechar as janelas, de modo que ele esperava que elas

estivessem abertas.

— Foi assim que Delangua entrou — disse mr. Quin. — Ele matou sir

James com um golpe, e ele e ela juntos fizeram o que tinham de fazer...

Ele olhou para mr. Satterthwaite, encorajando-o a reconstruir a cena.

Ele o fez, com hesitação.

— Eles despedaçaram o relógio e o colocaram de lado. Sim. Eles

alteraram o relógio e o despedaçaram. Em seguida, ele saiu pela janela, e ela a fechou depois de ele sair. Mas há uma coisa que não entendo. Por que

se preocupar com o relógio. Por que não atrasar simplesmente os ponteiros

do relógio?

— O relógio sempre foi um pouco óbvio — disse mr. Quin. — Qualquer

um poderia ter visto por um dispositivo tão transparente como este.

— Mas seguramente o relógio era forçado demais. Porque seria puro

acaso que nós viéssemos a pensar no relógio.

— Oh, não — disse mr. Quin. — Foi sugestão da senhora, lembrem.

Mr. Satterthwaite olhava para ele, fascinado.

— E, no entanto, vocês sabem — disse mr. Quin, sonhadoramente —, a

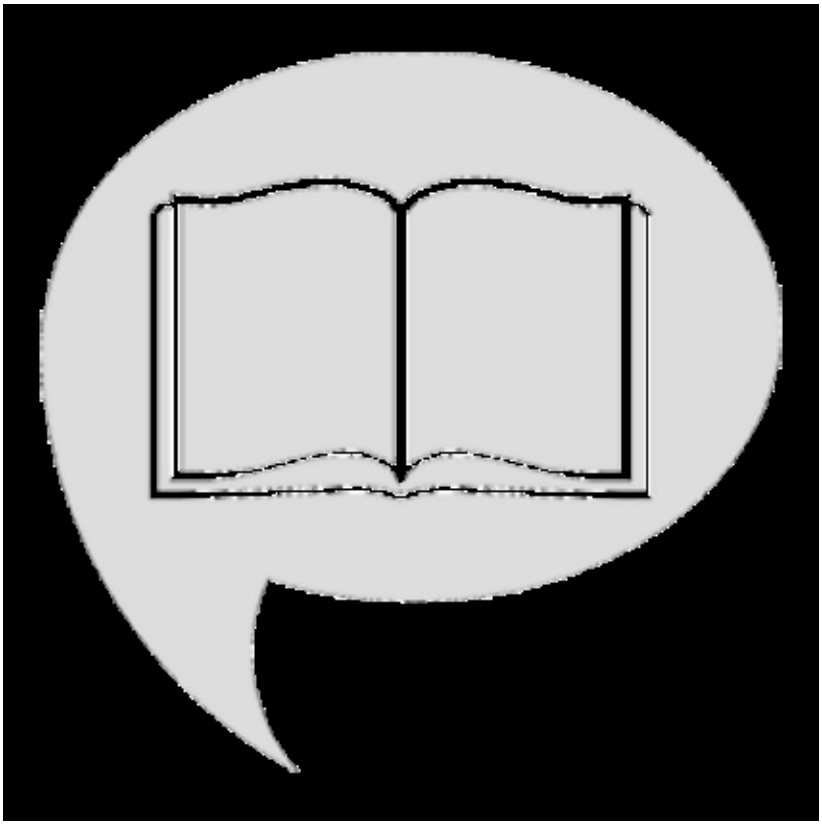
única pessoa que provavelmente não esqueceria o relógio seria o criado.

Criados sabem melhor do que ninguém o que seus amos carregam em seus

bolsos. Se tivesse alterado o relógio de mesa, o criado teria alterado o relógio de bolso também. Eles não compreendem a natureza humana,

aqueles dois. Não são como mr. Satterthwaite.

Mr. Satterthwaite balançou a cabeça.



— Eu estava completamente errado — ele murmurou humildemente.

— Achei que você tinha vindo para salvá-los.

— Assim o fiz — disse mr. Quin. — Oh! Não aqueles dois, — os outros. Talvez não tenha notado a criada da senhora? Ela não estava vestindo brocado azul, ou fazendo um papel dramático. Mas é realmente uma moça muito bonita, e creio que ela ama muito esse Jennings. Creio que vocês dois juntos conseguirão salvar esse homem de ser enforcado.

— Não temos nenhuma prova de qualquer tipo — disse o coronel Melrose, pesadamente.

Mr. Quin sorriu.

— Mr. Satterthwaite tem.

— Eu? — mr. Satterthwaite estava atônito.

— Você tem uma prova de que aquele relógio não foi quebrado no bolso de sir James — mr. Quin prosseguiu. — Não se pode quebrar um relógio como esse sem abrir a tampa. Tente, para ver. Alguém tirou o relógio para fora e o abriu, ajustou os ponteiros, quebrou o vidro, e depois o fechou e recolocou no bolso. Eles não devem ter notado que faltava um fragmento de vidro.

— Ah! — exclamou mr. Satterthwaite. Sua mão voou para o bolso de seu colete e saiu com um fragmento de vidro curvo.

Era o seu momento.

— Com isto — vangloriou-se mr. Satterthwaite —, eu salvarei um homem da morte.

FIM

[1] Cantiga de roda e de ninar inglesa. No original: *Three Blind Mice / Three Blind Mice / See how they run / See how they run / They all ran after the farmer's wife / She cut off their tails with a carving knife / Did you ever see such a sight in your life / As three blind mice.* [N.T.]

[2] No original, "ration books": pequenas cadernetas que funcionavam como controle do racionamento da comida e dos mantimentos que podiam ser consumidos por cada família, sobretudo durante a Segunda Guerra. [N.E.]

[3] Em inglês, "demobilization papers": documento fornecido pelo Exército que atestava que o soldado estava dispensado no serviço militar, seja pela paz conquistada, seja por dispensa pessoal.

[N.E.]

[4]Os dois são nomes de pássaros: “robin”, pintassilgo, e “wren”, corruíra. [n. t.]

[5] Menção a Hawley Harvey Crippen (1862-1910), um médico norte-americano que vivia na Inglaterra e foi executado por ter envenenado e matado a esposa. [n.e]

[6] Refeição equivalente ao café da manhã na Índia. [n.e.]

[7] Em inglês, *slack*: frouxo. [n. t.]

[8] Em inglês, *smut*, que tanto pode ser uma doença das plantas como obscenidade, pornografia. [n. t.]

[9] “The Third-Floor Flat” foi publicado originalmente em *Hutchinson’s Story Magazine*, janeiro de 1929.

[10] “The Adventure of Johnnie Waverly” foi publicado originalmente como “The Kidnapping of Johnnie Waverly” em *The Sketch*, 10 de outubro de 1923.

[11] Câmara secreta em certas casas da Inglaterra usadas para esconder padres católicos romanos quando eles estavam proscritos nos séculos xvi e xvii. [n. t.]

[12] “Four-and-Twenty Blackbirds” foi publicado originalmente nos Estados Unidos como “Four and Twenty Blackbirds” na *Collier’s Magazine*, 9 de novembro de 1940, e depois como “Poirot and the Regular Customer” em *The Strand*, março de 1941.

[13] Figura tradicional do tempo representado por um velho de barba branca carregando uma foice e uma ampulheta. [n.t.]

[14]No original, “*four-and-twenty blackbirds baked in a pie*” — trecho de uma cantiga de ninar inglesa.

[n.t.]

[15]“The Love Detectives” foi publicado originalmente nos Estados Unidos como “At the Crossroads”

em *Flynn's Weekly,* 30 de outubro de 1926, e depois como "The Magic of mr. Quin No. 1: At the Cross Roads" em *Storyteller,* dezembro de 1926.

Document Outline

- Poema - Três ratos cegos
- 1 - três ratos cegos
- 2 - uma estranha charada
- 3 - o crime da fita métrica
- 4 - o caso da empregada perfeita
- 5 - o mistério da caseira
- 6 - o apartamento do terceiro andar
- 7 - a aventura de johnnie waverly
- 8 - vinte e quarto melros
- 9 - os detetives do amor
- Notas